



GRANDES HOTÉIS CENTRAIS NO RIO DE JANEIRO (1908-1922)

da construção ao arrasamento dos edifícios

Nina Zonis Nepomuceno
orientadora . Maria Cristina Cabral

FAU UFRJ – Rio de Janeiro

TFG 2 . 2021

Às matriarcas que deram vida a minha história.

À Tania, cujas veias ainda pulsam intensas. Sempre presente.

À Paulina, cujo sorriso não tive o prazer de conhecer.

AGRADECIMENTOS

Às instituições públicas que me formaram. Ao Colégio Pedro II, minha segunda-primeira casa. À UFRJ, por reafirmar diariamente a importância do *fazer ciência*.

Ao CNPq, pelo investimento em pesquisas de iniciação científica – responsáveis por terem me apontado tantos novos caminhos possíveis.

Aos acervos de pesquisa, pelo árduo trabalho de preservação e compartilhamento de material precioso; e aos portais online, por tornarem possível a investigação, à distância, de histórias ainda não contadas. Em especial, ao portal de periódicos Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional; ao portal iconográfico Brasileira Fotográfica e ao atlas digital pesquisável diacrônico imagineRio.

À professora Maria Cristina, minha orientadora e grande exemplo como pesquisadora, pela confiança e pela jornada trilhada nos últimos anos.

Aos colegas e amigos do grupo de pesquisa Arquitetura, Cidade e Cultura, do LAURD/PROURB/FAU/UFRJ, pelas trocas e por terem, muitas vezes, me apresentado o *caminho das pedras*.

Às professoras que colaboraram com este trabalho. À Vera Borges, por ter tornado possível a intersecção entre campos – da bibliografia apresentada na recepção calorosa na UNIRIO aos comentários preciosos nas bancas. À Niuxa Drago, pelo envolvimento ao longo do caminho – da leitura atenta aos muitos saberes compartilhados.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, exemplo e educação, que me guiaram até aqui. Ao Carlinhos, mente inquieta, por sempre me estimular. À Shirlei, companheira arquiteta, pela troca, carinho e apoio diários.

Aos meus irmãos, pela parceria de ontem, hoje e amanhã. Ao Rodrigo, porto seguro, pelos conselhos. Ao Jonas, doutor-mestre, por tranquilizar.

Aos meus amigos, sem os quais a existência perderia o sentido.

Àqueles que me acompanharam como parceiros ao longo da graduação. Ao Fred, cúmplice em tantos traços e projetos. À Amanda, companhia provocadora e de trocas sinceras.

Àqueles que me motivam e me movem há tanto tempo. Ao Léo, pelo incentivo e carinho. À Flora, pelo colo e presença de sempre.

E tantos outros.

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre o estudo da arquitetura de hotéis, muitos não mais existentes, construídos no contexto de urbanização do Rio de Janeiro do início do século XX. O recorte de estudo que suscita a discussão são as edificações idealizadas como grandes hotéis no intervalo entre as exposições de 1908 e 1922. Lança-se luz sobre o conjunto de hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centrais* – Hotel Avenida (1908), Fluminense Hotel (1912), Rio Palace Hotel (1915), York Hotel (não concluído), Rio Hotel (1919) e Hotel Vera Cruz (1922). Entende-se que os estudos da arquitetura, do urbanismo e do turismo se voltaram, muitas vezes, para as transformações ocorridas nas condições excepcionais de grandes eventos, negligenciando certos capítulos essenciais para compreensão da história da cidade. Assim, tem-se como objetivo, refletir e discutir como se deu o processo de modernização no Rio de Janeiro do início do século XX por meio do programa *hotel* e de seus significados sociais, lançando luz a edifícios extintos ao longo das diversas remodelações urbanas empreendidas na área central da cidade. Assim, como metodologia, o trabalho se fundamenta no cruzamento entre três campos – histórias da arquitetura, urbana e do turismo – e recorre a registros da vida urbana da época, por meio da imprensa e da fotografia como participantes do processo de modernização do país. O estudo levanta informações sobre edifícios apagados e esquecidos, contribuindo para a reconstituição, não apenas da história dos hotéis, como também dos processos de transformação urbana e de consolidação da cidade como destino turístico.

Palavras-chave: grande hotel; modernização; grandes exposições; história da cidade.

LISTA DE IMAGENS

- Fig.01** – Hotel Avenida // Marc Ferrez // p.08
Fig.02 – Demolição do Hotel Avenida // - // p.08
Fig.03 – Obras para abertura da Avenida Central // Augusto Malta // p.11
Fig.04 – Avenida Central recém-inaugurada // Marc Ferrez // p.12
Fig.05 – Exposição Nacional de 1908 // Augusto Malta // p.14
Fig.06 – Desmonte do morro do Castelo // Júlio Ferrez // p.16
Fig.07 – Exposição Internacional de 1922 // Thiele e Kolien // p.17
Fig.08 – Avenida Beira-Mar // Marc Ferrez // p.18
Fig.09 – Planta da cidade do Rio de Janeiro // Graham e Metcalf // p.22
Fig.10 – Cais Pharoux // Marc Ferrez // p.31
Fig.11 – Largo do Paço // Marc Ferrez // p.31
Fig.12 – Hotel Pharoux, no Largo do Paço // Revert Henrique Klumb // p.32
Fig.13 – Hotel White, na Tijuca // Marc Ferrez // p.34
Fig.14 – Hotel dos Estrangeiros, no Catete // - // p.34
Fig.15 – Grande Hotel (antes Hotel Freitas) // Marc Ferrez // p.36
Fig.16 – População das capitais do país no ano de 1907 // Directoria Geral de Estatistica // p.37
Fig.17 – Palace Hotel // Augusto Malta // p.40
Fig.18 – (A) Hotel Avenida e, no lado oposto da via, (B) onde será edificado o Palace Hotel // Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria // p.42
Fig.19 – O Grande Hotel Avenida // Album Photographias D. Federal 1911-1920 // p.43
Fig.20 – Projeto para o Ritz Carlton Hotel // Gazeta de Notícias // p.44
Fig.21 – (A) Hotel Avenida já inaugurado, (B) onde será edificado o Palace Hotel, (C) onde teria sido construído o Ritz-Carlton Hotel // Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria // p.47
Fig.22 – Hotel Central // Augusto Malta // p.49
Fig.23 – Hotel Glória // Augusto Malta // p.51
Fig.24 – Hotel Sete de Setembro // Augusto Malta // p.51
Fig.25 – Hotel Copacabana Palace // Augusto Malta // p.52
Fig.26 – Hotel Copacabana Palace // - // p.52
Fig.27 – Evolução histórica de grandes hotéis inaugurados entre exposições // elaboração própria // p.53
Fig.28 – Notícia sobre o recém-inaugurado Hotel Copacabana Palace // Vida Carioca // p.55
Fig.29 – Notícia sobre os hotéis da cidade do Rio de Janeiro // Vida Doméstica // p.56
Fig.30 – Localização dos hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* // Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria // p.60
Fig.31 – Anúncio de alguns dos estabelecimentos da companhia // Jornal das Moças // p.62
Fig.32 – Reportagem *Os Grandes Hoteis Centraes*. // Fon Fon // p.65
Fig.33 – Notícia com o número de *touristes* que se hospedaram nos hotéis da companhia em 1916 // A Rua // p.66
Fig.34 – Tabela descritiva dos hotéis da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes* // elaboração própria // p.70
Fig.35 – Hotel Avenida // Marc Ferrez // p.71
Fig.36 – Hotel Avenida já com seu terraço // Augusto Malta // p.73
Fig.37 – Uma das alamedas da galeria dava acesso ao Largo da Carioca, para onde também se voltava uma das fachadas do Hotel Avenida // Marc Ferrez // p.74
Fig.38 – Anúncio do Hotel Avenida, *o maior do Brazil occupando todo o quarteirão* // Almanak Henault // p.76
Fig.39 – Reportagem sobre o arrasamento da Galeria Cruzeiro e do Hotel Avenida // Revista da Semana // p.78
Fig.40 – Reportagem em série *Era uma vez um hotel...*, em homenagem ao Hotel Avenida // A Noite // p.79
Fig.41 – Reportagem entusiasta sobre a inauguração do edifício Avenida Central // O Mundo Ilustrado // p.81
Fig.42 – Demolição do Hotel Avenida // - // p.82
Fig.43 – Edifício Avenida Central em construção // - // p.83
Fig.44 – Fluminense Hotel na Praça da República // Uriel Malta // p.84

Fig.45 – O parque projetado por Glaziou. O Campo de Santana antes da proclamação da República // Marc Ferrez // p.86

Fig.46 – Praça da República // Augusto Malta, com inserção própria // p.86

Fig.47 – Antigo edifício da Estação de Ferro Central do Brasil // por Marc Ferrez // p.87

Fig.48 – Fluminense Hotel e os dirigentes da companhia // Fon Fon // p.89

Fig.49 – Recomendação dos hotéis Avenida e Fluminense // Revista da Semana // p.90

Fig.50 – Notícia sobre a demolição de edifícios para a abertura da avenida Presidente Vargas // A Noite // p.92

Fig.51 – Rio Palace Hotel, no Largo São Francisco de Paula // Augusto Malta // p.93

Fig.52 – Anúncio do Rio Palace Hotel // Jornal das Moças // p.95

Fig.53 – Largo São Francisco de Paula // Marc Ferrez // p.98

Fig.54 – Largo do Rosário visto da Rua da Uruguaiana // Augusto Malta, com inserção própria // p.99

Fig.55 – Notícia sobre a inauguração do Rio Palace Hotel // Revista da Semana // p.100

Fig.56 – Anúncio do Edifício Patriarca, construído onde antes existia o Rio Palace Hotel // Correio da Manhã // p.102

Fig.57 – Anúncio do Hotel Vera Cruz // Almanach Eu Sei Tudo // p.103

Fig.58 – Anúncio do Hotel Vera Cruz // Almanach Eu Sei Tudo // p.105

Fig.59 – Imagem interna, da entrada do Hotel Vera Cruz // Gazeta de Notícias // p.109

Fig.60 – Imagem interna, de uma das salas de espera do Hotel Vera Cruz // Gazeta de Notícias // p.110

Fig.61 – Notícia de interdição do Hotel Vera Cruz // A Noite // p.112

Fig.62 – Praça Tiradentes // Augusto Malta // p.114

Fig.63 – Praça Tiradentes // Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria // p.115

Fig.64 – Teatro São Pedro de Alcântara // Marc Ferrez // p.118

Fig.65 – Praça Tiradentes // Augusto Stahl // p.121

Fig.66 – Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes marcada no retângulo ao centro // Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1858, com inserção própria // p.122

Fig.67 – Vista aérea da Praça Tiradentes // Jorge Kfuri, com inserção própria // p.124

Fig.68 – Notícia compara o New York Hotel a hotéis da metrópole norte-americana // Revista da Semana // p.126

Fig.69 – Projeto para o Ritz Carlton Hotel // Gazeta de Notícias // p.129

Fig.70 – Fotos do projeto do hotel e da antiga casa que existia no terreno // Correio da Manhã // p.130

Fig.71 – Capa de jornal, no dia seguinte à tragédia do York Hotel // Gazeta de Notícias // p.132

Fig.72 – Capa d'O Malho, sobre o acidente // O Malho // p.133

Fig.73 – Charge sobre o acidente do hotel // O Malho // p.134

Fig.74 – À direita na foto, o Rio Hotel, na Praça Tiradentes // Augusto Malta // p.135

Fig.75 – Notícia de inauguração do Rio Hotel // Fon Fon // p.137

Fig.76 – Anúncio do Rio Hotel // Almanach Eu Sei Tudo // p.140

Fig.77 – Anúncio dos *Armazens Grandella*, loja no térreo do Rio Hotel // Dom Quixote // p.141

Fig.78 – Anúncio dos *Armazens Grandella* // Para Todos // p.142

Fig.79 – Anúncio do restaurante do Rio Hotel – *Grill Room* // O Imparcial // p.143

Fig.80 – Vista atual do entorno do edifício do antigo Rio Hotel // Google Earth, com inserção própria // p.146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. Grandes Hotéis entre exposições (1908-1922).....	26
1.1. Grande Hotel – um novo programa arquitetônico para a cidade.....	27
1.2. Os hotéis até 1908.....	30
1.3. Panorama dos grandes hotéis (1908-1922).....	39
2. Da construção ao arrasamento dos edifícios.....	59
2.1. <i>A Companhia dos Grandes Hoteis Centraes</i>	61
2.2. Os hotéis da Companhia.....	67
2.2.1. Hotel Avenida (1908).....	71
2.2.2. Fluminense Hotel (1912).....	84
2.2.3. Rio Palace Hotel (1915).....	93
2.2.4. Hotel Vera Cruz (1922).....	103
3. Derradeiro grande hotel central.....	113
3.1. A Praça Tiradentes como centralidade.....	114
3.2. York Hotel – o desastre do arranha-céu não concluído.....	125
3.3. Rio Hotel (1919).....	135
3.4. O edifício no Centro de hoje.....	144
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIAS.....	152

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa se debruça sobre o estudo da arquitetura de hotéis, muitos não mais existentes, construídos no contexto de urbanização do Rio de Janeiro do início do século XX, traçando relação com as sucessivas transformações urbanas na cidade e o turismo em desenvolvimento no país. Desse modo, o estudo provém de uma dupla inquietação – tanto acerca das sobreposições e apagamentos recorrentes na cidade, como também em relação às ressignificações, com o decorrer do tempo, de edifícios que já figuraram como signos expressivos da era moderna:

“Hoje em dia, quando alguém frequenta, ou simplesmente contempla um hotel, jamais lhe ocorre esteja ele impregnado de rico passado cuja memória jaz dispersa. Seus antepassados, grandes ou modestos, tiveram uma função a cumprir na sociedade, e bem a desempenharam até o momento em que o progresso marcou-lhes o termo de suas existências. Outros logo vieram ocupar-lhes o lugar.”¹

No presente trabalho, a investigação teve como ponto de partida o caso do grande Hotel Avenida (fig. 01), como retrato da busca pela modernização da então capital do país ao longo do século XX. Construído para a Exposição Nacional de 1908, na recém-inaugurada Avenida Central, o hotel foi demolido 50 anos mais tarde para dar lugar ao edifício Avenida Central (fig. 02), inaugurado no ano de 1961 – em um contexto em que muitos exemplares ecléticos do Centro do Rio de Janeiro estavam sendo substituídos por torres de escritórios e de grandes corporações.

¹ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987, p.134.

Figura 01 – Hotel Avenida, c. 1908, por Marc Ferrez
Fonte: Brasileira Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

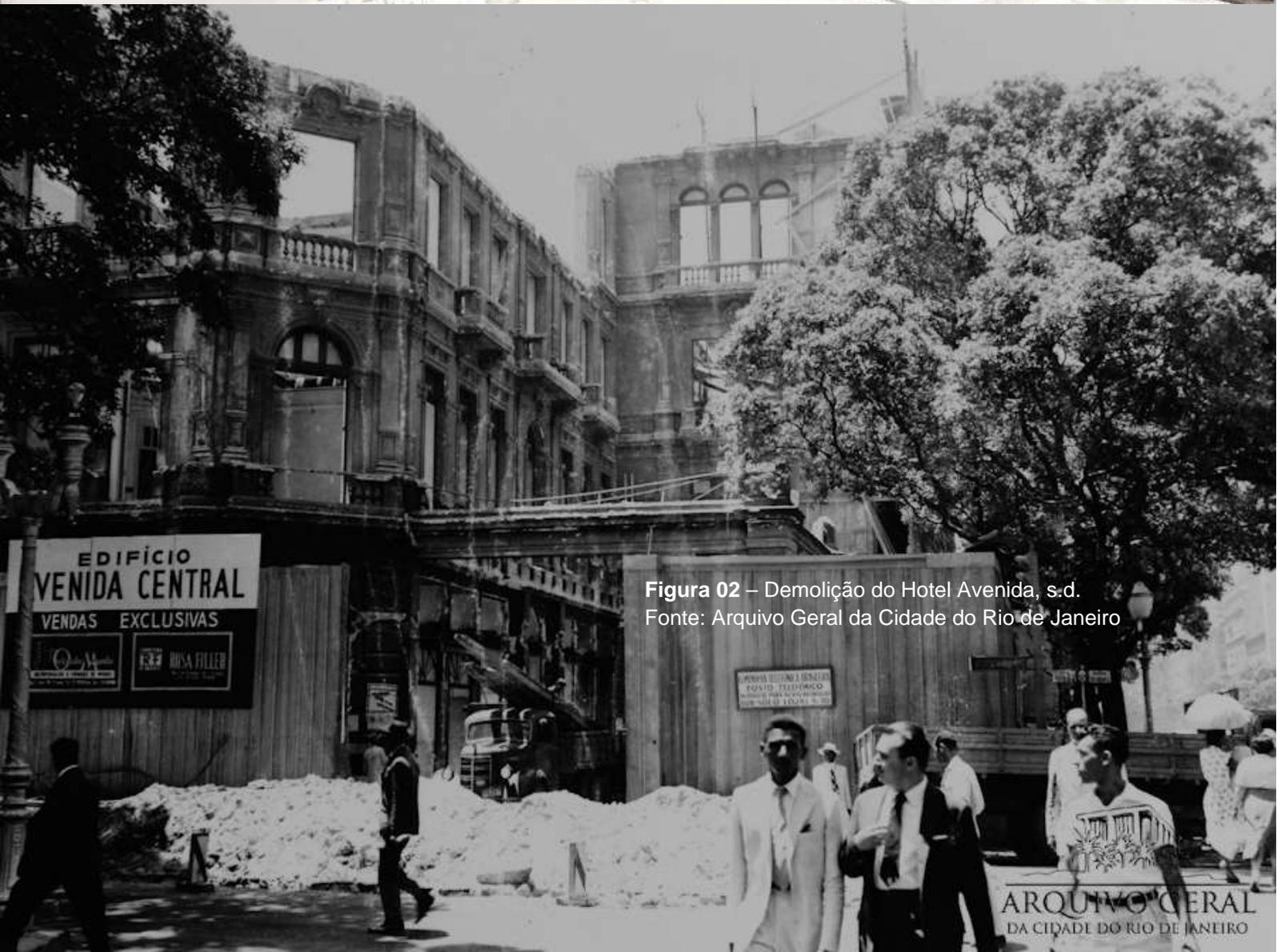


Figura 02 – Demolição do Hotel Avenida, s.d.
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

O recorte de estudo que suscita a discussão são as edificações idealizadas como grandes hotéis no intervalo entre os anos de 1908 e 1922, quando o Rio de Janeiro foi palco de duas grandes exposições – Exposição Nacional comemorativa do Centenário de Abertura dos Portos (1908) e Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (1922). Dentre o espaço amostral estudado, lança-se luz sobre o conjunto de hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* – Hotel Avenida (1908), Fluminense Hotel (1912), Rio Palace Hotel (1915), York Hotel (não concluído), Rio Hotel (1919) e Hotel Vera Cruz (1922).

A escolha dos hotéis a serem analisados parte, assim, de algumas premissas. Por um lado, foram projetados como grandes hotéis e têm como características em comum não apenas o adjetivo que lhes acompanha, como também o decorrente desejo de transmissão de uma imagem de modernidade, uma vez inaugurados no intervalo entre grandes eventos na cidade. Nesse sentido, no que diz respeito à narrativa histórica apreendida, pode-se perceber uma lacuna de estudos em relação aos hotéis edificadas entre as exposições de 1908 e 1922 ². Como ocorreram a construção e o desenvolvimento da cidade fora das condições excepcionais dos grandes eventos? Onde os grandes hotéis estavam sendo construídos?

Desse modo, por mais que os edifícios da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* tenham sido vastamente anunciados nos periódicos da época, pode-se perceber que pouco se foi estudado sobre essas edificações. O presente trabalho busca, assim, analisar o conjunto de grandes hotéis a partir do cruzamento entre três campos de estudo – história da arquitetura, história urbana e história do turismo –, de modo a compreender o papel desempenhado pelos edifícios na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX.

² No período em questão, as leituras até aqui revelaram estudos sobre apenas dois grandes hotéis – Hotel Central (1916) e Palace Hotel (1919), respectivamente:

SEGAWA, H. **As praias desertas continuam esperando por nós dois: o Flamengo e o Hotel Central**. (H. C. Vargas, C. Maraschin, Eds.) Anais do VI Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem-CINCCI. **Anais...Porto Alegre**, RS: FAUUSP/LABCOM, São Paulo, 3 set. 2018Disponível em: <<https://comercioecidade.com/anais/>>. Acesso em: 2 jan. 2020

CATTAN, R. C. DE M. **A Família Guinle e a Arquitetura do Rio de Janeiro: Um capítulo do eclétismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

As reformas urbanas e as grandes exposições

A cidade do Rio de Janeiro foi marcada por importantes transformações que ditaram seu processo de verticalização. Dentre elas, é imprescindível ressaltar o contexto da reforma Pereira Passos e sua importância para a história urbana carioca. Segundo Caderman e Caderman ³, as iniciativas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos, juntamente ao presidente Rodrigues Alves, podem ser consideradas como parte integrante da última fase da transformação de uma cidade colonial para uma cidade moderna.

Nesse sentido, é importante considerar um aspecto propulsor das transformações na cidade – o desejo de atrair visitantes estrangeiros ao Rio de Janeiro. Segundo Fratucci et al, a insalubridade afastava os potenciais viajantes, uma vez que não dispunha de condições básicas de higiene e saúde. Dessa forma, os autores colocam, ainda, que:

“Recém-saído do Império e da escravidão, e na condição de capital do Brasil, o Rio de Janeiro não era apenas repulsivo aos turistas, mas também aos imigrantes e aos investimentos estrangeiros, considerados pela elite dominante da época essenciais para a modernização do país” ⁴

Assim, movidos por preceitos como saneamento e embelezamento e por modelos implementados nas reformas realizadas por Haussmann em Paris no século XIX, os governantes buscavam dar feições modernas ao então Distrito Federal brasileiro. Nesse contexto, é essencial destacar a obra de abertura da Avenida Central – não apenas como uma das principais ações realizada pela reforma Pereira Passos ⁵, mas também como uma intervenção que só se tornou possível a partir do arrasamento do

³ CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019.

⁴ FRATUCCI, A. C.; SPOLON, A. P. G.; TOMÉ MACHADO, M. DE B. O turismo no Rio de Janeiro: da tríade praia-futebol-carnaval à complexidade da experiência turística contemporânea. In: PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. (Eds.). **Turismo na América Latina: casos de sucesso**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. p. 81–112, p. 84.

⁵ Conforme Abreu (1987), também pode-se destacar outras intervenções, como: Avenida Beira-Mar; Avenida de Ligação (atual Oswaldo Cruz); calçamento asfáltico, alargamento e arborização de vias públicas; implantação de estátuas e ajardinamento de praças; canalização de rios; novo porto da cidade e as avenidas que lhe dão acesso; túnel do Leme e avenida Atlântica; demolição dos cortiços; dentre outras.

tecido urbano e das construções pré-existentes. Conforme Caderman e Caderman ⁶, o processo conhecido como *Bota-Abaixo* foi responsável pela demolição de mais de 700 casas situadas no que hoje se conhece como Centro da cidade.



Figura 03 – Obras para abertura da Avenida Central, 1905, por Augusto Malta
Fonte: Brasileira Fotográfica, acervo Museu da República

⁶ CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019.



Figura 04 – Avenida Central recém-inaugurada, 1906, por Marc Ferrez
Avenida na altura da Rua do Ouvidor com Rua Miguel Couto
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Ainda sobre a inauguração da grande via pública, os autores expõem:

“Sua abertura marcou a mudança definitiva de uma fama insalubre do Centro e atraiu intensa procura de empresas, como os grandes hotéis, jornais, e de lojas de rua, que resgataram a vocação comercial, cultural e social da região. A ação caracterizou ainda a relação próxima que o Estado passaria a exercer sobre a cidade, iniciada, nesse caso, com a estreita relação entre Pereira Passos e o presidente Rodrigues Alves.”⁷

⁷ CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019, p.40, grifo nosso.

Assim, dentre os novos edifícios construídos na recém-aberta avenida, deve-se destacar os grandes hotéis, como o Hotel Avenida, inaugurado para a grande Exposição Nacional em comemoração ao Centenário de Abertura dos Portos, em 1908. Nesse sentido, é essencial compreender os grandes eventos como importantes fomentadores econômicos das grandes transformações realizadas na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX.

A Exposição Nacional de 1908 foi realizada entre 11 de agosto e 15 de novembro daquele ano, em uma área de 182.000 m², compreendida entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, na Urca ⁸ – um dos sítios vinculados ao próprio processo de fundação da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Pereira ⁹, o evento buscava não apenas atrair o olhar estrangeiro para o então Distrito Federal, mas também tinha como intuito exaltar o desenvolvimento e o comércio do país como um todo, de modo a esboçar um inventário do Brasil para os próprios brasileiros. Desse modo, a comemoração do centenário teria servido como pretexto para projetar e fortalecer a economia nacional naquele momento.

Além dos pavilhões dos estados do país ¹⁰, que se apresentavam como um dos fundamentos da grande exposição, é necessário pontuar o caráter do evento como espaço de entretenimento ¹¹ para a população, tendo sido frequentado por mais de um milhão de pessoas. Além de poderem assistir a óperas e concertos de música no teatro erguido para a ocasião, os visitantes poderiam ainda:

⁸ PEREIRA, M. S. A Exposição Nacional de 1908 ou O Brasil visto por dentro. In: PEREIRA, M. S. (org.). **1908, um Brasil em exposição**. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010, p.11-49.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Pode-se destacar alguns edifícios como os pavilhões do Distrito Federal, de São Paulo, de Minas Gerais e da Bahia. O único pavilhão estrangeiro da exposição era o de Portugal, de quem o Brasil há pouco havia se tornado independente politicamente (1822). Além disso, o grande evento também contou com pavilhões representantes da atividade industrial e econômica, como o da Fábrica de Tecidos Bangu e o da Sociedade Nacional da Agricultura

¹¹ As origens das exposições remontam à Inglaterra de meados do século XIX, onde foi sediada a primeira grande exposição universal. Segundo Perrotta (2011), no princípio, os eventos tinham intuito mercantil, como maneira de incentivar relações comerciais entre nações. Por mais que novos significados tenham sido adicionados ao longo do tempo, as exposições sempre tiveram como consequência direta a atração e reunião de pessoas. Para além de suas origens comerciais, os eventos passaram a ser tratados como grandes vitrines de divulgação da identidade nacional dos países – ou, ao menos, a imagem de modernidade que buscava ser transmitida no momento.

“[...] participar das batalhas de flores e de confete, assistir aos concursos hípicos, se encantar com a própria iluminação elétrica de vários pavilhões ou se maravilhar com os fogos de artifício de fábricas nacionais, inglesas e japonesas. Podiam também patinar, assistir ao cinematógrafo Segreto ou apreciar a maravilhosa vista da Baía, debruçando-se nas balaustradas do Setor de Diversões ou nos dois restaurantes – o do Pão de Açúcar e o Rústico.”¹²



Figura 05 – Exposição Nacional de 1908, por Augusto Malta
Pavilhões dos estados de Minas Gerais, à esquerda, e de São Paulo, à direita.
Fonte: Brasileira Fotográfica, acervo Museu da República

¹² PEREIRA, M. S. A Exposição Nacional de 1908 ou O Brasil visto por dentro. In: PEREIRA, M. S. (org.). **1908, um Brasil em exposição**. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010, p.11-49, p.48.

Desse modo, ao analisar o grande evento a partir de seu potencial turístico, vale pontuar, ainda, o desejo do país de se afirmar como destino para visitantes estrangeiros. Naquele momento, a partir do material levantado pela pesquisa, pode-se dizer que muito se discutia a preferência dos europeus pela capital de um país, sul-americano e vizinho ao Brasil. Segundo O'Donnell, a cidade do Rio de Janeiro era caracterizada como um mero lugar de passagem para viajantes rumo à Argentina, que “estavam à procura de modelos locais de civilização que, ainda que em cores próprias, lhes proporcionasse o acesso a padrões internacionais de conforto e lazer.”¹³ Assim, muito se associava Buenos Aires à imagem da cidade de Paris à época – uma reprodução da metrópole francesa na América do Sul.¹⁴ Ainda nesse contexto, vale destacar a realização de um grande evento na Argentina, que teria reforçado os olhares sobre a capital portenha – a comemoração do centenário da Revolução de Maio – no ano de 1910, dois anos após a grande Exposição Nacional brasileira.

Anos mais tarde, na década de 1920, o Brasil se rerepresentaria ao mundo a partir de um novo grande evento – a Exposição Internacional de 1922 em comemoração ao Centenário de Independência do país, realizada entre 07 de setembro daquele ano e 02 de julho do ano seguinte. Nesse contexto, vale considerar as reformulações pelas quais o Brasil vinha passando desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Conforme Santucci¹⁵, a partir da crise que atingiu o continente europeu após a guerra, a indústria brasileira iniciou um expressivo processo de diversificação de sua estrutura econômica – ainda voltada para a exportação de produtos primários, sobretudo o café, passava a incorporar a produção de cimento, aço, máquinas e produtos químicos. Desse modo, a grande exposição da década de 1920 se apresentava como uma oportunidade de a jovem República provar as possibilidades de seu progresso econômico e conseguir angariar novos investimentos de capital estrangeiro ao país.

¹³ O'DONNELL, J. **Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio atlântico**. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. **Anais...São Paulo**, SP: ANPUH-SP, 17 jul. 2011 Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/>>. Acesso em: 26 abr. 2020, p. 05.

¹⁴ A título de comparação, enquanto a população da cidade do Rio de Janeiro era de 811.443 habitantes, em 1907, a capital argentina contava com 1.231.698 habitantes no ano de 1909 – segundo dados dos censos de 1907 e 1920, realizados pela Diretoria Geral de Estatística.

¹⁵ SANTUCCI, J. C. **Babélica Urbe: o Rio nas crônicas dos anos 20**. Rio de Janeiro: IPPUR UFRJ, 2012.

Assim, de modo a preparar o Rio de Janeiro para o acontecimento, o presidente Epitácio Pessoa convidou o engenheiro Carlos Sampaio para assumir a prefeitura do então Distrito Federal. As reformas implementadas ao longo de sua gestão (1920-1922) são consideradas por Abreu ¹⁶ como essenciais para compreensão das transformações e expansão da cidade no início do século XX. Dentre as ações executadas em função da grande exposição, deve-se destacar o arrasamento do morro do Castelo – marco histórico de ocupação da cidade do Rio de Janeiro, que foi desmontado a partir de justificativas higienistas, responsáveis pela desapropriação de uma série de moradias na região. A terra removida do morro tornou possível o aterro da praia de Santa Luzia, onde os pavilhões ¹⁷ foram erguidos e o evento foi realizado.



Figura 06 – Desmorte do morro do Castelo, com mangueiras hidráulicas, 1921-22, por Júlio Ferrez
Fonte: *O Rio do morro ao mar*, Arquivo Nacional

¹⁶ ABREU, M. DE A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 1987.

¹⁷ Além dos pavilhões nacionais, o evento contou com a participação de 14 pavilhões estrangeiros.



Figura 07 – Exposição Internacional de 1922, por Thiele e Kollien
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Assim como na ocasião da exposição de 1908, novas opções de hospedagem foram encomendadas para receber os visitantes. Dessa vez, construídas nos arredores da cidade, tratavam-se de grandes hotéis à beira-mar – Hotel Glória; Hotel Balneário Sete de Setembro, na praia do Flamengo; Hotel Balneário da Urca; e Hotel Copacabana Palace – que serão analisados no capítulo 01 do trabalho. Nesse sentido, é importante pontuar que, naquele momento, o espaço hoje conhecido como Zona Sul da cidade já se mostrava ocupado, processo que, segundo Abreu ¹⁸, teria se acelerado a partir da implementação do serviço de bondes na segunda metade do século XIX – possibilitando a ligação dos arredores ao que se configurava como área central da cidade.

¹⁸ ABREU, M. DE A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 1987.

Ainda quanto à urbanização da região, pode-se dizer que novos investimentos e iniciativas seguiram sendo direcionadas para os arrabaldes ao sul da cidade do Rio de Janeiro. No início do século XX, ações de prefeitos como Pereira Passos (1903-1906), Serzedello Corrêa (1909-1910), Paulo de Frontin (1919) e Carlos Sampaio (1920-1922) – como a reestruturação do sistema viário a partir da criação de novas vias públicas –, foram essenciais para o adensamento de novos centros que começavam a se formar. Dentre as obras realizadas, vale destacar a abertura da Avenida Beira-Mar e do túnel do Leme, durante a gestão de Passos; o saneamento dos bairros de Copacabana e Ipanema, por Serzedello Corrêa; a Avenida Meridional (atual Delfim Moreira) e o alargamento e pavimentação da Avenida Atlântica por Paulo de Frontin; a Avenida Portugal e o alargamento da Avenida Niemeyer por Carlos Sampaio; e muitas outras.



Figura 08 – Avenida Beira-Mar, inaugurada por Pereira Passos, 1906, por Marc Ferrez
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Nesse sentido, os novos grandes hotéis construídos para a exposição de 1922 reforçavam esse direcionamento da cidade e são ainda hoje compreendidos como edifícios importantes para compreensão da história urbana do Rio de Janeiro e sua afirmação como cidade balneária. Além disso, nota-se, ainda, que muitos autores destacam a Exposição Internacional da década de 1920 dentro do contexto das origens do turismo organizado no Brasil. Castro ¹⁹ aponta dois marcos históricos, ambos ocorridos no ano de 1923, são eles: a inauguração do Hotel Copacabana Palace – encomendado para a exposição do ano anterior – e a criação da Sociedade Brasileira de Turismo – que se torna Touring Club do Brasil, em 1926.

Da mesma maneira, o campo da arquitetura conta com diversos estudos acerca dos grandes hotéis à beira-mar da década de 1920, os quais se apresentam como edifícios ainda existentes e como patrimônios protegidos, mas pouco se sabe sobre os edifícios anteriores, que ocupavam o Centro da cidade, e que foram demolidos ao longo de transformações urbanas no decorrer do século XX. Desse modo, retoma-se à percepção de uma lacuna na história dos hotéis da cidade do Rio de Janeiro – o que teria sido construído entre os anos de 1908 e 1922? Como ocorreram a construção e o desenvolvimento da cidade fora das condições excepcionais dos grandes eventos?

Ainda nessa perspectiva, vale destacar que a história moderna da arquitetura constituiu-se a partir da análise do objeto arquitetônico descolado de eventos passados ou, ainda, de sua inserção urbana na cidade. Desse modo, desprezando-se o contexto do fim do século XIX e início do século XX, foi consolidada a ideia de uma dita arquitetura inédita, que teria *surgido* na década de 30. Assim, partindo do entendimento de que por trás de todo marco, existe um contexto histórico a ser compreendido, a pesquisa compreende a necessidade de construção de narrativas não mais calcadas em eventos singulares desconectados.

Dessa forma, como objetivo geral do trabalho, busca-se refletir e discutir como se deu o processo de modernização e de transformações urbana e arquitetônica na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX por meio do programa *hotel* e de seus

¹⁹ CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Ed.). . **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 80–87.

significados sociais. Assim, busca-se lançar luz a um momento negligenciado pela história da cidade e da arquitetura através do estudo de edifícios extintos ao longo das diversas remodelações urbanas, contribuindo, também, para o debate sobre o apagamento da arquitetura eclética no Centro do Rio de Janeiro.

Como objetivos específicos, pretende-se preencher algumas lacunas observadas na história dos hotéis da cidade, de modo a colaborar com estudos futuros de pesquisadores de diversos campos – em especial, arquitetos, urbanistas, historiadores, antropólogos e turismólogos. Além disso, compreender os impulsos que motivaram a construção desses edifícios, de modo a traçar relações entre a hotelaria em desenvolvimento no Rio de Janeiro; as grandes exposições; as transformações urbanas; os agentes responsáveis pelos hotéis; e sua relação com a cidade.

Do ponto de vista metodológico, tendo em vista a carência de estudos acerca dos hotéis selecionados, foram realizadas pesquisas a acervos e levantamento de fontes primárias. Por meio de registros da vida urbana da época, buscou-se resgatar a história da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, que tinha os grandes hotéis como um dos símbolos da capital de uma jovem República que se modernizava.

Por um lado, partiu-se da investigação de almanaques e periódicos, consultados a partir do acervo da *Biblioteca Nacional*, no portal da *Hemeroteca Digital Brasileira*, tendo em vista o papel da imprensa como parte ativa do processo de modernização no país. Deve-se ressaltar que, como muito pouco se foi estudado acerca dos hotéis selecionados, foram utilizadas reportagens de fontes diversas – desde revistas semanais a jornais de grande circulação ²⁰ –, buscando coletar o máximo de informação e dados possíveis. A grande maioria das buscas foi realizada entre os anos de 1910 e 1919, no momento de inauguração dos hotéis, mas também foram utilizadas notícias das décadas de 1940 e 1950, de modo a recuperar o momento de demolição dos edifícios.

²⁰ No período estudado, pode-se destacar os títulos *Jornal do Commercio* (1827), *Almanak Laemmert* (1844), *Gazeta de Notícias* (1875), *Jornal do Brasil* (1891), *Revista da Semana* (1900), *Fon Fon* (1907), *A Noite* (1911), dentre outros. De modo a facilitar a leitura do trabalho, o texto das notícias e anúncios citados foram revisados e atualizados segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Por outro lado, recorreu-se a fotografias que retratassem a cidade da época – muitas delas são fruto do trabalho de dois importantes fotógrafos, Marc Ferrez e Augusto Malta ²¹. Nesse sentido, o presente trabalho fundamenta-se no que foi posto por Boris Kossoy ²², ao considerar a fotografia como importante instrumento de estudo, capaz de construir realidades. Segundo o fotógrafo e historiador, ao aliar as imagens à pesquisa e a um conhecimento prévio do contexto e dos costumes da época, as fotografias podem funcionar como um portal para histórias do passado, que não estavam descritas em palavras. Parte-se, ainda, do entendimento da importância da fotografia não apenas na apreensão da narrativa construída, mas também como um dos signos expressivos da era moderna, muitas vezes utilizado para enaltecê-la.

Desse modo, a partir do material levantado, procurou-se analisar características dos edifícios, como: implantação urbana, a partir da percepção de diferentes centralidades na cidade; o número de pavimentos, que já simbolizava o início de uma nova era de construções no Centro do Rio de Janeiro; aspectos programáticos, como número de quartos e espaços coletivos de convivência do hotel; público-alvo e sua relação com a localização do estabelecimento na cidade; e o histórico de ocupação do terreno – o que existia antes, e o que passou a existir depois da demolição do edifício. A partir da investigação de tais questões e por meio da sistematização do material levantado por meio de tabelas, mapas e linha do tempo, procurou-se analisar os grandes hotéis como um conjunto, a fim de compreender o que havia de comum e a que demandas buscavam atender.

Ainda nesse sentido, dentre os parâmetros de investigação selecionados, é essencial destacar a compreensão da inserção urbana de cada estabelecimento analisado. Como o próprio nome da companhia sugere, todos estavam inseridos no que hoje se compreende como *área central da cidade*. Naquele momento, os bairros próximos ao

²¹ Marc Ferrez é considerado o principal fotógrafo brasileiro do século XIX. Muito reconhecido pelas fotografias panorâmicas da cidade do Rio de Janeiro, seu trabalho também compreende imagens de outras regiões do país e de temas diversos. Augusto Malta foi o primeiro fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro, já no século XX. Foi responsável pela documentação da reforma Pereira Passos e, além de registrar as transformações urbanas do então Distrito Federal, sua obra foi capaz de eternizar imagens do cotidiano da época, dos hábitos e costumes do carioca.

²² KOSSOY, Boris. Os mistérios da fotografia. **Revista Continuum – Itaú Cultural: o olhar em fragmentos**, n. 13, p.17-23, ago. 2008.

que hoje se conhece como *Centro da cidade* eram chamados de freguesias. Segundo Abreu ²³, em 1821 a cidade contava com 05 freguesias – Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita e Santana. Em 1854, foi criada a freguesia de Santo Antônio – atuais Lapa, Catumbi, Estácio e Santa Teresa. O presente trabalho, ao se referir à *área central da cidade* trata, sobretudo, da região onde se concentravam os estabelecimentos estudados – compreendida entre as freguesias de Sacramento, Santana e de Santo Antônio.

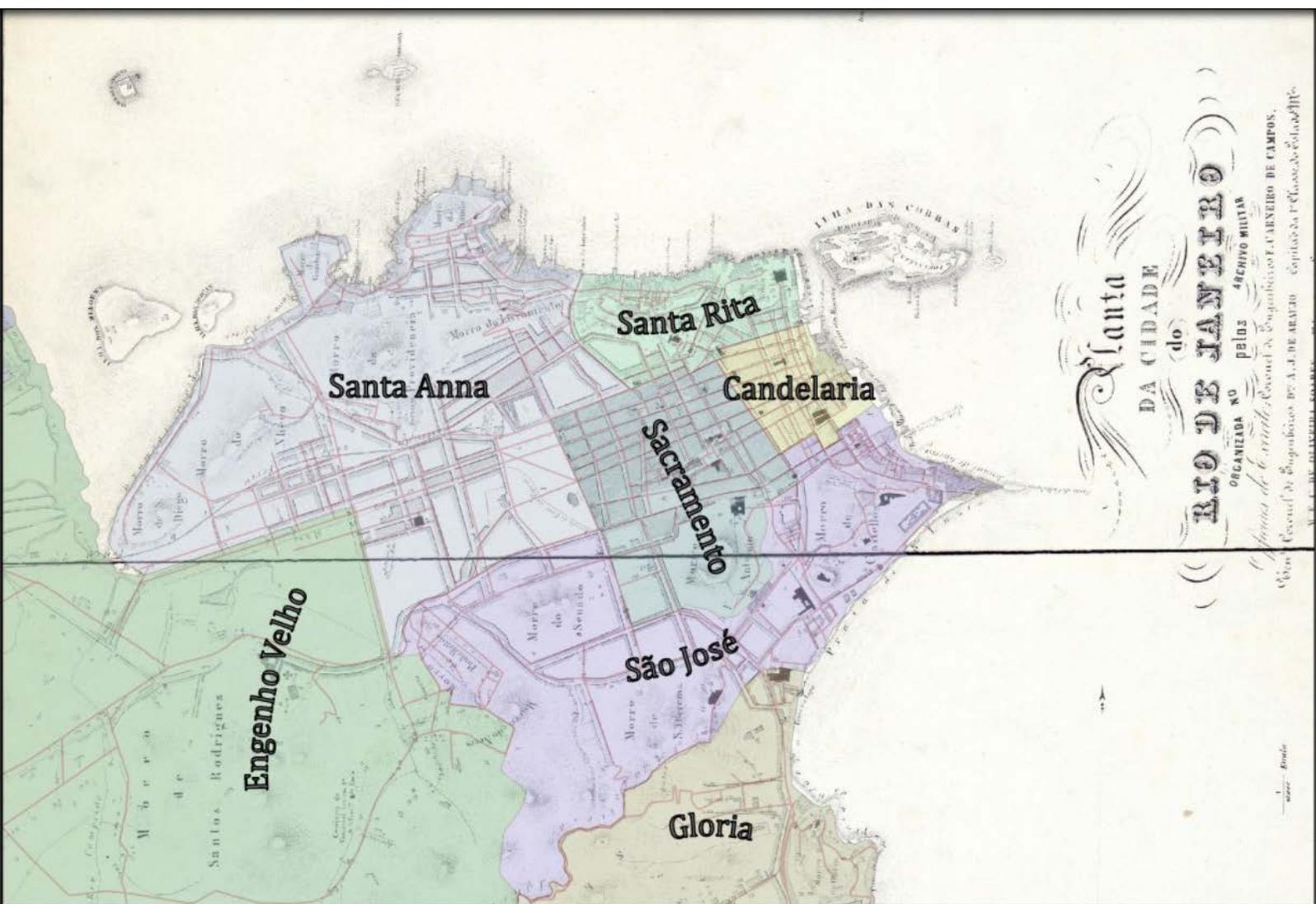


Figura 09 – Planta da cidade do Rio de Janeiro, 1858, por F. C. de Campos
 Fonte: GRAHAM e METCALF, O cotidiano de Henriqueta nas ruas do Rio...,

²³ ABREU, M. DE A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 1987.

O presente trabalho também parte, assim, do estudo de Rachel Sisson ²⁴, acerca dos diferentes centros da cidade do Rio de Janeiro. Conforme Sisson ²⁵, o Rio de Janeiro teria conhecido *três centros* em diferentes períodos político-administrativos. Segundo a autora, a percepção das centralidades estaria relacionada à concentração de edificações representativas de esferas dos poderes religioso, militar e civil. Após a ocupação do largo do Paço, a confluência de *marcos referenciais urbanos* teria se deslocado, ainda no período monárquico, para o entorno do Campo de Santana e, no período republicano, para a Praça Floriano. Contudo, por mais que esses locais tenham se configurado como importantes núcleos simbólicos da cidade, a presente pesquisa, a partir da análise da inserção urbana dos grandes hotéis centrais selecionados, busca lançar luz a outros espaços que também teriam exercido papel de centralidades no Rio de Janeiro do início do século XX.

Além disso, deve-se ressaltar outro importante critério analisado – o número de pavimentos de cada estabelecimento e sua relação com o processo de verticalização da cidade. No momento de inauguração dos grandes hotéis estudados, conforme Caderman e Caderman ²⁶, a área central do então Distrito Federal apresentava gabarito modesto na maior parte de sua malha urbana – muitos sobrados que não ultrapassavam 03 ou 04 pavimentos de altura, o que só passaria a ser alterado de forma mais expressiva a partir de 1925 por meio dos decretos do prefeito Alaor Prata, que regulariam as alturas dos edifícios a partir da nova técnica do concreto armado. Nesse sentido, procura-se compreender o destaque que os grandes hotéis dispunham na então capital da República, bem como o papel que exerceram no processo de verticalização da cidade.

O trabalho se estrutura em 03 capítulos. O primeiro trata do programa *hotel* na cidade do Rio de Janeiro até o grande evento de 1922. Em sequência cronológica, primeiro

²⁴ SISSON, R. **Espaço e poder: os três centros do Rio de Janeiro e a chegada da Corte Portuguesa** = Space and power: the three centers of Rio de Janeiro and the arrival of the Portuguese Court [tradução de Marcia Barbosa Serra]. Rio de Janeiro: Arco, 2008.

²⁵ Ibidem.

²⁶ CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019.

reconstrói-se, sobretudo a partir da leitura de Belchior e Poyares ²⁷, a cena dos hotéis e casas de hospedagem antes da inauguração do grande hotel Avenida, encomendado para a exposição de 1908. Em seguida, a partir do cruzamento entre estudos de outros pesquisadores e análises desenvolvidas pela presente pesquisa, discute-se a construção dos grandes hotéis que passaram a ser inaugurados no Rio de Janeiro nos anos seguintes, a partir: do edifício, sua inserção urbana e dos agentes responsáveis pela administração dos estabelecimentos. Nesse sentido, procurou-se compreender e inserir o conjunto de estabelecimentos da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* no contexto dos demais grandes hotéis que ocupavam a cidade naquele momento.

O segundo e o terceiro capítulo, por sua vez, concentram a contribuição mais expressiva da pesquisa, a partir da investigação dos grandes hotéis administrados pela *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*. No segundo capítulo, cada grande hotel é analisado, sobretudo, por meio das características ressaltadas em anúncios e notícias da época de sua inauguração. Além disso, destaca-se a inserção urbana dos estabelecimentos em largos e praças da área central da cidade. O recorte do estudo abrange: Hotel Avenida (1908 – Avenida Rio Branco / Largo da Carioca); Fluminense Hotel (1912 – Praça da República); Rio Palace Hotel (1915 – Largo São Francisco de Paula); York Hotel (não concluído, deu lugar ao Rio Hotel, 1919 – Praça Tiradentes) – ambos analisados no capítulo 03; e Hotel Vera Cruz (1922 – arredores da Praça Tiradentes). Cada estabelecimento conta, ainda, com uma breve análise do seu momento de demolição – a grande maioria dos edifícios foi derrubada entre as décadas de 1940 e 1950.

Por fim, o terceiro capítulo aborda o caso do Rio Hotel, o único edifício inserido no recorte de estudo que ainda existe na cidade. A análise do estabelecimento segue, de modo geral, os mesmos parâmetros de estudo utilizados no capítulo anterior, mas pode-se dizer que são explorados de forma mais aprofundada. Para compreensão da inserção urbana do edifício, é retomada, a partir da leitura de bibliografia especializada e análises de mapas e fotografias, a história de ocupação da Praça Tiradentes. Além

²⁷ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

disso, diferentemente dos demais estabelecimentos da companhia, já demolidos, apresenta-se uma breve análise do contexto atual de inserção do antigo Rio Hotel na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, este trabalho tem como intuito investigar arquitetura, cidade e turismo a partir do estudo dos edifícios – não como objetos isolados, mas como um conjunto capaz de nos revelar valores, imaginários e aspectos sociais essenciais para a compreensão da história urbana do Rio de Janeiro. Assim, os grandes hotéis centrais construídos entre as exposições de 1908 e 1922 parecem ser um caso particularmente fértil para a análise das transformações da vida e da cidade, não só no âmbito local, mas como elementos que fazem parte da construção de um imaginário do país vendido internacionalmente.

1. Grandes hotéis entre exposições (1908-1922)

Neste capítulo, será apresentado um panorama do que se entendia como grande hotel na cidade do Rio de Janeiro até o início do século XX, mais especificamente até a ocasião da grande Exposição de 1922. Nesse sentido, tal investigação teve como intuito contextualizar e inserir o conjunto de hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* na cena dos demais grandes hotéis que povoavam a cidade naquele momento.

Nesse contexto, os estudos partem da definição do *grande hotel* como um novo programa arquitetônico para uma cidade que se modernizava. Por meio de pesquisas que se debruçaram sobre a questão dos grandes hotéis e das origens do turismo no Rio de Janeiro, buscou-se evidenciar que a construção de edifícios concebidos especialmente para abrigar o programa *hotel* era algo recente na cidade do início do século XX que, impulsionada pelos grandes eventos, passava a investir na recepção de visitantes estrangeiros.

Dessa forma, será apresentada uma breve análise dos grandes hotéis inaugurados entre os anos das duas grandes exposições – 1908 e 1922 –, de modo a compreender não apenas os administradores e agentes vinculados aos estabelecimentos, mas ainda, aonde estavam localizados os grandes hotéis que passavam a coexistir no então Distrito Federal. Por fim, procurou-se demonstrar que, por mais que os arrabaldes da cidade já fossem ocupados por casas de hospedagem desde o século XIX, os edifícios inaugurados em razão do evento da década de 1920 inauguraram uma nova fase na cena da hotelaria do Rio de Janeiro que, cada vez mais, ia consolidando seu potencial como cidade turística balneária.

1.1. Grande Hotel – um novo programa arquitetônico para a cidade

“O hotel em uma cidade é o barômetro de sua civilização e de seu futuro” ²⁸

Como abordado na introdução desse trabalho, o início do século XX foi marcado por uma série de remodelações na cidade do Rio de Janeiro, muitas delas relacionadas a uma busca por uma nova feição para a então capital do país. Assim como as grandes reformas urbanas e os grandes eventos realizados, a cidade passou a se deparar com a construção de grandes hotéis, edifícios que passaram a ganhar certo protagonismo na vida urbana carioca. Para que seja possível diferenciá-los do que já existia como hospedarias na cidade até então, vale pontuar o que se compreende a partir da expressão *Grande Hotel*.

Pode-se dizer que o termo *hotel*, como hoje se conhece mundialmente, teve suas origens na França. Conforme Belchior e Poyares ²⁹, *hôtel* designava, em particular, a residência do rei francês, mas se generalizou para outros edifícios suntuosos, que fossem mais imponentes do que as demais construções do entorno. Se por um lado, aristocratas, embaixadores e grandes funcionários residiam em seus *hôtels*, edificações de mesmo nome também poderiam se configurar como sendo de caráter público: “O *Hôtel des Invalides*, desde 1670, abrigava oficiais e soldados inválidos da pátria; o *Hôtel-Dieu* abria suas portas para socorrer enfermos, na maioria carentes; [...] o *Hôtel de Ville* sediava a municipalidade” ³⁰.

Ainda segundo Belchior e Poyares, muitos aristocratas franceses não se poupavam a alugar quartos mobiliados de suas residências ou mesmo o *hotel* inteiro quando se ausentavam durante algum tempo. Assim, a palavra *hotel* passou a ser empregada como é conhecida atualmente:

²⁸ Progrès et Lacune. **L'Étoile du Sud - journal politique, littéraire et financier**, p. 01, 26 nov. 1911, tradução nossa.

²⁹ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

³⁰ Ibidem, p.51.

“[...] o termo aplicou-se às casas abertas ao público que alugavam temporariamente quartos mobiliados, os hotéis hoje conhecidos, e que pretendiam frisasse o nome a excelência das instalações e a qualidade dos serviços oferecidos, capazes de proporcionar aos hóspedes um estado semelhante ao encontrado nas mansões senhoriais, os verdadeiros *hôtels*. Com o tempo, a palavra popularizou-se, a ponto de abranger qualquer estabelecimento que alugasse quartos, [...]. Todavia, jamais deixou de o luxo e o conforto marcarem a ideia de hotel, distinguindo-os de outras casas de hospedagem”³¹

Nesse sentido, a relação estabelecida entre hotel, aristocracia, luxo, status e conforto é essencial para a compreensão de um novo tipo de edifício que passou a fazer parte da paisagem de grandes centros urbanos no século XIX. Conforme Denby (*apud* Paiva e Diógenes)³², o *grande hotel* surgiu a partir de transformações de estalagens e hospedarias, que se tornaram possíveis por conta das várias formas dos avanços da modernidade. Destinado a uma classe social de alto poder aquisitivo, o *grande hotel* passou a contar não apenas com novas tecnologias construtivas – como, aço concreto, vidro e elevador – mas também se tornou viável por conta do desenvolvimento dos meios de transporte – estradas e ferrovias – que viabilizaram o acesso de possíveis hóspedes e frequentadores. Além disso, pode-se acrescentar ainda, por conta disso e por conta de seu caráter como programa habitacional, a própria potência dos grandes hotéis como precursores de residências multifamiliares, que passaram a incorporar os modos de construir empregados nos grandes estabelecimentos de referência.

Ainda segundo Paiva e Diógenes³³, quando estas edificações começaram a ser construídas na Europa do século XIX, percebia-se que muitos fragmentos socioespaciais do Antigo Regime passaram a coexistir com a modernidade. Assim, por mais que as inovações não fossem necessariamente incorporadas em termos

³¹ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987. p.51

³² PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N. **O “grande hotel” moderno no Brasil e em Portugal**. (J. C. HUAPAYA ESPINOZA, Ed.) Anais do 13º Seminário Docomomo_Brasil. **Anais...Salvador**, BA: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia., 7 out. 2019

³³ *Ibidem*.

formais de maneira clara, estavam evidentes sobretudo no programa de necessidades, que buscava atender a novas demandas sociais e culturais de uma burguesia urbana em ascensão. Nessa perspectiva, o público-alvo muito se relaciona com o caráter das edificações do *grande hotel*:

“O ‘Grande Hotel’ se distinguia de outros meios de hospedagem como um signo de consumo de luxo, que se revelava não somente de forma quantitativa (número de quartos e cômodos), mas qualitativa, por intermédio do estilo, da formalidade, da ostentação, da qualidade elevada dos serviços e do tipo de viajantes, que direcionavam o seu acesso a um público seletivo, mediante o elevado custo das diárias.”³⁴

Desse modo, o presente trabalho compreende o *grande hotel* como programa arquitetônico que surge como dispositivo expressivo da modernidade, essencial para a compreensão das transformações do espaço urbano e do processo de construção do imaginário turístico de uma cidade.

³⁴ PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N. O “**grande hotel**” moderno no Brasil e em Portugal. (J. C. HUAPAYA ESPINOZA, Ed.) Anais do 13º Seminário Docomomo_Brasil. **Anais...Salvador**, BA: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia., 7 out. 2019. p.04

1.2. Os hotéis até 1908

O Rio era uma cidade que se transformava sob o lema da *modernização* e que, agora, contava com um novo programa arquitetônico, condizente com esse processo. Para que se possa analisar a profusão de grandes hotéis no Rio de Janeiro do início do século XX, é essencial compreender o contexto das hospedarias presentes na cidade até então. Para tanto, recorremos à pesquisa de Belchior e Poyares (1987):³⁵

“Neste ambiente em mutação, surgem e se desenvolvem os hotéis, secular ponto de convívio humano. Plásticos, cada um se conforma ao nível social e aos recursos de quem os frequenta. No firmamento de muitos, estrelas refulgem em constelações, iluminando o ir e vir de estrangeiros de passagem, diplomatas acreditados, políticos poderosos, barões e capitalistas, todo o grande mundo da sociedade fluminense, contrastando com outros, onde apenas tremeluz uma estrela solitária. A grande maioria deles volta-se para a classe média: nos hotéis, além de encontrar moradia e alimentação, ela se diverte, conversa, convalesce, ama... O hotel é uma nova instituição na sociedade que se transforma.”³⁶

Antes de ser povoada por grandes hotéis, a então capital do país há tempos já estava familiarizada com uma série de casas de hospedagem. No início do século XIX, além de abrigo, muitos estabelecimentos também ofereciam alimentação, o que muito se relaciona com as origens da hospitalidade e da hospedaria, nos tempos em que não necessariamente se configuravam como serviço pago.³⁷ Ainda conforme o estudo consultado, com a chegada da Corte, uma nova demanda se fez necessária, a fim de receber o contingente de pessoas que passou a desembarcar na cidade, seja do ponto de vista temporário ou permanente – desembarque esse realizado no *Cais Pharoux* (fig. 10), no Largo do Paço (fig. 11), então núcleo da cidade, onde se concentraram as hospedarias cariocas até meados do século XIX (fig. 12).

³⁵ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

³⁶ *Ibidem*, p.121, grifo nosso.

³⁷ Tal relação direta entre hospedagem e alimentação segue presente nos hotéis cariocas estudados neste trabalho, como será analisado nos capítulos 02 e 03.

Figura 10 – Cais Pharoux, c. 1880, por Marc Ferrez
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles



Figura 11 – Largo do Paço, c. 1895, por Marc Ferrez
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles





Figura 12 – Hotel Pharoux no Largo do Paço, c. 1865, por Revert Henrique Klumb
Um dos hotéis de maior prestígio do período imperial
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo FBN

Ainda em relação à localização dos estabelecimentos, os hotéis mais criticados pelos estrangeiros que relatavam sua estadia na cidade eram aqueles situados na área central da cidade. Enquanto no centro, ocupavam simples sobrados ou casas térreas pré-existentes, muitos estabelecimentos localizados nos arrabaldes do Rio de Janeiro faziam uso de mansões e palacetes:

“A prática de alugar ou adquirir mansões e palacetes para hotéis, intensificou-se quando muitos se descentralizaram para arrabaldes afastados, como Catete, Botafogo, Andaraí Pequeno, Santa Teresa e Jardim Botânico. Os proprietários, quase sempre estrangeiros, conseguiram com isto apresentar aos hóspedes maior conforto, conjugando-o com as vantagens da proximidade de banhos de mar, clima agradável ar menos poluído, livrando-os do ruído do trânsito e da algaravia dos escravos nos mercados e nas ruas centrais”³⁸

Dentre os muitos hotéis existentes nos *arrabaldes afastados*, é possível destacar: Hotel dos Estrangeiros (1849) (fig. 14), Carson’s Hotel (1874) e Grande Hotel Vitória (1889) no Catete; Hotel d’Anglaterra (1872), Hotel Versailles (1876), Chalet Olinda (1881) e Grande Hotel Balneário (1881), em Botafogo; Hotel Bennett (1854) – renominado Hotel White (fig.13), Hotel Aurora (1860), Hotel Jourdain (1876), Hotel Vila Moreau (1877), Hotel Tijuca (1894), no Andaraí Pequeno, Tijuca e arredores; Grande Hotel Santa Teresa (1859), Hotel Vista Alegre (1876), Grande Hotel Internacional (1892), em Santa Teresa; Hotel das Paineiras ou do Corcovado (1884), na estrada de ferro do Corcovado; Grande Hotel Metrópole (1894), em Laranjeiras; Hotel do Jardim Botânico (1879), Hotel da Copacabana (1878) e Hotel do Leme (1879).³⁹

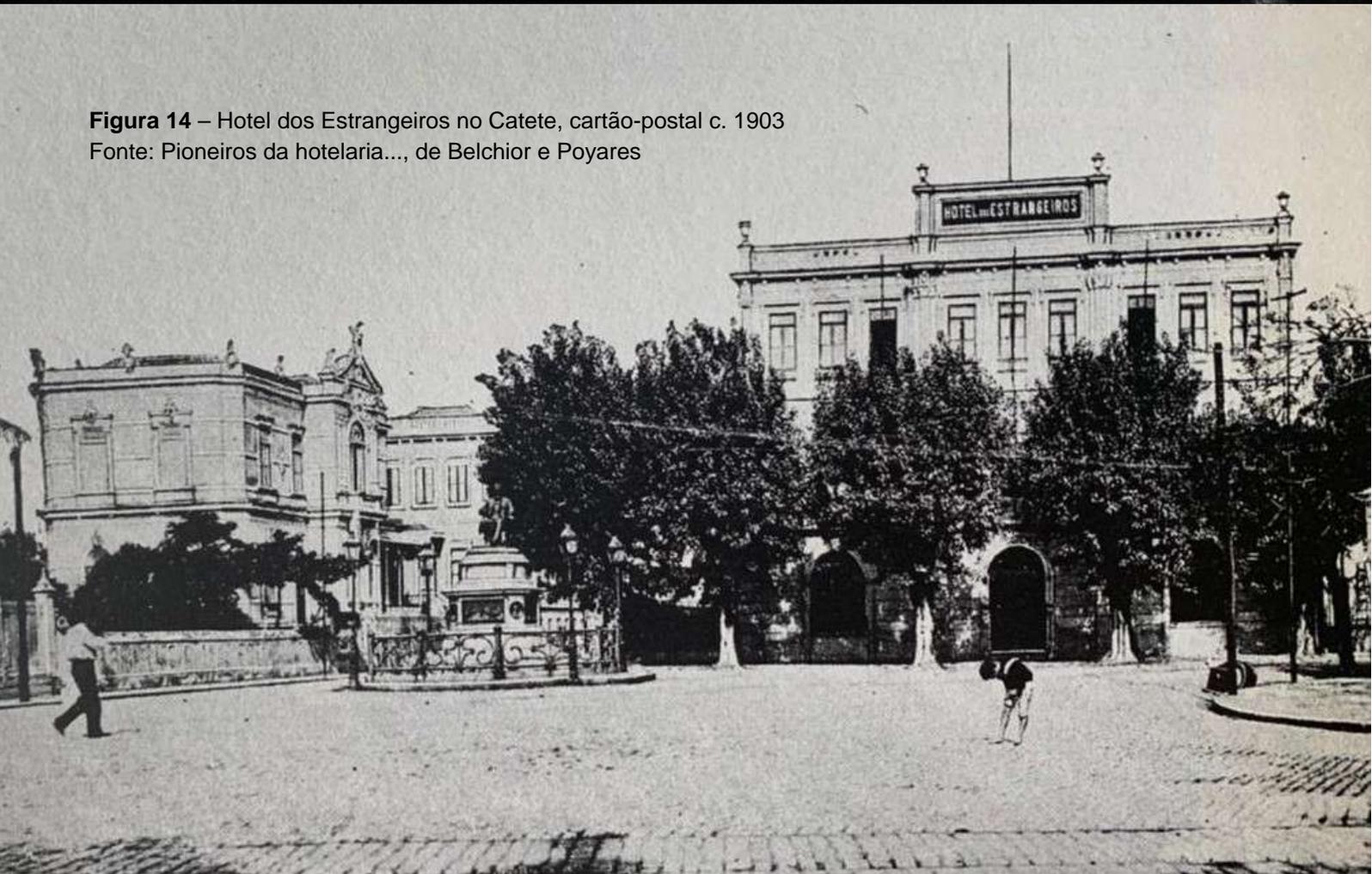
³⁸ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987, p.69.

³⁹ ver *Ibidem*.

Figura 13 – Hotel White na Iljuca, c. 1880, por Marc Ferrez
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles



Figura 14 – Hotel dos Estrangeiros no Catete, cartão-postal c. 1903
Fonte: Pioneiros da hotelaria..., de Belchior e Poyares



Assim, nota-se que ainda no século XIX, o aumento do número de hotéis na cidade já era perceptível. Se em 1860, o Rio de Janeiro contava com 56 estabelecimentos, em 1882, esse número chegava a 119, segundo Lobo (*apud* Belchior e Poyares) ⁴⁰. Contudo, destacam que ainda eram escassos os bons hotéis na cidade, o que passou a mudar somente no final do século XIX, quando muitos hotéis deixaram de fazer uso de edifícios pré-existentes e passaram, em um primeiro momento, a reformar suas instalações e, posteriormente, a ocupar edificações construídas exclusivamente para seu funcionamento – o que se consolidou decididamente no século XX e seguiu sendo apresentado como aspecto recorrente em anúncios ou notícias de inauguração dos edifícios.

“João Francisco de Freitas, dono do Freitas Hotel, no Largo da Lapa, em anúncio publicado no Almanaque Laemmert, de 1890: ‘O primeiro hotel do Império (sic). Único edifício construído expressamente para hotel de primeira ordem com todas as comodidades indispensáveis e uso apropriado’. Com o tempo outros vieram fazer-lhe companhia [...]” ⁴¹

⁴⁰ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987, p.69.

⁴¹ *Ibidem*, p.73.



Figura 15 – Grande Hotel (antes Hotel Freitas) – edifício construído exclusivamente para este fim
No Largo da Lapa, c.1909, por Marc Ferrez
Fonte: O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez

A virada do século veio, assim, acompanhada por uma mudança na cena das hospedarias na cidade, coerente com uma série de transformações. Dentre elas, o aumento populacional. No início dos anos 1890, o Rio de Janeiro era ocupado por um total de 522.651 pessoas.⁴² Já no início do século XX, a partir de dados consultados pela presente pesquisa por meio do censo do ano de 1907⁴³, o então Distrito Federal era povoado por 811.443 habitantes – agora, uma cidade de quase um milhão de pessoas.

⁴² Tabela 1.6. População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010. **IBGE**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

⁴³ A Directoria Geral de Estatística realizou um extenso estudo publicado por meio de um boletim comemorativo da grande Exposição Nacional de 1908, que levantava uma série de dados: populacionais, econômicos, climáticos, educacionais, etc.

ver **Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908 - Directoria Geral de Estatística**. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1908.

POPULAÇÃO — ANNO DE 1907



COEFFICIENTES DE NUPCIALIDADE — ANNO DE 1907



Figura 16 – População das capitais do país no ano de 1907. O Rio de Janeiro aparece como Distrito Federal
 Fonte: Boletim comemorativo da exposição nacional de 1908, Diretoria Geral de Estatística

Além disso, o ano de 1908 é reconhecido como um momento de transformação para os hotéis do Rio de Janeiro, o que também se relaciona com a grande Exposição Nacional. Belchior e Poyares consideram que a inauguração do Hotel Avenida naquele ano, grande hotel encomendado para a o evento, foi um acontecimento crucial na história da cidade e, a partir de então, “a hotelaria carioca teria atingido certa maioria” ⁴⁴. Nesse contexto, os autores lançam luz a um importante marco do ponto de vista legislativo – o decreto nº 1.160, de dezembro de 1907. Como medida pioneira de incentivo fiscal, auxiliou não apenas a construção do Hotel Avenida, mas também marcou o início de uma tradição de grandes hotéis na cidade:

“em 23 de dezembro de 1907, o Decreto nº 1.160 isentava de todos os emolumentos e impostos municipais, por sete anos, os cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem no Distrito Federal, segundo planos aprovados pela Prefeitura. Medida pioneira de incentivo fiscal, constitui o divisor entre o período de implantação da hotelaria no Rio de Janeiro, e sua expansão em busca da encontrada modernidade” ⁴⁵

Nesse sentido, nos anos seguintes ao grande evento de 1908, a cidade passou a contar com uma série de novos grandes hotéis, que passaram a fazer parte da vida urbana carioca do início do século XX.

⁴⁴ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

⁴⁵ Ibidem, p. 60-61.

1.3. Panorama dos grandes hotéis (1908 – 1922)

O ano de 1908, então, foi considerado um marco para a história dos hotéis na cidade do Rio de Janeiro. A mesma companhia responsável pelo Hotel Avenida seguiu construindo muitas edificações inauguradas entre os anos dos grandes eventos. Edificados também na área central do então Distrito Federal, os hotéis da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*, passaram, assim, a ser amplamente divulgados por meio dos periódicos da época, como será aprofundado no capítulo 02.

Ainda nessa perspectiva, além dos grandes hotéis selecionados como objeto de estudo do presente trabalho, outros estabelecimentos também surgiram na cidade no intervalo entre exposições. Nas pesquisas realizadas até aqui, entre os anos de 1908 e 1922, têm-se registros de duas companhias hoteleiras atuantes no Rio de Janeiro.

⁴⁶ Uma delas a própria *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*; a outra, a *Companhia Hoteis Palace*. Esta última teve seu início marcado a partir da inauguração do Palace Hotel (fig. 17), na Avenida Rio Branco.

Conforme Cattán ⁴⁷, a história do grande hotel apresenta contradições em suas datas, mas fato é que o estabelecimento foi idealizado no contexto da abertura da Avenida Central, pelo patriarca da família Guinle, Eduardo Palassin Guinle. O hotel teria sido finalizado ainda na primeira metade da década de 1910, mas com a morte de seu idealizador em 1912, ele teria permanecido fechado até o ano de 1919. A inauguração do edifício estava, por sua vez, relacionada à iniciativa de Octávio Guinle – filho de Eduardo –, em sociedade com Francisco Castro e Silva e o barão de Saavedra que, juntos, fundaram a *Companhia Hoteis Palace*.

⁴⁶ As duas companhias descritas adiante aparecem no *Almanak Laemmert* do ano de 1922, na seção *Hoteis*. Considerado o primeiro almanaque a ser publicado no país, em 1844, o título é apontado como um importante registro e fonte para pesquisa da história da cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁷ CATTAN, R. C. DE M. **A Família Guinle e a Arquitetura do Rio de Janeiro: Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.



Palace Hotel (Avenida Rio Branco)

«Palace Hotel» (Avenue Rio Branco)

O Palace Hotel ficava situado na Avenida Rio Branco, do lado oposto ao Hotel Avenida (fig. 18). Conforme Castro ⁴⁸, quando aberto o novo estabelecimento, o grande hotel do início do século *teria virado passado*, tendo perdido significativamente seu protagonismo. Mesmo que tal afirmação não possa ser feita de maneira tão categórica, é incontestável que, a partir daquele momento, o Hotel Avenida (fig. 19), passava a contar com um concorrente de peso. Além de ocupar um terreno muito próximo, o Palace Hotel, projetado pelos irmãos Januzzi, era o prédio comercial mais alto da avenida, com 8 pavimentos de altura. ⁴⁹

Além da proximidade dos dois grandes hotéis, aspectos relacionados ao histórico de suas edificações reforçam a ideia de que disputavam por espaço na cena dos grandes hotéis da cidade. Nesse sentido, vale pontuar que, originalmente, o projeto de Antônio Januzzi & Irmão para o Palace Hotel, aprovado em 1906, propunha um edifício de 4 pavimentos de altura. Uma hipótese possível para o ganho em verticalidade até o momento de sua inauguração seria o desejo de se destacar e se diferenciar em relação ao vizinho já existente. Em 1911, três anos após a inauguração do Hotel Avenida, já se tinham notícias da conclusão da construção do Palace Hotel, que naquele momento passava a contar com sua altura final de 8 andares. ⁵⁰

⁴⁸ CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁴⁹ CATTAN, R. C. DE M. **A Família Guinle e a Arquitetura do Rio de Janeiro: Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

⁵⁰ Progrès et Lacune. **L'Étoile du Sud - journal politique, littéraire et financier**, p. 01, 26 nov. 1911, tradução nossa.

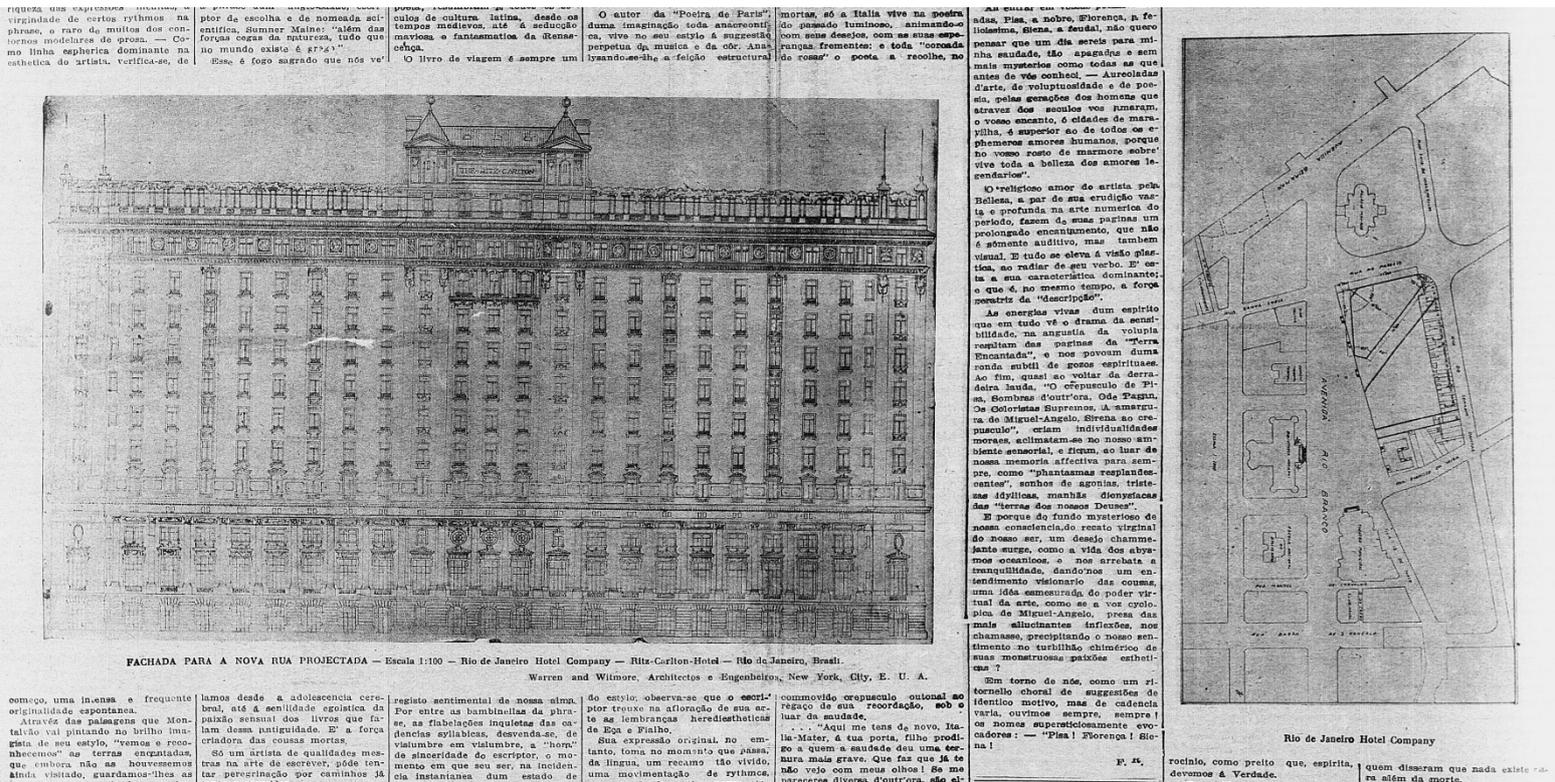


Figura 18 – (A) Hotel Avenida e, no lado oposto da via, (B) onde será edificado o Palace Hotel
Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria
Fonte: imagineRio, coleção Rice University, Library of Congress



Figura 19 – O grande Hotel Avenida, já existente, da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*, s.d.
Fonte: Album Photographias D. Federal 1911-1920

No entanto, por mais que o Palace Hotel tenha sido recebido com entusiasmo, no momento de conclusão da obra, em 1912, também foram encontradas notícias de um concorrente que teria sido construído no terreno onde antes existira o Convento da Ajuda, na região do que hoje se conhece como Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro. O Ritz Carlton Hotel foi projetado pelos arquitetos e engenheiros, estabelecidos em Nova York, Warren e Wetmore, a partir de investimento de capital estrangeiro, da companhia *Rio de Janeiro Hotel Company*.⁵¹



FACHADA PARA A NOVA RUA PROJECTADA — Escala 1:100 — Rio de Janeiro Hotel Company — Ritz-Carlton-Hotel — Rio de Janeiro, Brasil. Warren and Wetmore, Architects e Engenheiros, New York, City, E. U. A.

riqueza das capiteiras, incunando a virgindade de certos ritmos na phrasa, o raro de muitos dos contornos modelares da prosa. — Como linha espherica dominante na esthetica do artista, verificasse, de

por de escolha e de nomeada acclenica, Summer Maize: "alem das foras cezas da natureza, tudo que no mundo existe é p'ra'." — Esse, é fogo sagrado que nós ve

O autor da "Poema de Paris" duma imaginação toda anacronistica, vive no seu estilo á suggestiva perspectiva da musica e da obr. Anacronistica, a feição estrutural

mortas, só a Italia vive na poesia do passado luminoso, animando-o com seus desejos, com as suas esperanças fermentes: e toda "conceição da rosa" o poeta a recolhe, no

As energias em

ada, Pisa, a nobre, Florença, a florentina, Siena, a feudal, não quero pensar que um dia serás para minha saudade, tão apasáda e sem mais mysterios como todas as que antes de vós existiu. — Anacronista d'arte, de voluptuosidade e de poesia, pelas gerações dos homens que através dos seculos vos iamstram, o vosso encanto, é cidade de maravilha, é superior ao de todos os ephenoros amores humanos, porque no vosso rosto de marmore sobre vive toda a belleza dos amores legendarios".

O religioso amor de artista pela Belleza, a par de sua erudição vasta e profunda na arte numerica do periodo, fazem de suas poemas um prolongado encantamento, que não é somente auditivo, mas tambem visual. E tudo se eleva á vida plastica, no radiar de seu verbo. E' esta a sua característica dominante: o que é, no mesmo tempo, a força repositiva de "descripção".

As energias vivas dum espirito que em tudo vê e drama da sensibilidade, na angustia da palavra respitam das paginas da "Terra Encantada", e nos povos duma vida subtil de gozos espirituales. Ao fim, quasi se voltar da derradeira lauda, "O crepusculo de Pisa. Sombros d'out'ora. Ode Targa. Os Coloristas Supremos. A estrutura de Miguel-Angelo. Sirena ao crepusculo", sciam individualidades moças, acclimam-se no nosso ambiente senorial, e ficam, ao luar de nossa memoria affectiva para sempre, como "phantasmas resplandescentes", sonhos de agulhas, tristezas idyllicas, manchas diaphanas das "terras dos nossos Deuses".

E porque do fundo mysterioso de nossa consciencia, do recato virginal do verso, ser, um desejo chamante surge, como a vida dos abismos oceanicos, e nos arrebatá a tranquillidade, dando-nos um entendimento visionario das cousas, uma idéa commensurada do poder virtual da arte, como se a voz colopica de Miguel-Angelo, presa das mais silenciantes reflexões, nos chamasse, precipitando o nosso sentimento no turbilhão chimerico de suas monstruosas paixões estheticas?

Em torno de nós, como um ri-tornello choral de suggestões de idéntico motivo, mas de cadencia varia, ouvimos sempre, sempre! os nomes superlativamente evocadores: — "Pisa! Florença! Siena!"

F. A.

rocinio, como preito que, espirita, devemos á Verdade.

quom disseram que nada existe na além da morte.

Figura 20 – Projeto para o Ritz Carlton Hotel e, ao lado, sua implantação no terreno onde antes estava o convento da Ajuda
 Fonte: Gazeta de Notícias, n.154, 1912

⁵¹ A companhia não foi considerada da mesma maneira que a *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* e a *Companhia Hotéis Palace* uma vez que o projeto do Ritz Carlton Hotel não foi concretizado e, assim, a presença da empresa não foi consagrada na cena dos grandes hotéis da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX.

A *Rio de Janeiro Hotel Company* surgiu como uma iniciativa da companhia inglesa *Carlton Hotel Limited* em parceria com o conjunto de companhias brasileiras de estrada de ferro intitulado *Brasil Railway*. Nesse contexto, vale destacar um nome importante que aparecia associado à construção do hotel no Rio de Janeiro – o engenheiro civil Carlos Sampaio:

“A ‘Brasil Railway’ não é uma empresa de hotéis; esta exploração, toda acessória, não estava certamente no seu objetivo. Mas na ‘Brasil Railway’ figura como elemento de forte influência, um ilustre patricio nosso, o Sr. Carlos de Sampaio, que não pode esquecerem seu patriotismo o que deve ao interesse brasileiro; e este interesse está fortemente vinculado à questão que chamaremos ‘o problema da hospedagem’, que já não pode ser posto no terreno, em que sempre fomos vitoriosos, da franca e cordial hospitalidade doméstica, porque as exigências da civilização já o puseram no terreno do conforto, mesmo no terreno do luxo.”⁵²

Carlos Sampaio foi, como já explorado na introdução do presente trabalho, anos mais tarde, convidado pelo então presidente Epitácio Pessoa para assumir a prefeitura do então Distrito Federal, com a missão de preparar a cidade para a grande exposição de 1922⁵³. Ao longo de seu mandato (1920-1922), além das diversas reformas urbanas implementadas, deve-se ressaltar a encomenda por parte do poder público de quatro grandes hotéis para o evento, edificadas à beira-mar, como será aprofundado mais adiante ainda nesse subcapítulo. De todo modo, é importante pontuar que já no ano de 1912, o engenheiro estava engajado com a proposta de dotar a cidade do Rio de Janeiro com um grande hotel à altura de seu progresso.

A iniciativa da companhia estrangeira pretendia construir, assim, três hotéis no país – no Rio de Janeiro, então Distrito Federal; e no estado de São Paulo, na capital e no litoral de Santos. No Rio, a escala do projeto para o Ritz-Carlton Hotel era motivo de surpresa e exaltação, registradas nos periódicos da época. O projeto para o edifício,

⁵² Ritz-Carlton – o suntuoso hotel que vai ser uma das maravilhas do novo Rio. **Gazeta de Notícias**, v. 36, n. 154, p.1-2, 02/06/1912

⁵³ MESQUITTA, C. Verbetes **SAMPAIO, Carlos – pref. DF 1920-1922**. acervo online. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Carlos.pdf> > Acesso em: 06 fev. 2021.

noticiado como o *maior hotel da América do Sul*⁵⁴, previa um total de 500 aposentos, 8 elevadores e um terraço na cobertura do edifício. O edifício contaria com 8 pavimentos – assim como o Palace Hotel – e altura de aproximadamente 50 metros, sendo equiparada à altura média do morro do Castelo, ainda existente na cidade. A título de comparação, o Hotel Avenida, da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*, tinha altura máxima de 34,30 metros e o comprimento de sua fachada frontal era de 60 metros⁵⁵, enquanto o novo Ritz Carlton teria 75 metros de extensão.

Ainda nesse sentido, em algumas notícias da época, em periódicos brasileiros, mas também estrangeiros, é possível perceber comparações feitas em relação ao Palace Hotel de Eduardo Guinle, que acabava de ser concluído em terreno extremamente próximo: “O edifício que ocupará uma área de 4.000 metros quadrados, será muito maior que o ultimamente construído ali próximo pelo Sr. Guinle”⁵⁶. Enquanto o Palace Hotel contava com em torno de 250 quartos, o novo Ritz-Carlton teria o dobro de acomodações. Nesse contexto, é necessário reconhecer que, caso o hotel tivesse sido inaugurado onde antes estava o convento da Ajuda, o Hotel Avenida, o Palace Hotel e o novo Ritz-Carlton Hotel formariam um verdadeiro triângulo de grandes hotéis na recém-inaugurada Avenida Central (fig. 21). Por razões ainda não claramente exploradas pela pesquisa, a empresa inglesa responsável pelo empreendimento suspendeu as negociações para construção do hotel no ano de 1913.

⁵⁴ Está em terra o convento da Ajuda – o que vai ser feito ali – a Rio de Janeiro Hotel Company – duas novas ruas. **A Noite**, v.02, n.239, p. 01, 20 abr. 1912.

⁵⁵ FERREZ, M. Fachada do Hotel Avenida. **Exposição Marc Ferrez: Território e Imagem**. Rio de Janeiro: IMS, 7 dez. 2019 a 15 mar. 2020.

⁵⁶ Está em terra o convento da Ajuda – o que vai ser feito ali – a Rio de Janeiro Hotel Company – duas novas ruas. **A Noite**, v.02, n.239, p. 01, 20 abr. 1912.



Figura 21 – (A) Hotel Avenida já inaugurado, (B) onde será edificado o Palace Hotel, (C) onde teria sido construído o Ritz-Carlton Hotel
Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria
Fonte: imagineRio, coleção Rice University, Library of Congress

Assim, o desenvolvimento da história dos grandes hotéis no Rio de Janeiro naquele momento coube às companhias *dos Grandes Hotéis Centraes*, como será analisado no capítulo 02, e *Hotéis Palace*. Essa última, por sua vez, já à frente do Palace Hotel, foi responsável por inaugurar uma nova fase da indústria hoteleira da cidade, ao direcionar sua atenção em direção aos arrabaldes do então Distrito Federal – dentre eles, o que se conhece hoje como Zona Sul da cidade e sua orla:

“Tanto na história da arquitetura da família, como na história da cidade, a Companhia terá um papel especial, na medida que construirá nesta mesma época em Copacabana, o primeiro hotel balneário atlântico, entre 1917 e 1923, o lendário Copacabana Palace Hotel.”⁵⁷

Antes que se compreenda a construção do *lendário hotel atlântico*, é necessário destacar que, naquele momento, já existiam outras iniciativas de grandes hotéis edificadas à beira-mar. Dentre eles, vale pontuar o caso do Hotel Central (fig. 22), inaugurado em 1916, na Praia do Flamengo, no terreno de esquina com a Rua Barão do Flamengo. Administrado por Martha Niederberger, uma empresária austríaca, e seu marido, o estabelecimento era reconhecido pelo diferencial de sua localização na cidade:

“Martha Niederberger soube capturar esses padrões de comportamento, as vaidades e afetações, o supérfluo, o efêmero. Investiu em um edifício especificamente projetado e inaugurado em 1916 como estabelecimento hoteleiro, com inovador sistema construtivo (cimento armado) e apurada decoração por um escritório técnico de engenharia e arquitetura. Valorizar a ‘esplêndida vista da baía’ e o ‘banho de mar à porta’ foram percepções inteligentes e precursoras do imaginário lugar-comum que passa a caracterizar o turismo carioca moderno.”⁵⁸

⁵⁷ CATTAN, R. C. DE M. **A Família Guinle e a Arquitetura do Rio de Janeiro: Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. p.93.

⁵⁸ SEGAWA, H. **As praias desertas continuam esperando por nós dois: o Flamengo e o Hotel Central**. (H. C. Vargas, C. Maraschin, Eds.) Anais do VI Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem-CINCCI. **Anais...Porto Alegre**, RS: FAUUSP/LABCOM, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <<https://comercioecidade.com/anais/>>. Acesso em: 2 jan. 2020, p.23.



Hotel Central
Avenida Beira Mar

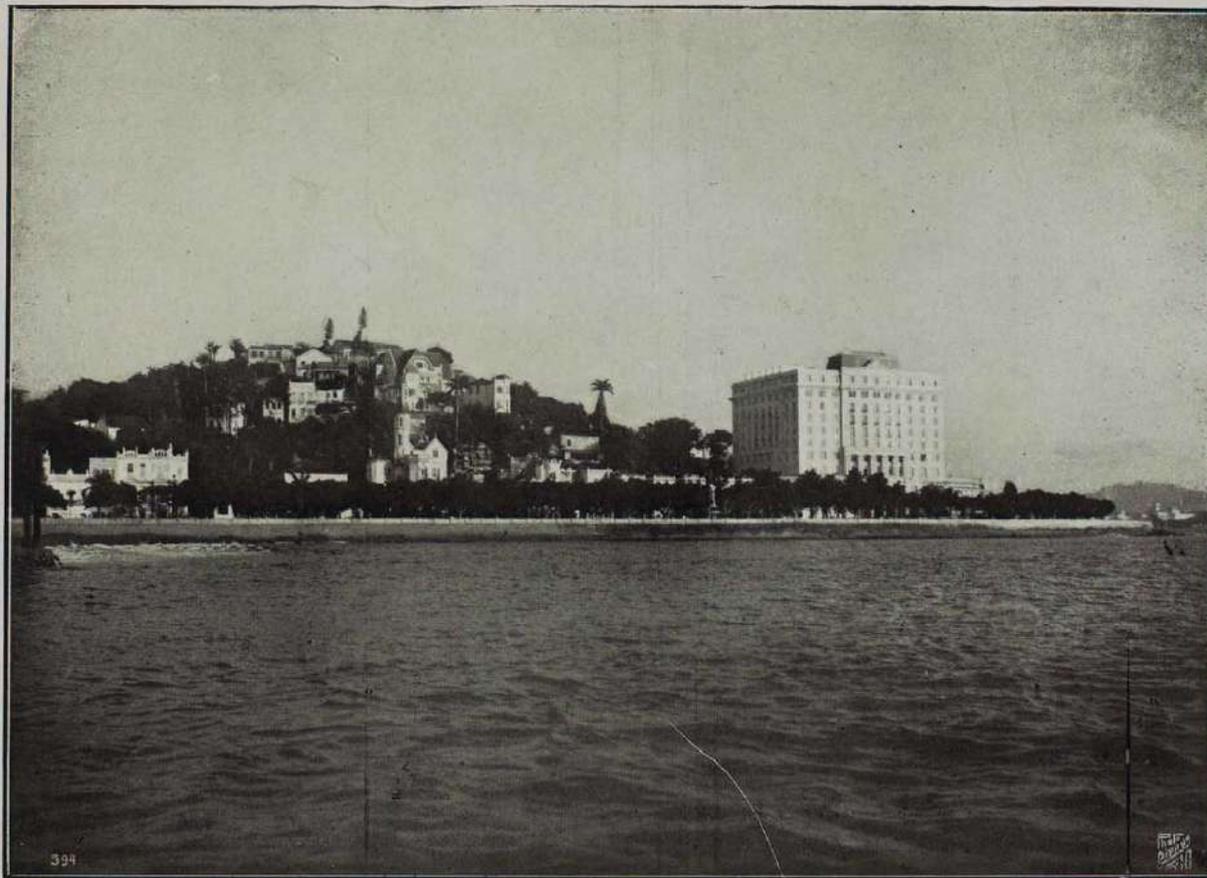
Hotel Central
Avenue «Beira Mar»

Figura 22 – Hotel Central, de Martha Niederberger, s.d., por Augusto Malta
Fonte: Album da cidade do Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário de Independência

Ainda sobre o casal Niederberger, pode-se lançar luz ao fato de que não administravam unicamente o estabelecimento da Praia do Flamengo. Por mais que não se configurassem como uma companhia, como as aqui descritas, faziam parte do setor hoteleiro por meio de filiais – o que denota certa coerência com um novo padrão que começava a ser consolidar na cena do *turismo* no Rio de Janeiro. Segundo Segawa,⁵⁹ eles mantinham o Splendid Hotel, também na Praia do Flamengo; uma filial na rua Barão de Itambi, em Botafogo; e um Hotel Pensão Central em Petrópolis.

Mesmo com a existência do Hotel Central, é possível afirmar que o investimento na construção de grandes hotéis à beira-mar ganhou força, efetivamente, na década de 1920, na ocasião da Exposição Internacional de 1922. Dessa vez, não mais tendo o Centro da cidade como local de inserção, os edifícios foram construídos no litoral, nos bairros da Glória, Flamengo, Copacabana e Urca – Hotel Glória, Hotel Balneário Sete de Setembro, Hotel Copacabana Palace e Hotel Balneário da Urca, respectivamente. Edificados em terrenos amplos e de grandes dimensões, pode-se perceber como característica em comum a horizontalidade dos edifícios, vinculada a própria paisagem panorâmica do litoral em que estavam inseridos. Nesse sentido, é possível perceber tal aspecto até mesmo na orientação das fotografias dos edifícios – se por um lado, os hotéis Palace e Central (figs. 17 e 22) foram registrados no álbum de 1922 no modo retrato, os hotéis Glória e Sete de Setembro (figs. 23 e 24) apareciam em páginas no modo paisagem.

⁵⁹ SEGAWA, H. **As praias desertas continuam esperando por nós dois: o Flamengo e o Hotel Central**. (H. C. Vargas, C. Maraschin, Eds.) Anais do VI Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem-CINCCI. **Anais...Porto Alegre**, RS: FAUUSP/LABCOM, São Paulo, 3 set. 2018Disponível em: <<https://comercioecidade.com/anais/>>. Acesso em: 2 jan. 2020.



Hotel Glória
Praia do Russell

Figura 23 – Hotel Glória, s.d., por Augusto Malta
Fonte: Album da cidade do Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário de Independência



Hotel Sete de Setembro
Avenida de contorno — Morro da Viúva

Figura 24 – Hotel Sete de Setembro, s.d., por Augusto Malta
Fonte: Album da cidade do Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário de Independência

Figura 25 – Hotel Copacabana Palace, da *Companhia Hoteis Palace*, 05/07/1925, por Augusto Malta
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

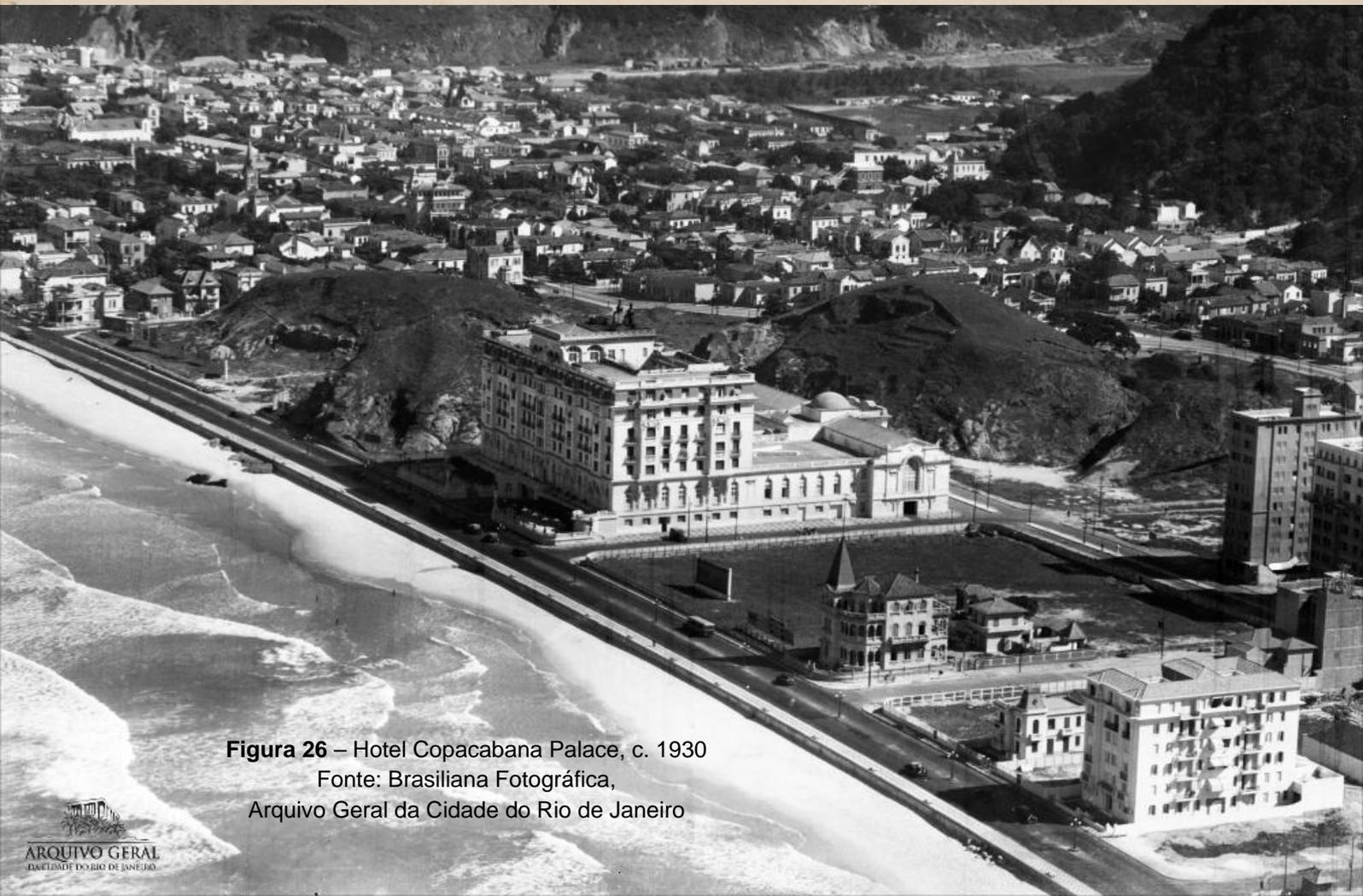


Figura 26 – Hotel Copacabana Palace, c. 1930
Fonte: Brasiliana Fotográfica, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Dessa forma, por mais que o Rio de Janeiro já fosse reconhecido por sua paisagem natural desde o relato dos primeiros viajantes do século XVI ⁶⁰, pode-se dizer que a maior parte das hospedagens ainda não explorava o potencial da cidade como destino turístico balneário. Conforme Castro, a mudança na experiência turística está relacionada a alterações culturais e urbanísticas: “às vezes, muda a cidade, muda o turismo; outras vezes, a partir de modificações no mundo do turismo, introduzem-se alterações urbanísticas na cidade.” ⁶¹ Assim, como explorado na introdução do trabalho, é possível afirmar que as transformações em virtude da exposição de 1922 são essenciais para a compreensão da construção do imaginário turístico carioca. Até aquele momento, os grandes hotéis concentravam-se na área central da cidade, administrados pela *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*.

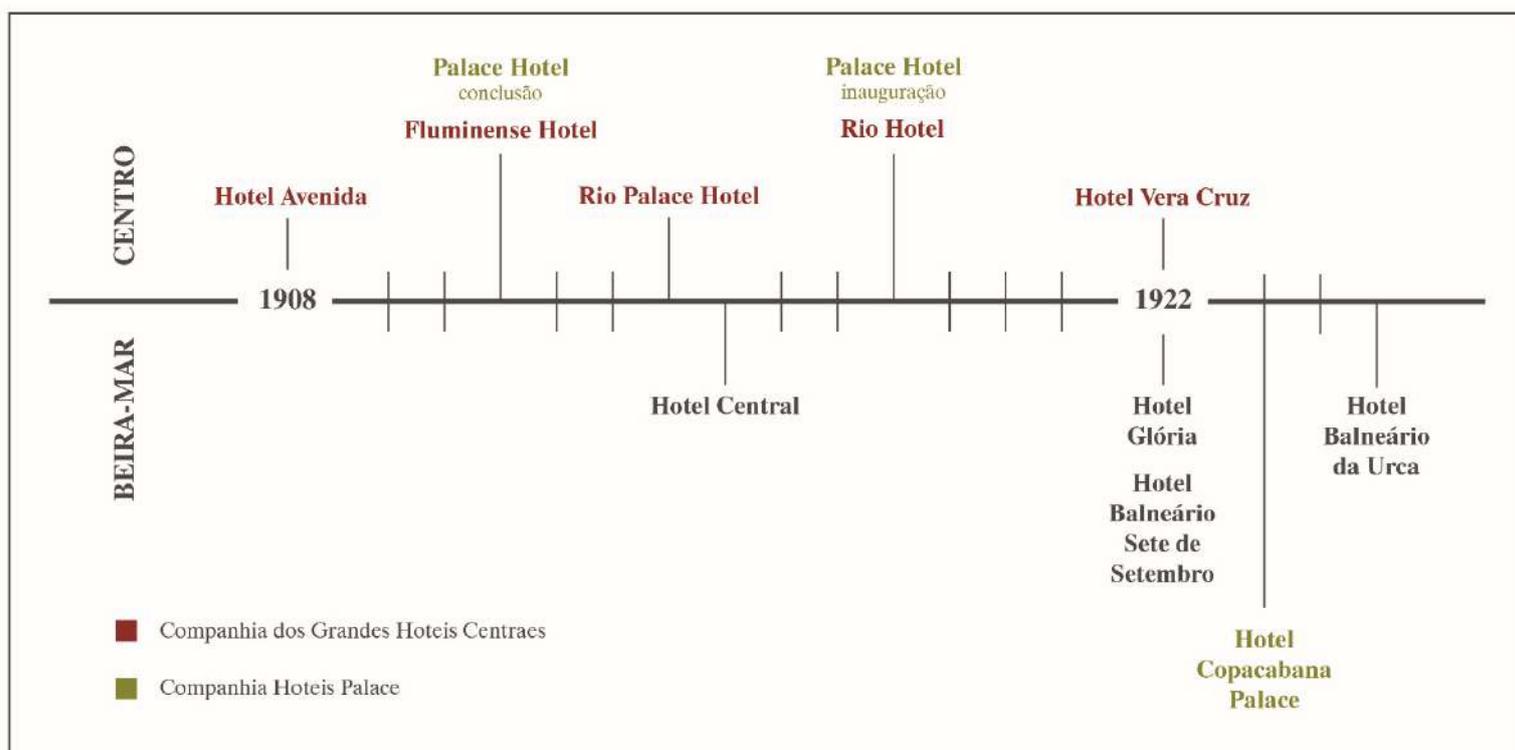


Figura 27 – Evolução histórica de grandes hotéis inaugurados entre exposições

Fonte: elaboração própria

⁶⁰ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011.

⁶¹ CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Ed.). . **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 80–87, p.84

Ainda nesse sentido, Cabral ⁶² ressalta a herança da exposição por meio de dois dos edifícios encomendados, o Hotel Glória e o Hotel Copacabana Palace, ambos projetados pelo mesmo arquiteto, o francês Joseph Gire. Sobre o grande hotel em Copacabana (figs. 25, 26 e 28), constata sua importância para a formação da cultura balneária na cidade, bem como sua configuração como marco na paisagem carioca:

“O Hotel Copacabana Palace tornou-se um marco simbólico associado à imagem da cidade. Sua fundação e presença física foram definidoras na formação do bairro de Copacabana. O Hotel fez parte de uma bem traçada estratégia de crescimento da cidade. [...] No início do século XX, o imenso areal contava somente com algumas casas de maior padrão de construção, daqueles que escapavam da densidade dos bairros da baía da Guanabara, como Flamengo e Botafogo, para onde se dirigiram as classes abastadas. Iniciava-se uma nova cultura urbana, que se estabeleceu paulatinamente e caracterizou simbólica e economicamente a cidade, a cultura do balneário. [...] Durante alguns anos, os edifícios construídos por Joseph Gire (Hotéis Glória, Copacabana Palace e Ed. Praia do Flamengo) dominaram a paisagem da cidade, até que o primeiro arranha-céu, o ed. A Noite, também de sua autoria, fosse construído em 1929.” ⁶³

⁶² CABRAL, M. C. **Arquitetos franceses no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.** (A. T. B. Alvim, W. R. D. S. Junior, Eds.) Anais do III ENANPARQ: Arquitetura, Cidade e Projeto: uma construção coletiva.. Anais...São Paulo, SP: UPM; Campinas: PUC Campinas, 2014.

⁶³ Ibidem, p.9-11.

O Copacabana-Palace

Uma visita áquelle lindo balneario

250 aposentos e 300 empregados - Installações de luxo -- Serviço de auto-caminhões, etc.

Um dos problemas que mais difficilmente se antolhavam aos que respondiam pela boa apresentação do Rio, por occasião das festas do Centenario — homens de governo e homens de negocios — estava o dos hotéis confortaveis, para abrigarem os milhares de forasteiros civilisados que nos teriam de visitar. Era uma verdadeira situação angustiosa, pela curteza do tempo que mediava entre a resolução official de commemorar pomposamente a data e a propria proximidade dessa data. Alguns mezes havia para preparar o Rio, de modo decente e honroso, como centro de grande civilisação, digno de ser apresentado ao juizo de estrangeiros habituados ao conforto e ao luxo.

Felizmente, a iniciativa particular de alguns capitalistas prestimosos veio ao encontro da acção governamental, que, por sua vez, a amparou com algumas concessões muito razoaveis. Homens de diaheiro que, antes de plutocratas estéreis, sabem ser agentes economicos da valorisação do meio em que agem, como os Srs. Dr. Octavio Guinle, Dr. Castro Silva e barão de Saavedra, constituiram-se em companhia, solidarisando capitaes colossaes e tomaram aos hombros dotar o Rio com hotéis dignos da sua fama de grande centro.

Vimos apparellhar da noite para o dia,

O PALACE HOTEL

que é uma casa notavel pelas suas excepcionaes condições de luxo, commodidade e mais exigencias do moderno progresso social. O hospede do Palace Hotel se vê cereado das mil e uma in-

venções do bem estar, creados pelas imaginações mais ferteis dos sybaritas e dos commodistas. Desde os salões de recepções, pelos interiores dos apartamentos e quartos de banho e *toilette*, até os refeitórios e salões de palestra, aquelle hotel possui installações superiores ás de outro qualquer de sua categoria.

A OBSERVAÇÃO DE UM CAPITALISTA INTELIGENTE

O Sr. Octavio Guinle, estando em Montevidéo, em viagem de recreio, foi hospede do grande hotel Carrasco, cuja fama é conhecida em todo o Prata. Como homem de habitos finos, mas principalmente como homem intelli-



Vista geral do Copacabana Palace

Enfim, a fama do Palace Hotel já repêrentiu em todas as capitaes estrangeiras, de onde partem touristes destinados directamente aos magnificos aposentos do palacio da Avenida.

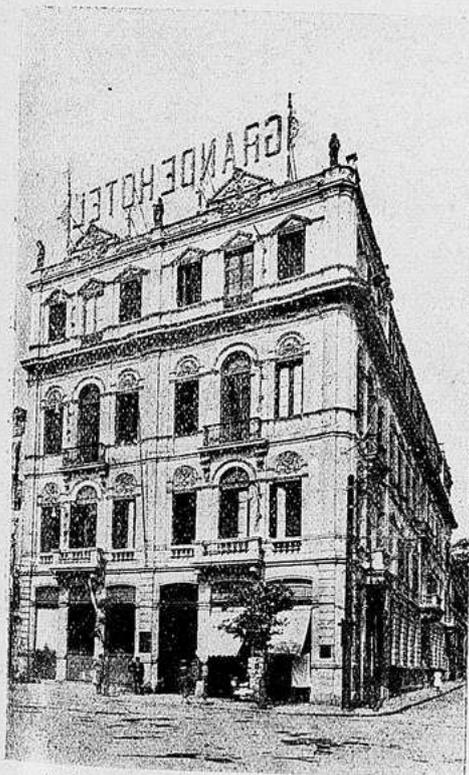
Mas, a obra benemerita da Companhia dirigida pelos Srs. Octavio Guinle, Dr. Castro Silva e barão de Saavedra, em beneficio do nosso progresso interno, não se contentou com essa grandiosa affirmiação de bom gosto e de alto timo commercial.

gente, o Sr. Octavio Guinle sentindo-se maravilhado pelo systema interno do Hotel Carrasco, pelos serviços impecaveis da grande casa de hospedagem, teve o cuidado de procurar conhecer o gerente do estabelecimento. Foi-lhe, então, apresentado o Sr. Agostin Rossi, que já exercera com brilho o cargo de gerente do Casino Balneario de Poeitos, tambem nos arrabaldes de Montevidéo. Tal foi a impressão pessoal que o Sr. Rossi deixou no espirito do Sr. Guinle,

O Rio de Janeiro e os seus Hotéis



Poucos hotéis no mundo estarão na bella e maravilhosa situação do Hotel Gloria



O Grande Hotel no Largo da Lapa

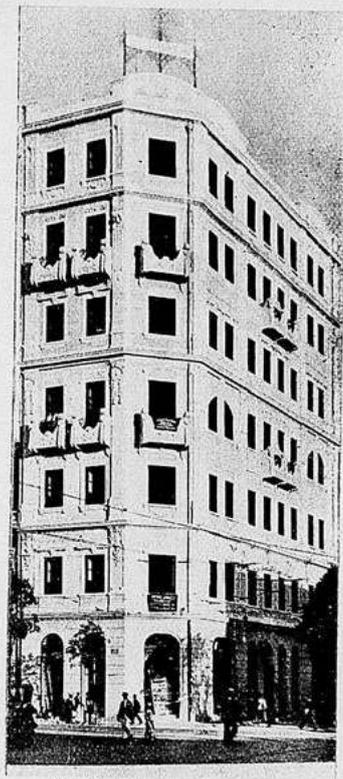
O Rio era uma linda cidade desprovida de hotéis. O viajante que aqui aportava, provindo de paizes de alta civilização maravilhava-se deante do esplendor da cidade e seus arredores mas lamentava a falta de accomodação confortavel nos escasos hotéis urbanos ou de arrabalde. Fez-se, então, na imprensa, uma verdadeira campanha os poderes publicos facilitaram favores a empresas que se organisassem com o fim de construir hotéis e disso resultou

a situação actual que, se não é satisfactoria de todo, colloca-nos em pé de igualdade com muitas das cidades desta parte do continente e em posição superior a muita cidade européa.

São os modernos hotéis do Rio, estabelecimentos modelares no seu genero, tanto no que diz respeito ao conforto como á hygiene. Encontra o visitante do Rio, no anno em que celebramos a nossa maior data historica, alojamento condigno, e esse facto vae produzir, sem duvida, um resultado altamente benefico para a vida da cidade, qual o de incluil-a definitivamente entre os privilegiados centros de turismo do mundo, cousa a que tem direito por suas



O Rio-Palacio-Hotel no Largo de São Francisco



O Rio Hotel na Praça Tiradentes

nevera assaz decantadas bellezas de toda a casta.

Um retrato fiel e um trabalho de arte?

Jesus & Jarque
Av. Rio Branco, 110 - 112

Segundo Perrotta, desde 1881, todas as grandes exposições nacionais e internacionais contavam com cartões-postais comemorativos, com o intuito de eternizar e disseminar o evento realizado. A autora pontua, ainda: “No Rio de Janeiro, com as exposições de 1908 e 1922 não seria diferente. Os postais divulgaram e perpetuaram monumentos que o tempo levou.”⁶⁴ Perrotta analisa as exposições do ponto de vista, sobretudo, da produção iconográfica e sua importância na construção da imagem do Rio de Janeiro como destino turístico. Muitos monumentos foram de fato levados pelo tempo, o que também muito se relaciona com o caráter efêmero dos grandes eventos, mas sob a perspectiva da arquitetura e da cidade, certos rastros permanecem. Os quatro grandes hotéis à beira-mar edificadas para a exposição de 1922 são alguns deles.

Dentre os grandes hotéis citados nas notícias acima (figs. 28 e 29), os únicos edifícios ainda existentes são: o Hotel Glória, o Rio Hotel – não inserido no bojo da promoção das exposições – e o Hotel Copacabana Palace.⁶⁵ O primeiro teve sua configuração original descaracterizada após consecutivas reformas e encontra-se desocupado, em estado de abandono. Durante anos, muitas são as propostas de novos empreendimentos capazes de recuperar o edifício, mas mesmo que seja revitalizado, é provável que não volte a funcionar como hotel, mas sim como um edifício residencial multifamiliar. O segundo é o único estabelecimento da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* que resistiu às sucessivas demolições do Centro do Rio de Janeiro, como será aprofundado no capítulo 03. Atualmente está desocupado, mas é protegido desde 2013 pela esfera municipal, IRPH – Instituto Rio Patrimônio da Humanidade. Por fim, o Hotel Copacabana Palace é o único que resiste como hotel, tombado pelas esferas federal, estadual e municipal – pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a partir de 1986.

⁶⁴ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011, p. 84.

⁶⁵ O Grande Hotel na Lapa (inaugurado anteriormente sob o nome de Hotel Freitas – 1887), teve seu edifício alterado para diferentes usos. Já abrigou o Cine Colonial e, hoje, abriga a Sala Cecília Meireles. Trata-se de um imóvel tombado pela esfera estadual. O Rio Palace Hotel deu lugar a um edifício comercial, como será aprofundado no subcapítulo 2.2.3.

Quanto aos demais grandes hotéis encomendados no litoral da cidade para o evento da década de 1920, os outros dois edifícios também existem no Rio de Janeiro de hoje, mas abrigando outros programas. Na Urca, o antigo grande hotel já abrigou o Cassino da Urca, a TV Tupi e hoje é destinado a uma instituição de ensino, o *Istituto Europeo di Design* (IED). O edifício é tombado pela esfera municipal, por meio de decreto de 1988. Por fim, no Flamengo, o Hotel Balneário Sete de Setembro foi desativado poucos anos após a exposição e já abrigou uma escola de enfermagem da UFRJ e a Casa do Estudante Universitário, da mesma instituição. Hoje, ainda pertence à UFRJ. O edifício é tombado pelas esferas estadual e municipal, a partir de 1989.⁶⁶

O Hotel Central, na praia do Flamengo, por sua vez, já não existe mais, assim como a maior parte dos grandes hotéis inaugurados no intervalo entre exposições. Hoje, em seu terreno, está um edifício residencial multifamiliar, inaugurado no final da década de 1950 – o Edifício Conde de Nassau. O Palace Hotel foi demolido na década de 1950, para dar lugar ao Edifício Marquês do Herval, projetado pelo escritório MMM Roberto.

⁶⁶ **Guia do Patrimônio Cultural Carioca: Bens Tombados 2014** / coordenação geral Washington Fajardo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, 2014.

2. Da construção ao arrasamento dos edifícios

Neste capítulo, serão apresentadas as histórias de cada um dos estabelecimentos administrados pela *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*, inaugurados entre os anos de 1908 e 1922, e não mais existentes na cidade. Os critérios de análise estabelecidos foram, sobretudo, a inserção urbana do edifício no Centro do Rio de Janeiro; o número de pavimentos; o número de quartos; o público-alvo; e o histórico de ocupação do terreno – tendo em vista o processo de demolição de cada grande hotel estudado.

O estudo dos hotéis parte da compreensão dos edifícios como um conjunto, pertencente a uma mesma empresa. Assim, será exposta a formação da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* e a maneira como foi divulgada nos periódicos da época. Desse modo, buscou-se evidenciar a atuação dos membros da companhia na criação de uma rede hoteleira, que tinha a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, como seu palco principal.

Além disso, cada grande hotel também será apresentado a partir de notícias e anúncios da época, levantados pelo processo de pesquisa em acervos. Buscou-se evidenciar o fato de que a história dos grandes hotéis centrais se mescla ao próprio processo de verticalização da cidade do Rio de Janeiro. Por um lado, e de maneira mais aprofundada, foi analisado o momento de inauguração dos estabelecimentos, no contexto de modernização da cidade entre duas grandes exposições. Por outro, o momento de demolição dos edifícios, quando o Centro do Rio de Janeiro passou a se deparar com a substituição de muitos sobrados por elevadas torres de escritórios.

Procurou-se destacar, ainda, a relação entre os grandes hotéis centrais estudados, sua inserção urbana na cidade e o público-alvo dos estabelecimentos. A análise dos espaços públicos parte do entendimento de que a cidade do Rio de Janeiro contava com uma série de expressivas centralidades no início do século XX.



Figura 30 – Localização dos hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*
Simbolizado por meio de um círculo branco, o terreno onde estava situado o Palace Hotel, da *Companhia Hoteis Palace*
Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria
Fonte: imagineRio, coleção Rice University, Library of Congress

Todos edificadas em praças ou largos na área central da cidade:

- (A) Hotel Avenida (1908), Largo da Carioca
- (B) Fluminense Hotel (1912), Praça da República
- (C) Rio Palace Hotel (1915), Largo São Francisco de Paula
- (D) York Hotel (não concluído) – Rio Hotel (1919), Praça Tiradentes
- (E) Hotel Vera Cruz (1922), arredores da Praça Tiradentes

2.1. A Companhia dos Grandes Hotéis Centraes

Antes da criação da companhia administrada pela família Guinle ou da inauguração do *lendário* hotel à beira-mar Copacabana Palace, já se tinha notícias de outra empresa especializada no mesmo ramo – a *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*. Gerenciada por Francisco Cabral Peixoto (presidente), Abilio Herdy Alves (secretário) e M. J. Carneiro Júnior (tesoureiro), a empresa era responsável por uma série de estabelecimentos hoteleiros no centro da cidade: Hotel Globo, Hotel Avenida, Fluminense Hotel, Rio Palace Hotel, Rio Hotel e Hotel Vera Cruz. Em periódicos da época, nota-se exaltação da companhia: “vai executando, com segurança e firmeza, o vasto programa que traçou de dotar o Brasil com hotéis modernos e instalados na altura do nosso progresso e da nossa civilização.”⁶⁷

Vale destacar o que se aponta na notícia anterior – *dotar o Brasil com hotéis modernos*, e não apenas a cidade do Rio de Janeiro. Isso porque a companhia também administrava empreendimentos fora da cidade, como o Grande Hotel Santa Rita, na cidade de Mendes no estado do Rio de Janeiro e o Grande Hotel de Barbacena, no estado de Minas Gerais. Assim, buscava se configurar como uma rede hoteleira da época. Ainda nessa perspectiva, é possível perceber que muitos anúncios apresentavam e recomendavam os estabelecimentos da companhia de maneira conjunta (fig. 31).

Em relação à atuação da companhia frente ao contexto do setor hoteleiro da cidade, vale destacar que alguns de seus sócios dirigiam, ainda, o *Centro União dos Proprietários de Hotéis e Classes Anexas*, conforme o *Almanak Laemmert* de 1922 – Abilio Herdy Alves aparecia como presidente e M. J. Carneiro Junior como vice-presidente. Nesse sentido, pode-se perceber, não apenas uma organização entre os empresários responsáveis pelos hotéis da cidade da época, mas também certo protagonismo e participação ativa dos membros da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*.

⁶⁷ Barbacena possui [sic] um hotel moderno. *Jornal do Commercio - edição da tarde*, p. 03, 28 mar. 1918.



CINTAS

18\$

MODELO DE LINHAS
CORRECTISSIMAS E IN-
EXCÕDVEL EM COMMO-
DIDADE.
DE COUTIL COM UMA
BANDA ELASTICA
NA PARTE SUPERIOR.
4 LIGAS
TAMANHOS 50 A 90 C.^{ms}

Tamanhos superiores
a 76 cms. . 20\$000

Manda-se pelo correio registrado por mais 1\$000

Casa Sloper

187, Rua do Ouvidor, 189
RIO DE JANEIRO

Quaes os hoteis que devemos preferir no Rio de Janeiro?

Hotel Avenida O mais importante do Brasil, confortavel e distincto, com serviço de elevadores e interpretes dia e noite
Avenida Rio Branco
Endereço telegraphico **AVENIDA — RIO**

Rio-Palace Hotel Recentemente inaugurado. Magnifica instalação com moveis de estylo Inglez. Escadarias de marmore e optimos elevadores. Diaria (somento quarto com serviço de café) 4\$, 5\$ e 6\$000.
Largo de S. Francisco
Endereço telegraphico **RIO-PALACE — RIO**

HOTEL GLOBO Completamente reformado
Diaria completa: 6\$ e 7\$000
Rua dos Andradas Somento quarto 3\$ e 4\$000
Endereço telegraphico **GLOBO — RIO**

Esses tres hoteis podem hospedar diariamente **MIL PESSOAS**



Sal de Macau

O MELHOR SAL CONHECIDO NO BRASIL!

Incomparavel nas salgas das carnes e dos pescados

Applicação vantajosa na industria de lacteínicos

O mais rico em substancias alimenticias

FAÇAM SEUS PEDIDOS DIRECTAMENTA À

COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO

Avenida Rio Branco, 37

Caixa postal 482 — Telephone, Norte 1.954 — Endereço telegraphico: **"UNIDOS"**

Fornecimentos em saccarias de algodão, aniagem, etc. — Todos os pesos á vontade dos compradores



Em 1917, a *Fon Fon* publicou uma reportagem sobre cada grande hotel da companhia e um panorama geral sobre a empresa naquele ano (fig. 32). A partir do que é revelado pelo periódico, a frequência dos estabelecimentos “em direção combinada com a Companhia, atingiu em 1916 a 66.920 hospedes, assim distribuídos: Hotel Avenida, 23.850; Hotel Globo, 14.730; Fluminense Hotel, 12.980 e Rio Palace Hotel, 15.360.”

⁶⁸ Os números impressionam, considerando que a cidade do Rio de Janeiro, naquele momento, contava com menos de um milhão de habitantes. ⁶⁹

Dessa forma, percebe-se ainda que os estabelecimentos da empresa, na época de sua inauguração, figuravam entre a maior parte das listas dos almanaques e periódicos como principais hotéis da cidade. Além de mencionados nas listas, aparecem, por vezes, em notícias que tratam da própria *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes* e de seu importante papel no Rio de Janeiro. Naquele momento, o governo ainda não tinha atuação expressiva no setor e a firma era reconhecida como responsável por alavancar a indústria hoteleira, a partir da ação de seus empreendedores.⁷⁰ Nessa mesma perspectiva, a *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes* já aparecia vinculada aos termos *turismo* e *touriste*:

“Este vasto país bem precisava de uma empresa desse gênero, não só para atender às necessidades da população local, mas também para acolher os ‘touristes’ com a precisa distinção, comodidade e conforto. Antes da atual guerra o turismo já começava a representar aqui um respeitável movimento econômico. Os grandes transatlânticos deixavam semanalmente nesta cidade enormes levas de passageiros, criaturas de abastados recursos que vinham conhecer as maravilhas naturais das terras sul-americanas. E, entre estas, nenhuma outra mais que o Brasil oferecia ao aviado olhar dos ‘touristes’ panoramas mais estupendos, aspectos mais grandiosos, belezas mais empolgantes! Foi, em parte, para atender a essa corrente que se organizou a Companhia dos Grandes Hoteis Centraes. Está quase paralisado há anos o movimento do porto, mas a iniciativa prosperou. É que ela

⁶⁸ 66.920 ‘touristes’ transitaram, em 1916, pelos hotéis que se acham sob a direção combinada com a Companhia dos Grandes Hoteis Centraes. **A Rua**, n. 80, p.08, 24 mar. 1917

⁶⁹ Tabela 1.6. População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010. **IBGE**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

⁷⁰ 66.920...., op. cit.

representava uma aspiração do nosso próprio público, uma necessidade palpitante exigida pelo natural desenvolvimento do nosso meio e dos nossos costumes.”⁷¹

Nesse contexto, é possível pensar na potência dos hotéis para atendimento da própria população do país, viajantes brasileiros. Naquele momento, a Europa enfrentava a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e mesmo depois de terminada, como explorado por Borges⁷², o turismo para o *velho continente* não se mostrava como uma opção: “a busca por atrativos locais crescia em função da dificuldade de se realizar a clássica viagem à Europa devido à reconstrução do continente decorrente da Primeira Guerra Mundial.”⁷³

Portanto, por mais que não se possa dizer que o Rio de Janeiro já conhecesse o que seria o turismo como atividade organizada, a atuação da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* e a sucessiva inauguração de edifícios por ela administrados suscitam suposições sobre o importante papel que teriam exercido na história da cidade. Desse modo, os estabelecimentos estudados no trabalho são os seis grandes hotéis da companhia, projetados e/ou construídos no intervalo estudado (1908-1922) – Hotel Avenida (1908), Fluminense Hotel (1912), Rio Palace Hotel (1915), York Hotel (não concluído), Rio Hotel (1919). e Hotel Vera Cruz (1922).⁷⁴

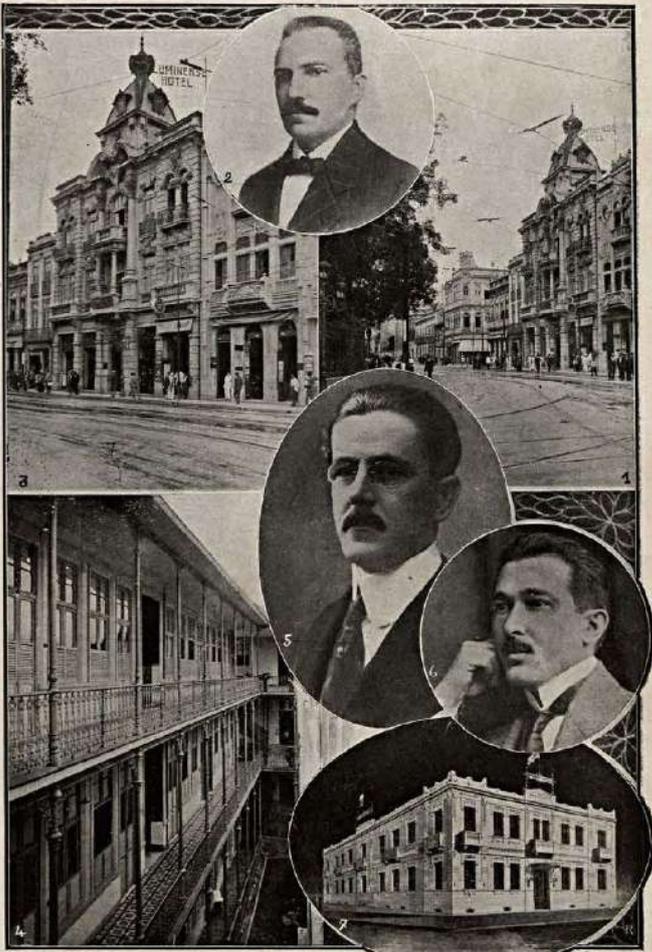
⁷¹ Barbacena possui [sic] um hotel moderno. **Jornal do Commercio - edição da tarde**, p. 03, 28 mar. 1918.

⁷² BORGES, V. L. B. **Os grandes hotéis no dia a dia da imprensa carioca na década de 1920: notas de história e turismo**. XXVII Simpósio Nacional de História - conhecimento histórico e diálogo social. **Anais...Natal**, RN: ANPUH Brasil, 22 jul. 2013Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 3 dez. 2019

⁷³. Ibidem, p.03.

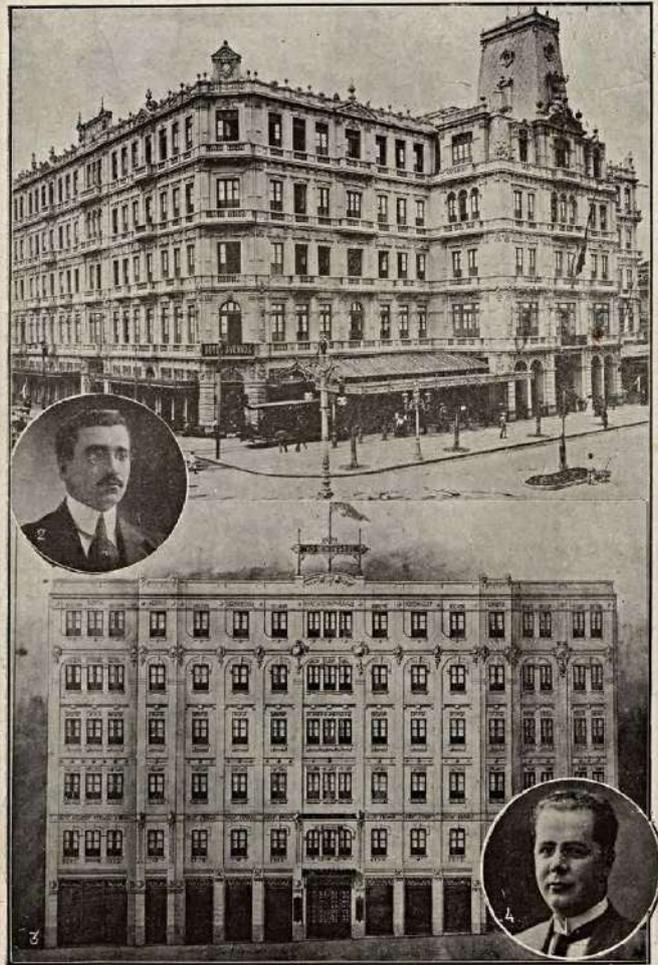
⁷⁴ O Hotel Globo, também administrado pela companhia, não foi incluído, uma vez que se trata de edifício pré-existente ao recorte definido, não se enquadrando no que se pretende analisar como arquitetura concebida entre as duas grandes exposições na cidade. Dentre os edifícios selecionados, o único hotel não edificado foi o York Hotel, por conta de acidentes no processo de sua construção, em 1917, como será abordado no subcapítulo 3.2. No terreno onde se planejava inaugurar o grande hotel York foi erguido o Rio Hotel, edifício ainda hoje existente.

OS GRANDES HOTEIS CENTRAES



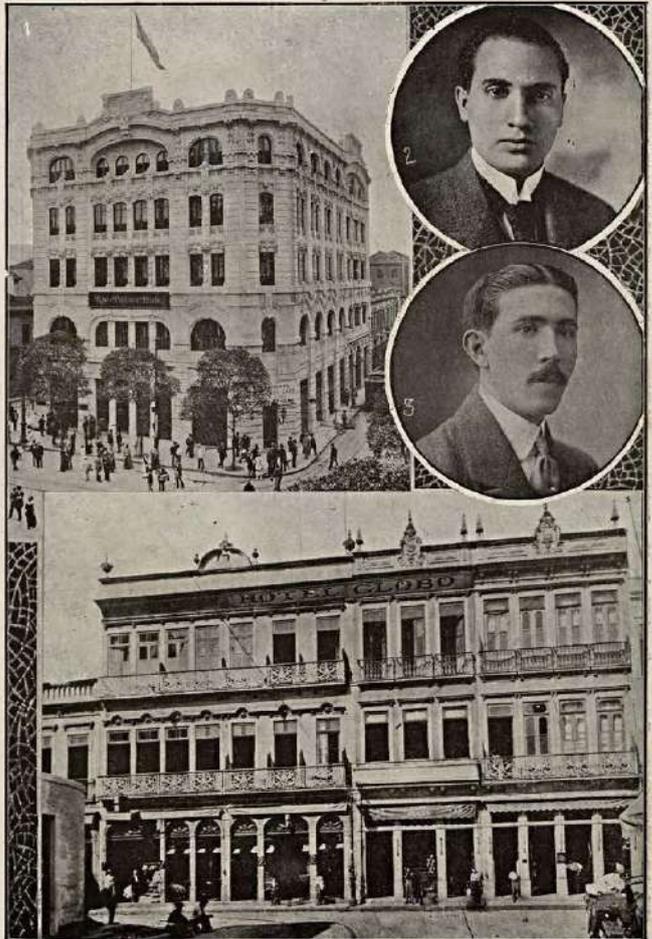
Damos aqui uma ampla secção photographica sobre esta grande Companhia, reproduzindo as photographias dos seus importantes e bem conhecidos estabelecimentos, assim como as dos seus directores e auxiliares.
 1 - Vista do Fluminense Hotel - 2 - Sr. F. Cabral Pinoto, presidente da Companhia dos Grandes Hotéis Centrais - 3 - Vista interior do Fluminense Hotel - 4 - Vista exterior do Fluminense Hotel - 5 - Sr. Abílio Alves, secretario - 6 - Sr. M. J. Carneiro Junior, thesoureiro - 7 - Projecto do Grande Hotel de Botocara.

OS GRANDES HOTEIS CENTRAES



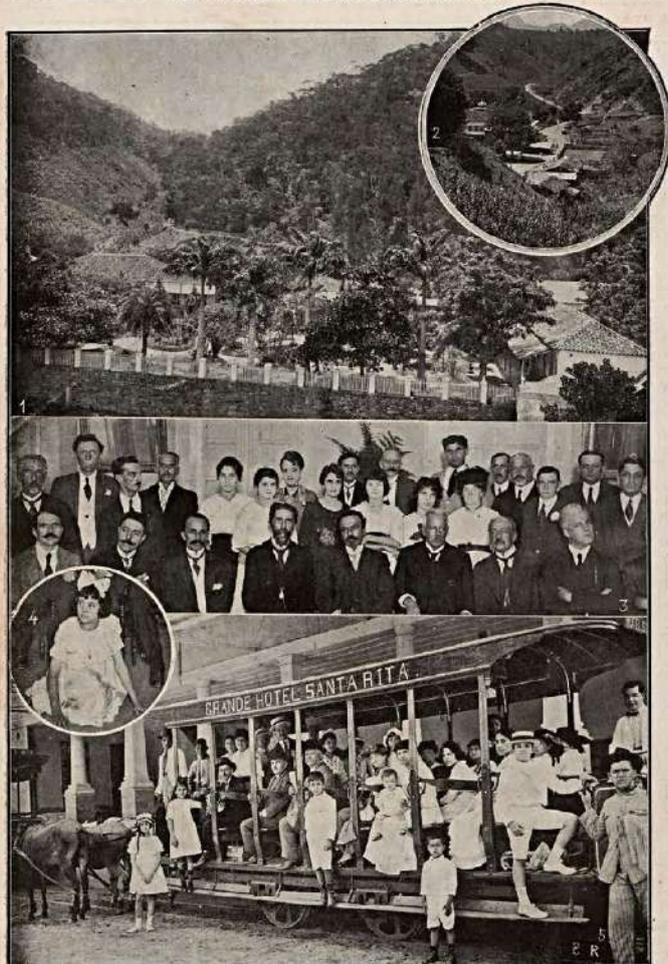
1 - Vista do Hotel Avenida - 2 - Sr. Raphael Gonçalves, gerente do Hotel Avenida - 3 - Vista do York Hotel - 4 - Sr. Alberto Firley Alves, gerente do York Hotel.

OS GRANDES HOTEIS CENTRAES



1 - Vista do Rio-Palace Hotel - 2 - Sr. Assis Cabral, gerente do Rio-Palace Hotel - 3 - Sr. Manoel Carneiro, gerente do Hotel Glória - 4 - Vista do Hotel Glória.

OS GRANDES HOTEIS CENTRAES



1 - Vista geral do Grande Hotel Santa Rita em Minas - 2 - Grupo tirado no Hotel Santa Rita, por ocasião da visita do Sr. Di. Nilo Paganini - 3 - Sr. Manoel Carneiro - 4 - Sr. Manoel Carneiro - 5 - Grupo composto de membros do Hotel Santa Rita.

Figura 32 - Reportagem Os Grandes Hotéis Centrais. Nas imagens, os retratos dos diretores da companhia e dos gerentes dos hotéis
 Fonte: Fon Fon, n. 14, 1917

2.2. Os hotéis da Companhia

Os estabelecimentos da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*, inaugurados entre os anos de 1908 e 1922, como se pôde perceber, foram amplamente divulgados pelos periódicos da época, que teceram notas carregadas de entusiasmo e exaltação em relação aos novos edifícios que passavam a ocupar a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Nos anúncios, assim como nas reportagens sobre a inauguração dos grandes hotéis, os edifícios eram descritos, por vezes, de maneira detalhada, o que tornou possível a recuperação de uma série de informações relativas: ao número de quartos; aos espaços coletivos; às lojas situadas no térreo; aos restaurantes, etc.

Dessa forma, foi possível traçar relações entre as particularidades dos estabelecimentos a partir da criação de uma tabela (fig. 34). No entanto, é essencial pontuar que, como não foram encontrados desenhos técnicos dos edifícios, as informações analisadas a seguir foram baseadas no que foi registrado, sobretudo, pela imprensa da época, e ainda, baseadas em algumas fotografias levantadas ao longo da pesquisa. Além disso, deve-se ressaltar que as análises em relação às comodidades, serviços, espaços coletivos e aspectos construtivos foram realizadas a partir do que se apreendeu de seus momentos de inauguração, entre os anos de 1908 e 1922. Desse modo, futuras incorporações, atualizações ou alterações não se configuraram como foco do trabalho.

Nesse sentido, em relação às características em comum entre os edifícios, pode-se destacar aspectos construtivos e inovações técnicas que passavam a fazer parte dos novos estabelecimentos. Desse modo, é essencial pontuar, assim como indicado por Silva e Spolon ⁷⁵, a influência norte-americana na arquitetura de hotéis a partir do século XIX. Segundo as autoras, por mais que as origens da hotelaria comercial estejam vinculadas à Europa, foi nos Estados Unidos que teria ocorrido o primeiro grande marco para a hotelaria de luxo – a inauguração do hotel *Tremont House*, em 1829, na cidade de Boston – acontecimento que será analisado no subcapítulo 3.2 desse trabalho. Ainda sobre a contribuição norte-americana para a hotelaria, Spolon

⁷⁵ SILVA, M. S. B.; SPOLON, A. P. G. “Alô, é do Copa”? O telefone e a história da hotelaria carioca. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 14, n.02, p. 01-26, agosto de 2017.

comenta que: “A técnica decorrente dos acontecimentos vinculados à Revolução Industrial faz com que a partir da metade do século XIX comecem a surgir hotéis com elevadores (Fifth Ave. Hotel, em Nova York) e com eletricidade (Everett, também em Nova York).”⁷⁶

Dessa forma, os grandes hotéis analisados, inaugurados no Rio de Janeiro do início do século XX, também passaram a incorporar algumas inovações decorrentes da Revolução Industrial. Todos os edifícios contavam com luz elétrica⁷⁷ e instalação sanitária – fatores sempre apontados pelas notícias e anúncios. No entanto, quanto à disposição dos banheiros, os registros não deixam claro se todos os quartos contavam com banheiros particulares, tal qual uma suíte. Na maior parte das descrições, a questão das instalações aparecia da seguinte forma: *todos os quartos com água corrente*. A partir da análise do material levantado, acredita-se que essa informação indicava, na realidade, que cada quarto contava com um lavatório, mas não necessariamente com um banheiro completo, que incluísse bacia sanitária e chuveiro e/ou banheira.⁷⁸

Ainda sobre os aspectos em comum entre os edifícios é necessário ressaltar que, não apenas todos possuíam elevadores elétricos, como também pode-se dizer que os grandes hotéis foram pioneiros no que diz respeito a essa inovação construtiva – o Hotel Avenida (1908) foi um dos primeiros edifícios da cidade a dispor de elevadores. Na tabela (fig. 34), na coluna dedicada a *elevadores / escadas*, foram especificadas: a quantidade de ascensores dos edifícios, nos casos em que as notícias descreviam; e as situações em que foram mencionadas *escadarias de mármore*, que davam acesso aos pavimentos superiores do grande hotel em questão.

Por fim, é possível pontuar, ainda, a existência de telefones nos grandes hotéis analisados que vão, pouco a pouco, ganhando espaço nas notícias dos periódicos da

⁷⁶ SPOLON, A. P. G. Breve história dos meios de hospedagem no Brasil e no mundo. In: SILVA, W. C. D. et al. **Hotelaria**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014, p.07-34, p.15.

⁷⁷ Naquele momento, já a cidade também começava a ser iluminada por eletricidade – lâmpadas elétricas começaram a substituir a iluminação a gás no ano de 1912.

⁷⁸ A hipótese parte do que foi apreendido em relação ao Rio Hotel, como será explorado no subcapítulo 3.3.

época. No ano de 1923, quando todos os hotéis da companhia já haviam sido inaugurados, uma reportagem do Correio da Manhã sobre a difusão dos telefones no país ⁷⁹ indicava que a cidade do Rio de Janeiro contava com 30.000 aparelhos – enquanto a cidade de Lisboa, por exemplo, registrava 6.000. A notícia comentava, ainda, que os grandes hotéis se configuravam como os edifícios que mais concentravam telefones na cidade – considerando a escala dos edifícios e o número de quartos a serem atendidos pelo serviço de comunicação, pode-se utilizar o exemplo do Hotel Avenida que contava com 224 aparelhos naquela época.

Em relação aos outros critérios analisados, as informações aparecem disponíveis na tabela e de forma mais aprofundada ao longo deste subcapítulo.

⁷⁹ O telephone e a sua utilidade - Na America do Sul e na Europa Occidental - para que serve o telephone - como se serve o publico - para que se sigam os exemplo. **Correio da Manhã**, v.23, n.8968, p. 02, 28 set. 1923.

Figura 34 - TABELA DESCRITIVA DOS HOTÉIS DA COMPANHIA DOS GRANDES HOTEIS CENTRAES

	Inauguração	Projeto	Construção	Endereço	Praça / Largo	Nº de quartos *	Nº de pav **	Implantação	Restaurante	Loja térreo	Terraço	Espaços coletivos	Público-alvo	Elevadores /escadas	Edificação anterior	Ano de demolição / Edificação posterior
Hotel Avenida	1908	arq. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá	arq. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá	Avenida Central --- Rio Branco, 152 a 162	Largo da Carioca	220	5 (originalmente, 5 só no volume central, laterais 4)	ocupa todo o quarteirão	SIM	Estação da C.F. C. Jardim Botânico / comércio no entorno (como Bar Nacional e Bar da Brahma) / Galeria Cruzeiro (comércio como a Leitaria Mineira)	SIM pós-reforma (entre 1915 e 1925)	salões de visita, jantar, café, leitura e palestra	"em condições de atender ao mais exigente hospede, é, o ponto <i>smart</i> da sociedade fluminense [...] espera merecer a honra das ilustres famílias que se destinam a Capital da Republica"	SIM 2 elevadores / um dos primeiros edifícios da cidade a dispor de elevadores	s.i.	1957 / Edifício Avenida Central
Fluminense Hotel	1912	s.i.	S. Lara & C (ELÉTRICA)	Praça da República, 207 e 209	Praça da República	100 > 120 reinauguração em 1916	3 (torre chega a 4)	terreno de esquina	SIM	Casa Trotte	s.i.	salão de visitas, leitura, palestra e café, jardim interno, bar	famílias mineiras e paulistas	SIM elevadores	s.i.	1941 / Av. Presidente Vargas
Rio Palace Hotel	1915	s.i.	s.i.	Rua dos Andradas 10	Largo São Francisco de Paula	100	5	ocupa todo o quarteirão	X o hóspede poderia fazer sua refeição em outros hotéis da Companhia / oferecia aposentos com serviço de café	Casa das Flores Casa Indiana	SIM	salas de espera em todos os andares, de leitura, um fumoir, sala de musica, barbearia	"aposentos ocupados por pessoas de alta representação social" / "máximo conforto para famílias e cavalheiros"	SIM elevadores escadaria de mármore	Loja Parc Royal	c. 1940 / Edifício Patriarca
York Hotel	n/a (não concluído)		Jannuzzi, Filhos & C. Antonio Jannuzzi	Rua da Carioca, 89 e 91 (esquina com a Rua Silva Jardim)	Praça Tiradentes		6									
Rio Hotel	1919	Sr. Carmine Francisco Conti (DECORAÇÃO)	Francisco Jannuzzi & C.	Rua da Carioca, 89 e 91 (esquina com a Rua Silva Jardim)	Praça Tiradentes	108	7	terreno de esquina	SIM só aluga aposentos sem compromisso das refeições - refeições à minuta	Armazéns Grandella / Grill-Room	s.i.	no térreo, salão de visitas, de leitura / no 1º andar, salão de barbeiro e manicure et coiffeur pour dames	"Pela sua situação central, proximo a todos os teatros e linhas de bondes, podemos afirmar que será o hotel preferido pelas pessoas que aqui vêm a passeio ou a negocio"	SIM 2 elevadores <i>Ideal</i> , construídos pela fundição Indígena	construção de estilo colonial onde nasceu o ator João Caetano e por muito tempo funcionou um botequim	n/a (ainda existe)
Hotel Vera Cruz	1922	s.i.	s.i.	Rua Espirito Santo --- Luiz Gama, 35	arredores da Praça Tiradentes	120	5	colado nas divisas	X apontado como vantagem, o hóspede teria liberdade para fazer suas refeições nos restaurantes que escolhesse	X	s.i.	salas de espera em todos os andares	"O Hotel Vera Cruz é preferido pelas altas individualidades estrangeiras que aqui têm os seus negócios, sendo forçadas, portanto, a uma longa permanência, e ainda pelos funcionários superiores dos vários bancos e companhias com sede no Rio de Janeiro"	SIM elevadores escadaria de mármore	s.i.	1956 (fechamento) / s.i. (demolição) / estacionamento de automóveis

Legenda :

s.i. ---- sem informação
n/a ---- não se aplica
X ----- não tinha

A título de comparação:

* Palace Hotel (1919), Hotel Glória (1922) e Hotel Copacabana Palace (1923) - 250 quartos, cada;
** Palace Hotel e Hotel Glória ----- 8 pavimentos
Hotel Copacabana Palace ----- 7 pavimentos

2.2.1. Hotel Avenida (1908) ⁸⁰

endereço: Avenida Rio Branco, 152 a 162 / Largo da Carioca

arquiteto: Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá

construtor: Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá

datas: 1908 (inauguração) / 1957 (demolição)

nº de pavimentos: 05

nº de quartos: 220

uso atual: Edifício Avenida Central, uso comercial



Figura 35 – Hotel Avenida, c. 1912, por Marc Ferrez

Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

⁸⁰ Dentre o conjunto de hotéis da Companhia, a partir das referências bibliográficas consultadas, foi o único estabelecimento que apareceu de maneira aprofundada em estudos de outros pesquisadores.

Inaugurado em julho de 1908, o Hotel Avenida foi construído no contexto da reforma Pereira Passos e da abertura da Avenida Central, atual Rio Branco. O estabelecimento, projetado e construído pelo arquiteto Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, ocupava os números 152 a 162 da grandiosa e moderna via, cujo terreno também tinha fachada voltada para o Largo da Carioca. Nos anúncios da época, alguns aspectos eram ressaltados, como: seu grande número de aposentos; seu prestígio e; sua posição privilegiada do ponto de vista de acessibilidade. Isso porque no térreo do hotel, funcionava uma estação circular de bondes da *Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico*, que conectavam a área central a outros arrabaldes – como, por exemplo, o que hoje se configura como Zona Sul da cidade:

“Hotel Avenida: o maior e mais importante do Brasil – podendo hospedar diariamente 400 pessoas – servido por elevadores elétricos – situação a mais distinta e concorrida da Avenida Rio Branco e ponto central de partida para todos os arrabaldes.”⁸¹

Assim, vale pontuar que o grande hotel foi pensado de maneira integrada à estação no térreo⁸², o que se mostra evidente, por exemplo, a partir da cobertura para a parada de bondes⁸³, que fazia parte da arquitetura do edifício. Anos após inaugurado o estabelecimento⁸⁴, a antiga estrutura sobre a estação deu lugar a uma laje, gerando um terraço no 2º pavimento do hotel, onde passou a funcionar um espaço com mesas e cadeiras a céu aberto (fig. 36). Uma hipótese possível para essa alteração seria a tentativa do grande hotel de se equiparar ao vizinho Palace Hotel que, inaugurado em 1919, contava com um terraço para seus hóspedes.

⁸¹ Hotel Avenida. **Fon Fon**, n. 45, p. 55, 1915, grifo nosso.

⁸² CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 38.

⁸³ O hotel deixou de contar com a estação de bondes em seu térreo no ano de 1937, quando foi transferida para o recém-inaugurado terminal de transportes conhecido como *Tabuleiro da Baiana*, no Largo da Carioca.

⁸⁴ Por mais que não se tenha encontrado a data exata da reforma, a partir da análise de fotos, pode-se afirmar que a alteração ocorreu entre os anos de 1915 e 1925.



Figura 36 – Hotel Avenida já com seu terraço, s.d., por Augusto Malta
Fonte: Pioneiros da hotelaria no Rio de Janeiro, de Belchior e Poyares

Ainda quanto ao térreo, sob o edifício também estava a Galeria Cruzeiro – nome que se deve à união de duas alamedas em forma de cruz:

“A primeira galeria cruzava da avenida Rio Branco ao largo da Carioca; a outra, da Rua Santo Antônio, futura Bethancourt da Silva, à rua São José. Dentro delas trafegavam os bondes e ficavam alguns dos estabelecimentos mais concorridos do Rio: os restaurantes Brahma e Nacional, frequentados por profissionais de todas as categorias, o Café Nice, predileto das famílias, e a Sorveteria Mineira, apinhada de donzelas, nem todas tão família. Na Galeria Cruzeiro, marcavam-se encontros – ‘Entre meio-dia e seis horas. Mais ou menos’ -, fechavam-se negócios, conspirava-se a favor ou contra qualquer causa, jogava-se no bicho, compravam-se partituras musicais, flores e jornais. E a qualquer hora, porque ela não fechava.”⁸⁵

⁸⁵ CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 38.



Figura 37 – Uma das alamedas da galeria dava acesso ao Largo da Carioca, para onde também se voltava uma das fachadas do Hotel Avenida
Na foto, o largo e o grande hotel Avenida ao fundo, c. 1908, por Marc Ferrez
À direita, o antigo chafariz projetado por Grandjean de Montigny
Fonte: O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez

Ainda em relação à inserção urbana do edifício, destaca-se a importância do Largo da Carioca na cidade. Conforme Segre et al ⁸⁶, o largo já era identificado como um espaço multifuncional desde a segunda metade do século XIX e a inauguração do Hotel Avenida foi responsável pela intensificação de seu caráter como centralidade:

“Com a República, o Campo de Santana perde significação e a Praça XV é abandonada. A Cinelândia ainda se constituía como centralidade, com a localização dos importantes prédios: o Theatro Municipal, a Escola Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio

⁸⁶. SEGRE, R; VILAS-BOAS, N; KOATZ, G. D.; TILL, J. **O Largo da Carioca no Rio de Janeiro: complexidades de um espaço urbano**. XII SHCU Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais...Porto Alegre, RS, 15 a 18 out. 2012.

Monroe. Enquanto isso, o Largo se transformava no espaço mais vital e movimentado da cidade. No desejo de regularizar e modernizar o centro urbano, Pereira Passos alargou as ruas da Carioca e Uruguaiana e dilatou a Praça do Largo derrubando o hospital e o substituindo por um prédio eclético de escritórios, projetado pelo escritório de Antônio Januzzi Irmãos (1906), sede do jornal Correio da Manhã. A presença do hotel Avenida (1908), construído pela empresa Light & Power, criou um intenso centro de vida social, relacionando-o com a Avenida Rio Branco, reforçado através da Galeria Cruzeiro, terminal da linha dos bondes.”⁸⁷

A inauguração do hotel, como já explorado anteriormente, é hoje considerada um marco para os rumos da hotelaria no país. Contudo, mesmo naquela época, a grandiosidade do estabelecimento já era reconhecida e exaltada por muitos anúncios, que apontavam o Hotel Avenida não apenas como sendo “o maior do Brasil ocupando todo o quarteirão”, mas ainda, como uma *casa de 1ª ordem* digna de “sem receio ser qualificada a primeira da América do Sul”.⁸⁸ Coerente com seus vizinhos construídos no momento de abertura da avenida, o edifício impressionava por suas dimensões – sua fachada frontal era de 60 metros de comprimento, enquanto sua altura máxima atingia 34,30 metros.⁸⁹

O grande hotel se destacava, ainda, por conta de suas inovações técnicas e pelo conforto que proporcionava. O Hotel Avenida contava não apenas com telefone e água corrente em todos os pavimentos, luz elétrica, instalação completa de banhos, salões de jantar, café, leitura e palestra; mas deve-se pontuar, também, que o hotel foi um dos primeiros edifícios da cidade a dispor de elevadores, o que acabava por atrair curiosos ao estabelecimento. Dentre seus hóspedes, figuravam políticos, artistas e pessoas da alta sociedade do Rio de Janeiro.

⁸⁷. SEGRE, R; VILAS-BOAS, N; KOATZ, G. D.; TILL, J. **O Largo da Carioca no Rio de Janeiro: complexidades de um espaço urbano**. XII SHCU Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. **Anais...**Porto Alegre, RS, 15 a 18 out. 2012 , p.04.

⁸⁸ Hotel Avenida. **Almanak Henault**, v. 02. p. 295, 1910

⁸⁹ FERREZ, M. Fachada do Hotel Avenida. **Exposição Marc Ferrez: Território e Imagem**. Rio de Janeiro: IMS, 7 dez. 2019 a 15 mar. 2020.

HOTEL AVENIDA

O maior do Brazil occupando todo
o quarteirão



ESTE estabelecimen-
to, montado a ca-
pricho, e em condições
de attender ao mais
exigente hospede, é, o
ponto SMART da socie-
dade fluminense.

Dispondo de bellos
commodos e pessoal
habilitado, espera me-
recer a honra da visita
das illustres familias
que se destinam á
Capital da Republica.

E' incontestavel que
esta casa de 1ª ordem
pöde sem receio ser
qualificada a primeira
da America do Sul.

PREÇOS

MODICOS

Telephone: 2873

Endereço Telegraphico:

" AVENIDA "

SOUZA CABRAL & Comp.

AVENIDA CENTRAL
Ponto dos bonds da Jardim Botânico

RIO DE JANEIRO

Figura 38 – Anúncio do Hotel Avenida, o maior do Brazil occupando todo o quarteirão

Fonte: Almanak Henault, v.02, 1910

Além disso, pode-se perceber a divulgação do grande hotel em algumas publicações do poder público, como em anúncio no Álbum de Exposição de 1908⁹⁰ e em fotografia no Álbum de Fotografias do Distrito Federal (1911-1920) (fig. 19).⁹¹ Em veículos de propaganda da cidade, esse destaque passou a mudar no ano de 1922, na ocasião da grande Exposição Internacional, quando, como explorado no capítulo 01, novos grandes hotéis estavam sendo inaugurados no que hoje se entende como orla do Rio de Janeiro. Os edifícios retratados no álbum comemorativo do evento⁹² foram: o Hotel

⁹⁰ **Album de Exposição - órgão de propaganda nacional.** v. 01, n. 01, 1908.

⁹¹ **Álbum Photographias D. Federal 1911-1920.** Rio de Janeiro: [s.n.], v.1. Além do Avenida, haviam fotos do Hotel Central (1916 – Praia do Flamengo) e Palace Hotel (1919 – Avenida Rio Branco).

⁹² **Album da Cidade do Rio de Janeiro - commemorativo do 1º Centenario da Independencia do Brasil 1822-1922.** Rio de Janeiro: Prefeitura do Districto Federal, 1922.

Central (1916 – Praia do Flamengo), o Palace Hotel (1919 – Avenida Rio Branco), o Hotel Sete de Setembro (1922 – Avenida do Contorno, Morro da Viúva, Flamengo) e o Hotel Glória (1922 – Praia do Russel, Glória) (figs. 17, 22, 23 e 24).

O hotel foi demolido no ano de 1957, para dar lugar ao edifício Avenida Central. Contudo, sua demolição não foi realizada de maneira silenciosa ou sem suscitar revoltas dos mais variados grupos. Por um lado, o próprio arrasamento do hotel em si; por outro, a perda de um espaço que, por meio século, fez parte intensamente da história da cidade, sendo palco de diferentes apropriações por parte do cidadão carioca – a Galeria Cruzeiro:

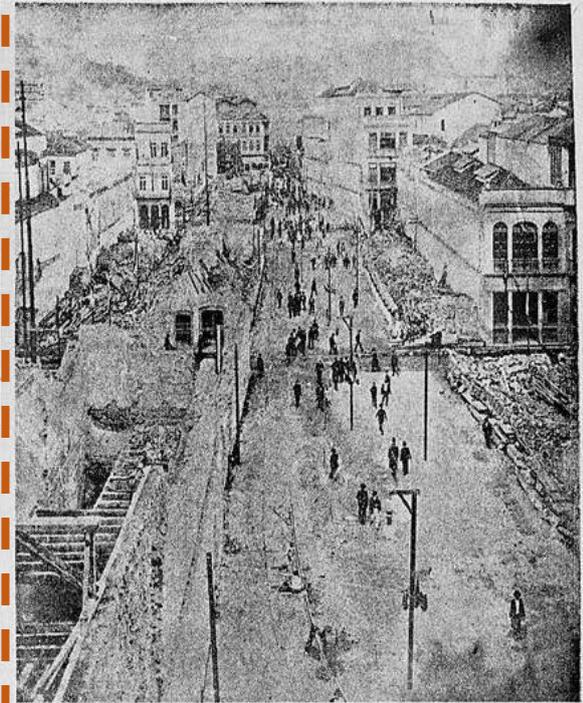
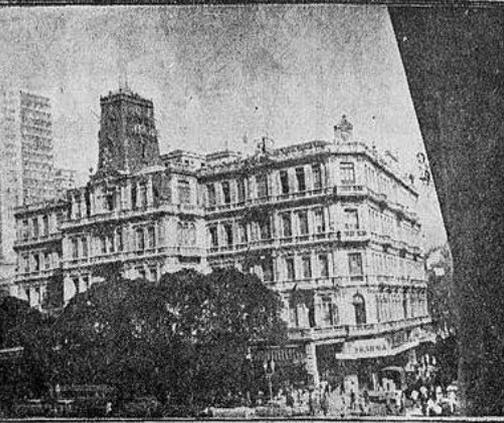
“O mais célebre hóspede já recebido pelo Avenida foi um rei. Rei diferente, boêmio e esbanjador, por alguns dias, apenas, está anualmente no Avenida, há muitos anos. É Rei Momo, o gordo e inconsequente monarca, que escolheu o Avenida para sede de seu reinado efêmero e contudo compensador. Mas agora que o prédio será demolido, parece que Momo terá de arranjar um novo hotel.”⁹³

⁹³ Galeria Cruzeiro – outra tradição que desaparece. **Revista da Semana**, n. 44, p. 44-46, 03 nov. 1956, grifo nosso.

ERA UMA VEZ UM HOTEL...

REPORTAGEM (RETROSPECTIVA)
de heitor gurgel

Primeira de Uma Série de Três



As obras da Avenida Central, entre as ruas general Cruzzeiro (observada pela atual Av. Presidente Vargas) e Santa Luzia. Foto de outubro de 1907.

A NOITE Variedades
Rio de Janeiro, terça-feira, 2 de julho de 1957

Almofadinhas Esperavam Horas Para Tornozelos (de Moças) Ver

Falar no Hotel Avenida é falar na Galeria Cruzeiro e na própria artéria que lhe deu o nome: a Avenida Rio Branco.

O Nascimento da Avenida

Foi em 1901, meados de fevereiro, que o prefeito Pereira Passos resolveu iniciar as obras de uma moderna via pública que seria a mais larga e bonita da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Conhecido perfeitamente bem os seus auxiliares, Passos entregou a direção das obras a um jovem e dinâmico engenheiro, Paulo de Frontin, que, dois dias depois, mandou deslizar a primeira casa a ser demolida das setecentas e duas, que se encontravam no traçado da nova via. Um ano depois, ou mais exatamente, a 23 de fevereiro de 1905, a avenida estava aberta desde o Largo da Prainha (hoje Praça Mauá) até a Praia de Santa Luzia (Cinelandia), com seus 1.300 metros de comprimento por 35 de largura. Os terrenos à sua margem encontraram logo compradores e um deles foi construído o edifício da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico, para onde se mudou o ponto final de suas linhas no centro da cidade.

O Edifício

A construção foi feita levando-se em conta o valor do terreno (já àquela época excelente) e também, é óbvio, as posturas e planos da Municipalidade. Entre essas, havia o de se dotar a avenida de dois ou três hotéis de primeira classe. Sabedora disso, a Jardim Botânico reservou no prédio acomodações (todos os andares superiores) para a instalação de um hotel, com salões amplos e dependências comuns às casas do gênero. Ao nível da rua foram assentados os trilhos dos bondes que ali chegavam pela Rua Treze de Maio, contornavam o edifício numa quase circular e pelo Largo da Carioca, demandavam a rua Senador Dantas até a rua do Pas-

seio, para daí, Largo da Lapa até o prosseguir viagem até os mais distantes pontos da zona sul.

Por Que Galeria Cruzeiro?

O edifício tem duas grandes galerias que se cruzam (daí o nome) e que foram divididas em lojas. Em três delas, a Jardim Botânico instalou um "guichet" para venda de passagens, uma sala de espera com "toilette" para senhores e um metrópoli público. As galerias internas, bem como a semi-circular externa, ficaram sendo conhecidas, genericamente, pelo nome de Galeria Cruzeiro.

O Hotel

Em 1908, pouco depois de concluída a construção, o cidadão português Francisco Cabral Peixoto montou um hotel que, para a época, era dos melhores, senão o melhor da cidade e o mais central.

A "Belle Époque" Carioca

A "Belle Époque" da Cidade Maravilhosa decorreu justamente nos períodos imediatamente posteriores ao chamado "Grande Quatriênio". Na sua aprofundada administração, Rodrigues Alves conseguiu com Osvaldo Cruz sanear a capital do país que a seu prefeito, o grande Pereira Passos, modernizara.

Na avenida que logo tomou o nome de Central, começaram a surgir grandes e belos edifícios, embelezando-a ainda mais. Entre vários, construídos por particulares, sobressaem os do governo: Escola de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Caixa de Amortização e o Teatro Municipal. Todos sumptuosos e de apurado estilo arquitetônico. Além disso, com naturais reflexos na capital do país, as retumbantes vitórias nacionais ecoavam patrioticamente na alma brasileira: Acre, que o gênio de Rio Branco apresentou ao Brasil; Haia, onde Rui Barbosa brilhou na Cúria Internacional de Arbitragem, chamando a atenção do mundo para a nossa pátria e Santos Dumont, que fez o Brasil inchar de orgulho.

No campo intelectual não era menor a vibração: inaugurou-se o Teatro Municipal, fundou-se a Academia de Letras, Vitor Meireles é laureado na Europa, Bilac, os irmãos Berardinelli, Guimarães Passos, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Luiz Murat, Emilio de Menezes e tantos outros, esplendiam nas artes e nas letras. O jornalismo caboclo com Candido de Campos, Edmundo Bilençoug e Irineu Marinho, e outros marcava uma época. No recém-inaugurado Teatro Municipal, as companhias se sucediam com casas sempre cheias. E o

VELHO TEATRO LIRICO prosseguia a concorrência, graças à sua excelente acústica e ao seu fidei publico. Cinco ou seis outros teatros alegravam a população. Grandes nomes na arte cênica mundial estiveram no Rio. Cruzos arrebatou a platéia carioca. Sarah Bernhardt entusiasinou a mocidade. Disputava-se um lugarzinho no poitro do Teatro Lirico e nas galerias do Municipal. Chegavam missões estrangeiras para o Exército e para a Armada. A nossa Marinha de Guerra enriquecera com a compra de dois soberbos encouraçados (Mina e São Paulo) novinhos em folha. Os primeiros produtos manufaturados em São Paulo começaram a surgir no comércio. E, para coroar tanta coisa boa, o mil réis valia tanto quanto hoje valem 25 cruzeiros. Por um tostão (10 centavos) comprava-se a A NOITE, duas caixas cheias de fósforos e pagava-se uma viagem de bonde entre a praça 15 e o "boulevard" 28 de setembro em Vila Isabel. O preço do feijão andava entre 2 e 3 tostões e quando se dava a um pobre um vintém (1 centavo) ele agradecia. Tudo, pois, andava no melhor dos mundos, apesar da revolta de João Cândido (1910), de uns pequenos arrebatamentos no sul e do nordeste e da primeira guerra mundial (1914). O Brasil progredia e com ele a Capital Federal. Só na Avenida Central havia cinco cinemas: Odéon, Palas, Patrie, Avenida e Parisiense. Confissões, livros, livrarias, jornais (O Paiz, Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, A Notícia e a A Fala) vários luxuosos magazines, sapatarias, casas de chá etc. Tudo isso surgiu na "belle époque" entre 1908 a 1920. O carnaval desses tempos foi o melhor de quantos já se realizaram no Rio. Havia mascarados em penca. O trote espíritos era comum. O corso era intenso como o gasto de serpentina e de confetes. Bons tempos, das dolentes valsas, brilhantes "schottis" e saltitantes polkas. Nas salões elegantes a quadrilha era marcada em francês. Os homens eram limpos e comedidos; as mulheres lindas, tranquilas, e quase inabórdáveis. Vestidas até aos pés, saias rodadas, mangas compridas, chapéus gigantescos ou toucas enterradas até as orelhas e ainda por cima luvas e véu. De fora, só a biquitria dos sapatos. Foi, por essa época, que a carioca se postava (o "flanear", já se vê) enfeitada à Brhadma para se



Foi o caricaturista J. Carlos que, com inenarrável verve, criou o "almofadinha" e a "melindrosa", retratando as roupas dos jovens de 1920.
"Esta boneca irrequieta, E' um unido de aze e de folha De garça e de borboleta"
Assim definiu um cronista e "melindrosa" que fazia o "footing" nos séculos na avenida Rio Branco, entre a rua do Ovidor e a Galeria Cruzeiro.

VELHO TEATRO LIRICO prosseguia a concorrência, graças à sua excelente acústica e ao seu fidei publico. Cinco ou seis outros teatros alegravam a população. Grandes nomes na arte cênica mundial estiveram no Rio. Cruzos arrebatou a platéia carioca. Sarah Bernhardt entusiasinou a mocidade. Disputava-se um lugarzinho no poitro do Teatro Lirico e nas galerias do Municipal. Chegavam missões estrangeiras para o Exército e para a Armada. A nossa Marinha de Guerra enriquecera com a compra de dois soberbos encouraçados (Mina e São Paulo) novinhos em folha. Os primeiros produtos manufaturados em São Paulo começaram a surgir no comércio. E, para coroar tanta coisa boa, o mil réis valia tanto quanto hoje valem 25 cruzeiros. Por um tostão (10 centavos) comprava-se a A NOITE, duas caixas cheias de fósforos e pagava-se uma viagem de bonde entre a praça 15 e o "boulevard" 28 de setembro em Vila Isabel. O preço do feijão andava entre 2 e 3 tostões e quando se dava a um pobre um vintém (1 centavo) ele agradecia. Tudo, pois, andava no melhor dos mundos, apesar da revolta de João Cândido (1910), de uns pequenos arrebatamentos no sul e do nordeste e da primeira guerra mundial (1914). O Brasil progredia e com ele a Capital Federal. Só na Avenida Central havia cinco cinemas: Odéon, Palas, Patrie, Avenida e Parisiense. Confissões, livros, livrarias, jornais (O Paiz, Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, A Notícia e a A Fala) vários luxuosos magazines, sapatarias, casas de chá etc. Tudo isso surgiu na "belle époque" entre 1908 a 1920. O carnaval desses tempos foi o melhor de quantos já se realizaram no Rio. Havia mascarados em penca. O trote espíritos era comum. O corso era intenso como o gasto de serpentina e de confetes. Bons tempos, das dolentes valsas, brilhantes "schottis" e saltitantes polkas. Nas salões elegantes a quadrilha era marcada em francês. Os homens eram limpos e comedidos; as mulheres lindas, tranquilas, e quase inabórdáveis. Vestidas até aos pés, saias rodadas, mangas compridas, chapéus gigantescos ou toucas enterradas até as orelhas e ainda por cima luvas e véu. De fora, só a biquitria dos sapatos. Foi, por essa época, que a carioca se postava (o "flanear", já se vê) enfeitada à Brhadma para se



Figura 40 – Reportagem em série *Era uma vez um hotel...*, em homenagem ao Hotel Avenida
Fonte: A Noite, n. 15659, 1957

Durante um breve período, ainda existiu esperança quanto à permanência de uma galeria pública, no tórreo da nova edificação que seria construída no terreno – uma ressurreição da Galeria Cruzeiro⁹⁴:

"De acordo com a escritura de cessão e transferência que entre si fizeram a Fazenda Nacional e a Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico a outorgante obrigava-se a abrir ao trânsito público uma galeria em cruz, tendo os ramais da Galeria a largura de seis metros, cruzando-se e formando um

⁹⁴ A Galeria Cruzeiro voltará a existir. *O Mundo Ilustrado*, v.5, n. 47, p.16 e 46, 20 nov. 1957

octógono'. Ainda pela escritura constava que 'a mesma galeria deve sempre ser mantida como servidão pública, quaisquer que sejam as reconstruções que de futuro venham a sofrer o prédio ou prédios construídos nos referidos terrenos.'⁹⁵

Por mais que as exigências não tenham sido integralmente mantidas e tenha sido concedida ampla liberdade de construção no local, a futura edificação ali erguida ainda guardaria relação com um certo caráter público do térreo, como indicado mais adiante. Antes de o edifício ser posto abaixo definitivamente, houve resistência por parte de um grupo hóspedes. Tancredo Moraes, escritor, jornalista e hóspede do hotel denominou o movimento, do qual fez parte, como uma *rebelião lírica*⁹⁶. O coletivo de 40 pessoas, se recusando a abandonar o hotel depois da saída de seus donos, tentou resistir ao que se configurava como o fim de um capítulo da história da cidade. Capítulo esse que vinha acompanhado, paralelamente, a uma noção de progresso e entusiasmo com o novo edifício que estava sendo construído no terreno – *a terceira cidade na cidade: o edifício Avenida Central*.⁹⁷:

“Coração da cidade, pólo de atração da urbe em movimento! Amanhã, esse quadrilátero conterà uma cidade dentro da cidade, uma maravilha dentro da maravilha, um prodígio sobre outro prodígio. E é a construção desse colosso de aço e de concreto que hoje fascina a quantos passam pela Avenida Rio Branco [...] Edifício Avenida Central, idealizado pela Dra. Regine Feigl, projetado pelo Arquiteto Henrique Mindlin e hoje em construção por Capua & Capua. O Avenida Central é todo um quarteirão; com 34 pavimentos, além de dois subsolos, poderá conter mais de 15.000 pessoas em seus escritórios e lojas.”⁹⁸

⁹⁵ Na nova construção não haverá galeria. **Tribuna da Imprensa**, n.2214, p.02, 13-14 abr. 1957, grifo nosso.

⁹⁶ A rebelião lírica do Hotel Avenida. **Manchete**. n.274, p.66-69, 20 jul. 1957.

⁹⁷ Sólida estrutura e o sêlo das obras realizadas dentro dos mais modernos requisitos da técnica, eis o “Avenida Central”. **O Cruzeiro**, n. 45, p.69-72, 22 ago. 1959.

⁹⁸ *Ibidem*, p.70.

CIDADE VERTICAL NASCE DA TRADIÇÃO DA GALERIA

Texto de LUIZ GAGLIARDI
Fotos de RUBEM PEREIRA



O GOVERNADOR CARLOS LACERDA INAUGURA A OBRA DE D. REGINA FEIGL, UMA VERDADEIRA CIDADE VERTICAL.

Um verdadeiro Rockfeller Center foi construído no coração do Rio de Janeiro, sobre décadas de tradições, na Avenida Rio Branco: o Edifício Avenida Central, o mais alto da Belacap e um dos mais modernos da América Latina, com seus trinta e quatro andares, todo em estrutura metálica. Localizada no mesmo terreno onde antes existia a Galeria Cruzeiro (aquela do Hotel Avenida, da Brahma e do caldo de cana geladinho), a construção foi, desde o início, administrada pela Companhia Construtora Capua & Capua S.A., sob a responsabilidade geral do dr. Júlio Capua e da equipe de técnicos que com ele colabora, dentro os quais se destacam os srs. Renato Vilela, Chedid Maluf, general Alberto Rodrigues da Costa, Humberto Drevanz e Péricles Memória. A obra é de iniciativa da Sra. Regina Feigl, assessorada pelo seu coordenador técnico, dr. Mário Amorim, sendo autor do projeto o arquiteto Henrique E. Mindlin.

25 mundo ilustrado

EDIFÍCIO AVENIDA CENTRAL
INAUGURADO EM 22 DE MAIO DE 1961
PROJETO: HENRIQUE E MINDLIN
CONSTRUÇÃO: COMP. CONSTRUTORA CAPUA & CAPUA S.A.
ESTRUTURA METÁLICA: PROJETO: PAULO R. PRAGOSO
EXECUÇÃO: COMP. SIDERÚRGICA NACIONAL
COORDENAÇÃO TÉCNICA: MÁRIO C. P. AMORIM

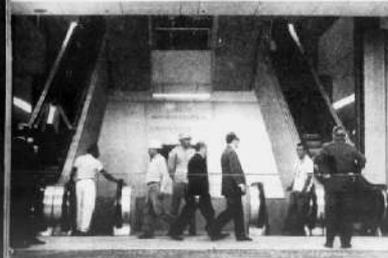


A MULTIDÃO SE COMPRIMA PARA VER A SOLENIDADE, QUANDO FOI INAUGURADA UMA PLACA COM OS NOMES DOS CONSTRUTORES.

Os edifícios foram enormes, era preciso antes de tudo vencer o coração e do molli a Galeria. O crescimento acelerado da cidade assim a exigia. Havia, por outro lado, a percepção constante de construir, especialmente hoje onde há tanta exigência corporativa, algo que ratifica o estilo de linha tradicional. Vencida a coragem, surdo-se das fundações, corrigiu-se o eixo de Valde Redondo e acelerou-se o trabalho. Navega então um verdadeiro monumento da arquitetura. 34 pavimentos, dois subterrâneos e todos os serviços necessários à vida de uma pequena cidade vertical, para abrigar mais de 15 mil pessoas.

As caixas d'água, por exemplo, têm um volume de um milhão de litros. Como as casas de máquinas a FC de força, luz e telefone, está situado no segundo subsolo. No primeiro, foram exclusivamente lojas, salas para um pequeno posto médico, posto de polícia e agência de correios. O primeiro pavimento, situado no plano das vias públicas, com os jirões, a segunda e a terceira, destinam-se apenas a lojas. São, os três, servidos por elevadores.

rolantes. No quarto pavimento, de transição para o sétimo, além de um bar-café, foram instalados dois restaurantes, estufa para um belo jardim. Os demais andares, até o 33º, são semelhantes, destinando-se a escritórios, num total de 1.200 unidades, incluindo salas, banheiros e pequenas cozinhas com armários embutidos. O prédio ocupa uma área de cada andar de 75 mil metros quadrados. Para a sua construção foram usados tubulões de cerca de 22 metros de profundidade do meio-fio da rua. Foram enviados



CENTO E 60 MIL PESSOAS SÃO TRANSPORTADAS, POR HORA, PELOS 17 ELEVADORES E 12 ESCADAS-ROLANTES DO PRÉDIO.



Figura 41 – Reportagem entusiasta sobre a inauguração do edifício Avenida Central
Fonte: O Mundo Ilustrado, n. 180, 1961

Inaugurado em 22 de maio de 1961⁹⁹, o Avenida Central (fig. 43) foi pioneiro em vários aspectos. Além de ser considerada a primeira grande construção em estrutura metálica e o edifício mais alto da cidade, até o momento de sua construção, inaugurou também o modelo de torre sobre placa, que já passava a ser incorporado na arquitetura americana das décadas de 1950 e 1960. Hoje, continua sendo marco da área central do Rio de Janeiro, abrigando em torno de 200 lojas e mais de 1000 salas comerciais. Vale destacar, ainda, que o edifício revela uma clara integração com a cidade, mantendo um dos eixos da antiga Galeria Cruzeiro – ele pode ser *atravessado* ao nível da rua por meio de seus acessos da Avenida Rio Branco e do Largo da Carioca: nesse último, o calçamento de pedra portuguesa adentra o espaço interno da edificação.

⁹⁹ Cidade vertical nasce da tradição da galeria. O Mundo Ilustrado, n. 180, p. 25-27, 03 jun. 1961.



Figura 42 – Demolição do Hotel Avenida, s.d.
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Figura 43 – Edifício Avenida Central em construção, s. d.
Fonte: Biblioteca IBGE

2.2.2. Fluminense Hotel (1912)

endereço: Praça da República, 207 e 209

arquiteto: s.i.

construtor: s.i. / firma S. Lara & C. (instalação elétrica)

datas: 1912 (inauguração) / 1916 (reinauguração após reforma) / 1941 (demolição)

nº de pavimentos: 03

nº de quartos: inicialmente 100; 120 após a reforma

uso atual: demolido para a abertura da Avenida Presidente Vargas



Figura 44 – Fluminense Hotel na Praça da República, 03/10/1941, por Uriel Malta ¹⁰⁰

Fonte: Brasiliana Fotográfica, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

¹⁰⁰ Não foram encontradas fotos de qualidade da época de inauguração, apenas imagens em anúncios.

Inaugurado em agosto de 1912, o Fluminense Hotel situava-se à Praça da República, 207 e 209, localização exaltada por muitos dos anúncios da época:

“[...] o FLUMINENSE HOTEL situado, como está, em frente ao majestoso parque do *Campo de Sant’Anna* e a dois passos da Estação inicial da E. F. Central do Brasil, com bondes diretos para as Barcas e Estação da Praia Formosa, pode corresponder com vantagem à preferência que lhe dá a sua clientela.” ¹⁰¹

Dentre os hotéis da companhia, era o único estabelecimento próximo a um espaço verde, o que era levantado como um diferencial e possível atrativo de hóspedes. Nesse contexto, é importante destacar a potência, naquela época, dos jardins projetados. Segundo Perrotta: “Os primeiros espaços públicos para a fruição da natureza, por incrível que pareça, referiam-se a uma natureza planejada e construída – o Passeio Público e o Campo da Aclamação ¹⁰², além do Jardim Botânico [...]” ¹⁰³. Projetado pelo paisagista francês Auguste Glaziou, o Parque da Aclamação foi inaugurado em 1880 (fig. 45).

Ainda sobre a localização do hotel, é necessário compreender a importância da Praça da República na história da cidade. Conforme Sisson ¹⁰⁴, o espaço teria se configurado como *segundo centro* do Rio de Janeiro ainda no período monárquico, o que estaria relacionado, conforme a autora, à concentração de edificações representativas de esferas dos poderes religioso, militar e civil. Dentre elas, pode-se destacar o Quartel Geral do Exército – Ministério da Guerra (1811), o Senado da Câmara (1825), a Casa da Moeda (1859) e o Quartel Central do Corpo de Bombeiros da Corte (1862). ¹⁰⁵

¹⁰¹ Fluminense Hotel. **Jornal do Commercio**, n. 113, p. 20, 23 abr. 1916, grifo do autor.

¹⁰² Campo da Aclamação foi um outro nome que vigorou para a região do Campo de Santana. Além dele, a região já contou com outras denominações, como Campo da Cidade e Campo da Honra.

¹⁰³ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011, p.172.

¹⁰⁴ SISSON, R. **Espaço e poder: os três centros do Rio de Janeiro e a chegada da Corte Portuguesa** = Space and power: the three centers of Rio de Janeiro and the arrival of the Portuguese Court [tradução de Marcia Barbosa Serra]. Rio de Janeiro: Arco, 2008.

¹⁰⁵ GUIMARÃES, I. V. **Campo de Santana: de charco a palco privilegiado de manifestações populares e oficiais**. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 05, 2011, p. 243-254.

Figura 45 – O parque projetado por Glaziou
O Campo de Santana antes da Proclamação da República, c. 1885, por Marc Ferrez
Fonte: Brasileira Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles



Figura 46 – Praça da República, 1906, por Augusto Malta, com inserção própria
Ao fundo, marcado em amarelo, o edifício da Central do Brasil
Fonte: O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo



A inserção urbana do edifício é, ainda, fator importante para compreensão do público-alvo do Fluminense Hotel – por conta da proximidade à Estação Central do Brasil (figs. 46 e 47). Algumas notícias faziam menção à conveniência do estabelecimento a passageiros de outros estados do país ¹⁰⁶, sobretudo a famílias mineiras e paulistas ¹⁰⁷. Vale destacar que essa preferência podia estar relacionada à existência, naquele momento, de trens que ligavam o Rio às capitais de Minas Gerais e São Paulo. Segundo Perrotta ¹⁰⁸, tais percursos eram descritos em guias para viajantes sobre a cidade do Rio de Janeiro, como no guia *La ville de Rio de Janeiro et ses environs* (1915), no qual, dentro do serviço da Central do Brasil, estão indicados os trajetos *Do Rio de Janeiro a São Paulo* e *Do Rio de Janeiro a Belo Horizonte*.



Figura 47 – Antigo edifício da Estação de Ferro Central do Brasil, c. 1899, por Marc Ferrez
Demolido na década de 1930, para dar lugar a nova estação, construção até hoje existente
Fonte: O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez

¹⁰⁶ Fluminense Hotel. **A Lanterna – jornal da noite**, n. 13, p. 04, nov. 1916.

¹⁰⁷ Um novo plano de não pagar aos hoteleiros. **A Rua**, n. 338, p. 04, 07 dez. 1915.

¹⁰⁸ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011.

Ainda nesse sentido, na década de 1940, o jornal *Diário da Noite* tece comentários acerca dos hóspedes do Fluminense Hotel que corroboram com o que já se indicava no momento de sua inauguração:

“[...] preferência das famílias do interior de Minas e São Paulo e do sul do Estado do Rio, inspiradas pela modicidade dos seus preços e pela sua localização junto a ‘gare’ da Central. Este é um detalhe curioso da psicologia dos turistas provincianos. Procuram eles, em geral, ficar perto da estação, tal como acontece nas pequenas cidades onde vivem talvez pelo receio de perder o trem, no dia do regresso, ou pela preocupação de evitar os préstimos remunerados dos carregadores tardados e a marcação dos taxis.”¹⁰⁹

O Fluminense Hotel foi inaugurado com 100 quartos e, anos mais tarde, sofreu uma reforma, sendo reinaugurado em 1916, com 20 quartos a mais e sob nova direção. Dentre seu programa e comodidade, destacavam-se: salão de visitas, de leitura, de palestra e café, jardim interno, bar e varandas em quase todos os cômodos interiores. Assim como o Hotel Avenida, o estabelecimento dispunha de “caprichosa cozinha servindo bem montado restaurante, onde V. S. poderá ter o tratamento que quiser e sempre com o máximo rigor na observância da higiene na escolha dos alimentos”¹¹⁰

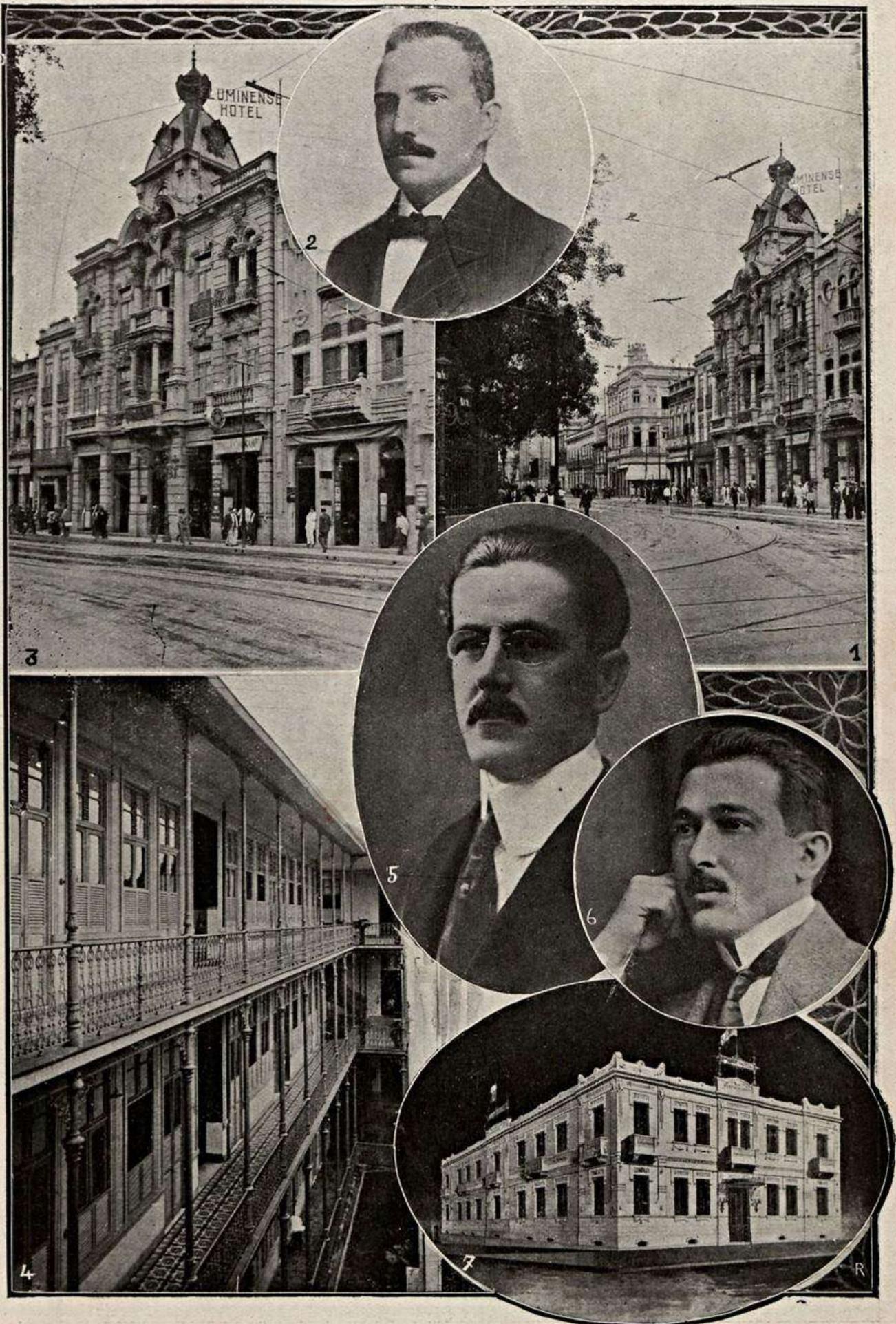
Além da proximidade em relação ao Campo de Sant’Ana, o estabelecimento também oferecia aos hóspedes contato com vegetação por meio de um pátio interno (fig. 48) – solução arquitetônica que não aparecia descrita nos anúncios e notícias acerca dos outros hotéis da companhia.¹¹¹

¹⁰⁹ Vão ruindo os últimos baluartes do quarteirão. *Diário da Noite*, n. 3390, p. 03, 16 out. 1941.

¹¹⁰ Fluminense Hotel. *O Século*, n. 1293, p. 05, 25 ago. 1912.

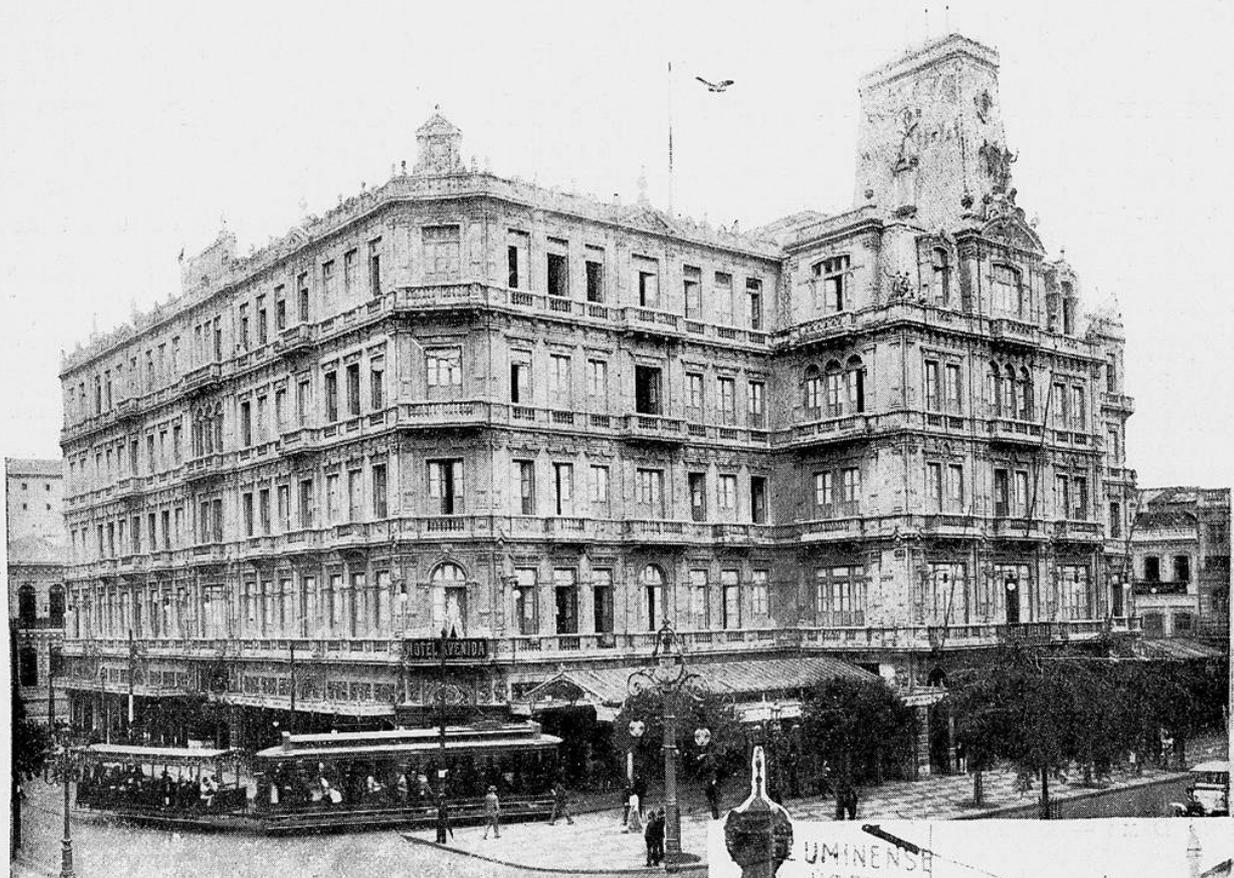
¹¹¹ Como este trabalho não pôde apoiar-se em desenhos técnicos dos hotéis estudados, não é possível afirmar que o Fluminense Hotel tenha sido o único edifício com pátio interno. Contudo, pode-se dizer que, no material levantado pela pesquisa, a existência de um pátio não apareceu no que foi divulgado nos periódicos da época acerca de seus pares da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*.

OS GRANDES HOTEIS CENTRAES



Damos aqui uma ampla reportagem photographica sobre essa grande Companhia, reproduzindo as photographias dos seus importantes e bem montados estabelecimentos, assim como as dos seus directores e auxiliares.
 1 e 3 - Vista do Fluminense Hotel - 2 - Sr. F. Cabral Peixoto, presidente da Companhia dos Grandes Hoteis Centraes - 4 - Vista interior do Fluminense Hotel - 5 - Sr. Abilio Alves, secretario - 6 - Sr. M. J. Carneiro Junior, thesoureiro - 7 - Projecto do Grande Hotel de Barbacena.

Onde nos devemos hospedar no Rio?



VAE V. EX. FAZER UM PASSEIO
AO RIO DE JANEIRO?

A hospedagem em hotel confortavel e central lhe facilitará não só os passeios como as compras que por ventura tenha a fazer.

O Hotel Avenida, que dispõe de aposentos para 500 pessoas, ocupando a melhor situação da Avenida Rio Branco, o ponto predilecto da capital, e onde as diarias são de 10 a 15 mil réis, ou

O Fluminense Hotel,

que tem accomodações para 200 pessoas, situado na Praça da Republica, com diarias de 7 a 8 mil réis, estão em condições de lhe proporcionar todas as conveniências.

Preferil-os

é ser Pratico



O hotel foi demolido no ano de 1941, no contexto da abertura da avenida Presidente Vargas. A grande obra, realizada durante o Estado Novo (1937-1945), foi responsável pelo arrasamento de mais de mil imóveis no Centro da cidade, segundo Candida e Freitas ¹¹². Em notícias relativas à inauguração da nova artéria de deslocamentos na cidade, pouco se foi noticiado em relação à demolição do edifício – diferentemente do caso do Hotel Avenida, anos mais tarde. Dentre o que foi levantado pela pesquisa, destaca-se uma reportagem que indica o arrasamento do Fluminense Hotel e de um estabelecimento vizinho, o Parque Hotel ¹¹³:

“Intensificados os trabalhos de demolição dos prédios desapropriados para abertura da Avenida Getúlio Vargas, afim de estar desobstruído o primeiro trecho por ocasião das comemorações de 10 de novembro, atingiram nestes últimos dois dias dois dos maiores prédios do quarteirão, situados já na Praça da República. São eles o Parque-Hotel e o Fluminense Hotel. Este último, que é relativamente moderno, chegou a figurar na classe de nossos hotéis de primeira, há uns vinte anos atrás. [...] O carioca assiste, com indiferença, a devastação das picaretas. Mas o homem do interior, que se habituou o ‘parar’, segundo sua linguagem pitoresca, no Parque ou no Fluminense, vai sentir saudades. Coisas do progresso.” ¹¹⁴

¹¹² CANDIDA, S.; FREITAS, F. **O bota-abaixo que deu origem à Avenida Presidente Vargas**. jornal online. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/o-bota-abaixo-que-deu-origem-avenida-presidente-vargas-13858155>>. Acesso em: 26 out. 2020.

¹¹³ Segundo a reportagem, o edifício era mais antigo e mais modesto, se comparado ao Fluminense Hotel. O estabelecimento aparece também na obra de Belchior e Poyares (1987), *Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro – Hotel e Hospedaria Parque* (1879).

¹¹⁴ Vão ruindo os últimos baluartes do quarteirão. **Diário da Noite**, n. 3390, p. 03, 16 out. 1941.

CASA YOLANDA PORTO
Rádios RCA-Victor, Philco,
etc. — Máquinas Singer
reconstruídas
VENDAS A PRAZO C/FACILIDADES
RUA URUGUAIANA, 145

A NOITE

Directores: ANDRÉ CARRAZZONI
CYPRIANO LAGE

Empresa A NOITE — Superintendente: LUIZ C. DA COSTA NETTO

Gerente: — OCTAVIO LIMA
Número Anual: \$300

Redação e oficinas: PRAÇA MAUA, 7 — Telefones: Mesa de ligações internas: 23-1910. — Informações: 23-1556 — Carioca-reporter: 23-4090

TROPAS INGLESAS PARA A RUSSIA!

Admite-se em Londres que a investida alemã se detenha a cerca de 80 milhas de Moscou - Colossal a devastação nas forças motorizadas - Os russos não teriam lançado mão de tropas do Extremo Oriente - Às armas todos os homens de 17 a 50 anos



ESTOCOLMO, 13 (U. P.) — O correspondente do *Aftonbladet* em Helsinki comunica que, segundo fontes bem informadas, chegou ao norte da Rússia uma poderosa força expedicionária britânica.

70 ou 80 milhas de Moscou

LONDRES, 13 (A. P.) — E' absolutamente possível que a arremetida seja detida a 70 ou 80 milhas de Moscou, devido aos danos



O mapa ilustra a situação ocorrida, até a manhã de hoje, sobre as operações em torno de Moscou. De norte de Kalinin (Tver) até de Tula, a linha alemã forma um arco de círculo, cujo raio se direciona momentaneamente na direção daquelas duas cidades, e mais de Kaluga e Borsimó, procura diminuir, aparentemente, com a intenção de cercar as forças russas que defendem a capital.

MAIS OITO "M. 7"

Entregues, hoje, pela Costeira, ao Departamento de Aeronáutica Civil, para instrução dos pilotos brasileiros — Construídos na Ilha do Viana — Como falou o ministro Salgado Filho



O momento é e

nosso escrí não se limita nos mercados, derna legisla mercado ma'riais", afir, nosso país em

PAR

A ação ser, pelo juiz, bre o novo L, quérto pol, veis e inov, crimes de a, nistério P

Desembarque na retaguarda alemã

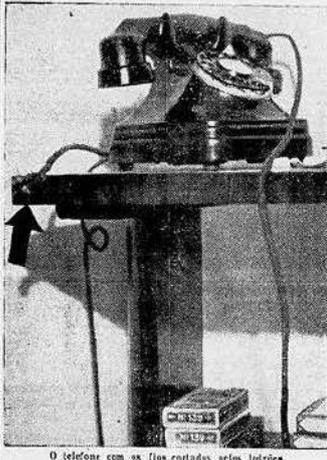
Restam oito prédios apenas



Trecho já aberto com as demolições entre as ruas Visconde do Itaipua e Senador Euzébio Continuum as demolições no local onde surgirá a Avenida Presidente Getulio Vargas — Já não existe mais o Parque Hotel — Hoje começará a derrubada do Fluminense Hotel — Trabalho à noite para acelerar as obras — Inauguração do primeiro trecho a 10 de novembro

Molotov vai a Londres

LONDRES, 13 (U. P.) — O jornal "The Star" informa que Molotov vai a Londres, amanhã, para discutir os detalhes do programa de auxílio à Rússia, aprovado pela Conferência de Moscou. De Londres, Molotov irá a Washington, terça-feira, 14.



Assaltadas várias casas do mesmo bairro

Arrombando portas a machadinha — Surpreendida e posta em fuga a quadrilha — Jólis, elnhairo e roupas — Um smoking pisado a pés — Um anel de casamento que ficou

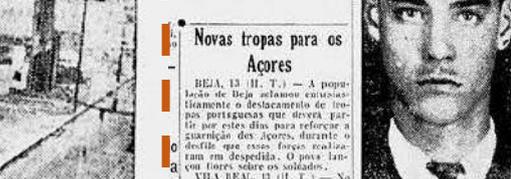
Em linha geral A NOITE, em 1941, o local é um bairro rico, com edifícios antigos, de arquitetura clássica, com jardins e fontes. O bairro é conhecido por ser um dos mais seguros da cidade, com policiamento rigoroso.

Restam oito prédios apenas



Polícia entre as ruas Visconde do Itaipua e Senador Euzébio Des no local onde surgirá a Avenida Presidente Vargas — Já não existe mais o Parque Hotel — Hoje começará a derrubada do Fluminense Hotel — Trabalho à noite para acelerar as obras — Inauguração do primeiro trecho a 10 de novembro

Falham os freios...



Manoel Joaquim Veloso Tapia, o soldado detido na Supremo Tribunal Federal, quando de sentença ali em 1938, acusado de homicídio em 1939.

DUZENTOS MIL CHINESES

PERMIA, 13 (A. P.) — Telegramas de fonte militar japonesa informam que 200.000 soldados das forças chinesas estão concentrados sobre Changshou, uma cidade estratégica de importância para esta cidade.



Figura 50 — Notícia sobre a demolição de edifícios para a abertura da avenida Presidente Vargas. Fonte: A Noite, n. 10659, 1941

2.2.3. Rio Palace Hotel (1915) ¹¹⁵

endereço: Rua dos Andradas, 10 – Largo São Francisco de Paula

arquiteto: s.i.

construtor: s.i.

datas: 1915 (inauguração) / c. 1940 (demolição)

nº de pavimentos: 05

nº de quartos: 100

uso atual: Edifício Patriarca, uso comercial



Figura 51 – Rio Palace Hotel, no Largo São Francisco de Paula, c.1915, por Augusto Malta
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

¹¹⁵ Na fachada, aparece como *Rio Palacio Hotel*, assim como em alguns anúncios e notícias.

O Rio Palace Hotel foi inaugurado em outubro de 1915 no Largo de São Francisco de Paula, à rua dos Andradas 10, onde antes existira uma filial de uma grande loja de departamentos – o magazine Parc Royal ¹¹⁶. O novo estabelecimento hoteleiro, assim como seus congêneres, foi anunciado a partir de notas carregadas de entusiasmo, associadas a uma nova feição de cidade que se construía naquele momento:

“A capital da Republica acaba de ser dotada com um magnifico edificio construído no melhor local do Largo de S. Francisco, e onde foi inaugurado no dia 16 do mês findo o ‘Rio-Palace Hotel’, que certamente vem preencher a falta que se sentia de um estabelecimento modelar para hospedagem e que dispusesse de modernos aparelhamentos de conforto, de higiene e bem estar para os ‘touristes’ e viajantes que nos visitam” ¹¹⁷

Se antes as hospedarias do Centro do Rio de Janeiro eram pouco recomendadas por estarem estabelecidas em sobrados pré-existentes e sem instalação sanitária adequada, os novos hotéis faziam questão de anunciar as comodidades de seus aposentos recém-inaugurados. Dentre as diversas descrições realizadas nos periódicos da época sobre o Rio Palace Hotel, destacam-se facilidades como salas de leitura, de visitas, de música, um *fumoir* e uma barbearia. Além disso, eram recorrentes os comentários acerca dos espaços arejados do estabelecimento:

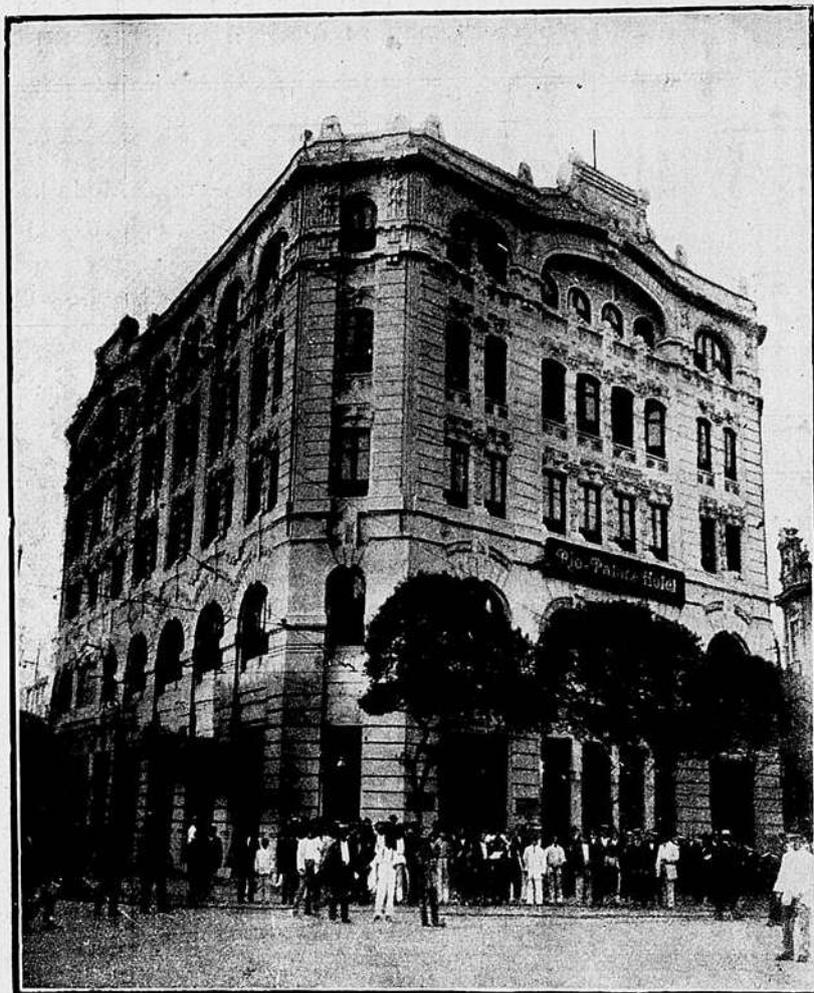
“Sobe-se o 1ª andar. [...] O ambiente parece mais amplo, respira-se bem, sente-se um ar mais saudável, um bem estar mais perene. O segundo é a mesma cousa. O mesmo asseio, o mesmo luxo, o mesmo esplendor. Assim, o terceiro e o quarto andares. Em todos preside o bom gosto artístico, o mesmo sentimento estético. Muito ar, muita luz. O último dá uma sensação altamente agradável. O ar parece que é ainda mais franco. A corrente de ar é constante.” ¹¹⁸

¹¹⁶ Fundado em 1873, o Parc Royal não deixou de existir com a inauguração do hotel. Isso porque, além da edificação demolida, a empresa contava com outras filiais. Uma delas situada na Avenida Rio Branco e sua matriz, por sua vez, em um imponente edifício projetado pelo arquiteto Adolfo Morales de los Rios, no mesmo Largo de São Francisco de Paula – coexistindo, assim, com o Rio Palace Hotel. Para mais informações, ver GORBERG, Marissa (2013) – *Parc Royal, um magazine na Belle Époque carioca*.

¹¹⁷ Rio Palace Hotel. **Jornal das Moças**, v. 02, n. 36, 1 nov. 1915.

¹¹⁸ Rio-Palace-Hotel. **Jornal do Brasil**, n. 290, p.07, 17 out, 1915.

RIO PALACE HOTEL



Estabelecimento de 1.^a ordem inaugurado recentemente, situado no melhor local do LARGO DE S. FRANCISCO, dispõe de magníficos aposentos, hygienicos, arejados e mobiliados com o maximo conforto para familias e cavalheiros. Elevadores electricos, telephones, salas de espera e de leitura.

RIO DE JANEIRO

Nesse sentido, torna-se clara a busca por uma diferenciação, não apenas em relação ao que antes se entendia como modelo de hotelaria, mas também ao que se conhecia como arquitetura e cidade, em uma capital de uma jovem República que se modernizava, como já explorado na introdução do trabalho. Quanto à descrição dos pavimentos do edifício, percebe-se certo destaque ao que se podia enxergar da cidade a partir do último andar, bem como do terraço do hotel, “de onde se descortinam os mais lindos panoramas do Rio” ¹¹⁹.

“[...] de lá domina-se a cidade. Tem-se a impressão de um monte, de um monte alteroso, donde se desvenda a cidade, em todos os seus aspectos, distinguindo-se bem os edifícios, as praças, as ruas, as construções modernas. Vê-se a Tijuca, a poética Tijuca, sob aquela muralha verde, que dá ao Rio uma silhueta elegante, nota-se Santa Thereza, esse morro tradicional, onde as arvores sempre de um verde claro parecem sorrir mesmo nos dias quentes; contempla-se uma parte da Guanabara. Uma pequena parcela. O terraço nada deixa a desejar. De lá olha-se o Corcovado longínquo a dominar toda a cidade.” ¹²⁰

A repetição da ideia de *dominar a cidade*, dentre outras questões, indica certa admiração em relação a um edifício de cinco pavimentos de altura – o que se apresentava como símbolo do início de uma nova era de construções no Centro do Rio de Janeiro, que ia de encontro com a expansão da cidade, o aumento da construção civil, a densificação urbana e, na década seguinte, como analisado na introdução dessa pesquisa, a verticalização dos edifícios.

Em relação aos espaços da cidade indicados na notícia, vale pontuar que muitos já faziam parte do que se entendia como *circuito turístico* naquele momento. Santa Teresa, por exemplo, já contava com hotéis renomados desde o século XIX, como indicado no capítulo 01. O mesmo pode-se dizer do morro do Corcovado, que em 1884 teve seu acesso facilitado por uma estrada de ferro construída com fins

¹¹⁹ Rio-Palace Hotel - um estabelecimento modelar. **Revista da Semana**, n. 37, p. 40–41, 1915.

¹²⁰ Rio-Palace-Hotel. **Jornal do Brasil**, n. 290, p.07, 17 out, 1915.

exclusivamente turísticos. Também fazia parte da iniciativa a construção de um hotel, o Hotel das Paineiras ou do Corcovado (1884).¹²¹

Já em relação ao Largo São Francisco de Paula (fig. 53), quanto a sua inserção na cidade do Rio de Janeiro, vale destacar sua proximidade em relação à Praça Tiradentes. Segundo Menezes,¹²² configuravam-se como espaços contíguos e complementares – enquanto a praça se demonstrava como um pólo de lazer e divertimento, como será analisado no subcapítulo 3.1 do trabalho, o largo se apresentava tradicionalmente como um local ligado à cultura, abrigando edifícios importantes. Dentre eles, destacavam-se a Escola Politécnica – atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ –, o Gabinete Português de Leitura e a Igreja da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula. Inicialmente, o espaço chamava-se Largo da Sé, uma vez que ali se pretendia edificar uma nova catedral para a cidade – intenção não concretizada. A base do que teria sido o edifício religioso, foi aproveitada, anos mais tarde, para a construção do que viria a ser o reconhecido estabelecimento educacional do largo.

No final do século XIX, no ano de 1872, o espaço passou a contar com uma estátua do patriarca da Independência do país (fig. 53), José Bonifácio, em uma época em que, segundo Perrotta:

“A cosmopolita capital de uma nação independente adere a mais uma noção moderna – a de criar monumentos históricos e nacionais no meio urbano. A instalação de estátuas e esculturas no espaço público é mais uma voga do século 19, implementada principalmente pela capital francesa, que fazia parte do processo de valorizar os espaços urbanos e de chamar o povo às ruas.”

123

¹²¹ ver BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

¹²² MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920**. Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.

¹²³ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011, p.174.



Figura 53 – Largo São Francisco de Paula, c. 1895, por Marc Ferrez

A estátua de José Bonifácio aparece já inaugurada e, no plano de fundo, a Escola Politécnica

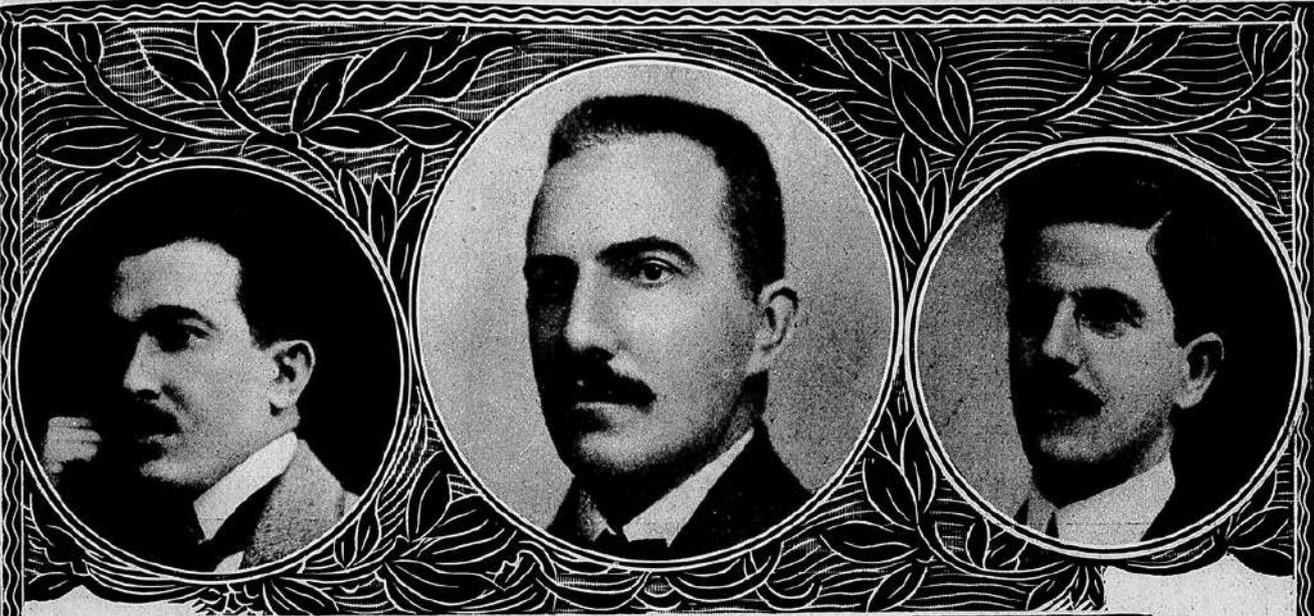
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles



Figura 54 – Largo do Rosário visto da Rua Uruguaiana, nos arredores do Largo São Francisco de Paula antes da inauguração do Rio Palace Hotel, 1909, por Augusto Malta, com inserção própria. No plano de fundo, a rua dos Andradas. Em amarelo, o Hotel Globo, também da Companhia dos Grandes Hotéis Centraes – edifício existente desde o fim do século XIX.
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Quanto à alimentação, o Rio Palace Hotel não fornecia refeições, apenas serviço de café. Contudo, por mais que não contasse com restaurante ou cozinha próprios, os hóspedes poderiam realizar suas refeições em outros estabelecimentos da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*, a partir da compra de cupons especialmente para este fim.¹²⁴ Tal facilidade, assim como outros aspectos encontrados nos periódicos da época, reforçam a noção de interligação entre as filiais da companhia, que tinha como intuito funcionar como uma grande rede hoteleira.

¹²⁴ Rio-Palace-Hotel. *Jornal do Brasil*, n. 290, p.07, 17 out, 1915.



Rio-Palace Hotel

Um estabelecimento modelar

- 1—O Sr. Francisco Cabral Peixoto, director-presidente da Companhia de Grandes Hotéis Centraes e socio gerente do Hotel Avenida.
- 2—O Sr. M. J. Carneiro Junior, director-thesoureiro e socio gerente do Hotel Globo.
- 3—O Sr. Abilio Herdu Alves, director-secretario e interessado do Hotel Avenida.
- 4—O edificio do Rio-Palace Hotel no L. de S. Francisco.

O Rio de Janeiro, esta linda cidade tão procurada e gabada pelos «touristes» e tão mal servida de hotéis onde os que nos visitam possam encontrar a commodidade e o conforto das grandes capitães, acaba de ser dotado de um excelente estabelecimento que, pela sua montagem e situação, vem precher essa lacuna que tanto depunha contra o progresso e desenvolvimento da capital do paiz.

No imponente edificio, especialmente construido para esse fim, num dos pontos mais centraes da cidade, no Largo de S. Francisco, inaugurou-se a 16 deste mez o Rio-Palace Hotel, que tal é o nome do moderno estabelecimento, organizado com elementos do Hotel Avenida e do Hotel Globo, dois outros estabelecimentos que até agora vem prestando os melho-



Figura 55 — Notícia sobre a inauguração do Rio Palace Hotel. Na parte superior da página, os dirigentes da companhia
Fonte: Revista da Semana, n. 37, 1915

O hotel foi fechado na década de 1940, assim como alguns de seus pares. Em relação ao processo final do estabelecimento, assim como no caso do Fluminense Hotel, pode-se dizer que pouco se foi noticiado. Dentre as notícias encontradas, destaca-se uma análise sobre a crise de hospedagem naquele momento na cidade:

“Nas idas e vindas que demos pelos hotéis da cidade tivemos a atenção despertada pela situação dos hotéis para a classe média. Estão desaparecendo no roldão das demolições e não se registra uma única iniciativa no sentido de suprir o claro enorme que se vai abrindo [...] O ‘Rio Palace Hotel’, que funcionava num edifício relativamente moderno do Largo de São Francisco [...] foi fechado, pois o respectivo prédio foi adquirido pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro que até hoje não lhe deu outro destino.”¹²⁵

Anos mais tarde, o Rio Palace Hotel de 1915 foi demolido para dar lugar ao Edifício Patriarca¹²⁶ (fig. 56), situado no endereço Largo São Francisco de Paula, nº 26. Na época de sua construção, no início da década de 1950, as unidades eram anunciadas como adaptáveis a residência ou escritório. Hoje, é destinado ao uso comercial com salas ocupadas por pequenas e médias empresas. Por mais que não se tenha encontrado a data exata de inauguração do edifício, sua primeira assembleia geral foi realizada em novembro de 1954.

¹²⁵ Devemos Estimular a Construção de Hotéis. **O Observador Econômico e Financeiro**, n. 101, p.78-85, 1944

¹²⁶ Propriedade e incorporação do Banco Hipotecário Lar Brasileiro. Nos deparamos com anúncios que nos revelaram que, na década de 1950, o mesmo banco também anunciava financiamento de apartamentos no edifício Marquês de Herval – edificação construída no terreno de um outro grande hotel também demolido – o antigo Palace Hotel, na Avenida Rio Branco.

SURPREENDEU A VITÓRIA CRUZMALTINA

Após um primeiro tempo em que foi tecnicamente superior, o Fluminense decaiu na etapa final, ampliando-se inesperadamente a contagem: por 4 x 0 conseguiu o Vasco novo triunfo

Recebeu muita expectativa em torno da partida Vasco x Fluminense. E que se poderia definir o campeão do certame carioca caso o tricampeonato de defender o seu título se repetisse a decisão do título. Mas impressionou quem que competidores de Botafogo, Maracanã, nos trinta minutos da primeira fase, o Fluminense correu

a contagem por intermédio de Ademir. No segundo tempo apresentou maior volume de jogo conseguindo a partida agitada pelo movimento de defesa, que os jogadores do Vasco não tiveram tempo para se arrastarem à disciplina, o que a equipe carioca não conseguiu fazer a não

se conseguiu uma bola que passou em frente à meta de Castilho e saiu pela linha de fundo. Aos 26 minutos o gol de Ademir perdeu uma grande oportunidade. Carlyle investiu até próximo da grande área e passou a bola a Castilho, que deu um passe para Ademir. Logo em seguida, houve uma falta de Pinheiro e Ipojuca acertou de frente ao arco de Castilho, marcou o primeiro gol de

abo em frente a Barbosa, perde uma oportunidade, chutando para fora. O Vasco domina as ações no grande e Ipojuca, de fora da grande área, surpreende Castilho com um forte tiro à meia altura, decretando pela segunda vez a queda da sua meta. Logo em seguida, houve uma falta de Pinheiro e Ipojuca acertou de frente ao arco de Castilho, marcou o primeiro gol de

do tempo complementar. Alfredo recebeu um passe na altura da linha média frento a Castilho com violência, tendo o gol ao alcance do pé esquerdo. Quando o marcador parecia que não mais se movimentaria, Ipojuca, de fora da área, mandou o balão à rede de Castilho, marcando o quarto gol para as suas cores.

Com mais alguns lances desastrosos de importância a partida terminou com o marcador assimando 4 x 0 a favor do Vasco. No quadro do vencedor, destacam-se Danilo, Ipojuca, Desair, Barbosa e Augusto, tendo Ademir alçado muito aquém de suas possibilidades. No Fluminense, Castilho não apresentou firmeza, falhando em diversas bolas. Pinheiro não apresentou



Castilho sai da meta para frustrar uma carga de Ipojuca, enquanto Pinheiro ocupa posição de goleiro e Ademir aguarda o desfecho do lance



bastante em campo, impõe-se com jogadas feitas à base de entrosamento buscando seguidas oportunidades de movimentar o marcador. O Vasco teria vantagem se este grande e equilibrado as ações desde que abriu



bitragem do juiz Carlos de Oliveira Monteiro. Com esse resultado, o Vasco continua perseguindo o primeiro título, transpondo, não resta dúvida, um grande obstáculo.

Dois flagrantes do prólio Vasco x Fluminense. No primeiro, vemos Barbosa, auxiliado por Jorge, rechaçar uma investida de Carlyle, enquanto Danilo, de cabeça, prepara-se para controlar a pelota. No segundo, Maneca tenta bater Castilho, em uma bola recusada ao goleiro pelo meio Jair

o goleiro, desperdiçando um tento que parecia certo. Maneca, aos 39 minutos, frente a Castilho não conseguiu o balão nas redes embora estivesse em situação privilegiada. Nesse final de etapa inicial, o Vasco apresentou melhor articulação nas linhas, comendo o Fluminense a decair em sua produção. Ademir marcou a grande área. Ipojuca, próximo à grande área, fez seu passe a Ademir. Pinheiro tentou desviar a jogada, travando a pelota, que espirrou para o centro avançado. Ademir, após desfecho violento pelotado no canto esquerdo do arco de Castilho, assistindo ao primeiro tento do Vasco.

Essa contagem foi modificada até se registarem os primeiros quatro e cinco minutos. A FASE COMPLEMENTAR Iniciou-se às 17.30 horas com a saída do Fluminense. Silas, goleiro

JOGADORES MINEIROS PARA CLUBES CARIOCAS Belo Horizonte, 6 (Asp) — Para um informante que nos informou, nesta capital, do técnico Airton Moreira, que, como representante do Fluminense a São Cristóvão, a convite da Associação, entendeu-se com a diretoria do Cruzeiro, para a cessão dos jogadores Mineiros. Quatro para o tricampeão e cinco para o primeiro alvivo. São, segundo o informante, o seguinte: Ademir, o novo diretoria poderá decidir sobre o assunto.

FOX
O MELHOR DO CALÇADO DO MUNDO
EXIBIÇÃO A RUA
COMPRANDO A RUA
ESTRADA DO
AVENIDA RIO BRANCO 14
ESQUINA ASSEMBLEIA

O DESENROLAR
A partida foi iniciada às 18.30 horas e a saída do Vasco, que realizou uma saída estratégica, conseguiu uma falta a favor do Fluminense. O goleiro de São Januário insistiu no ataque, Ipojuca investiu a grande área e este chutou forte para Castilho de cabeça, mas não conseguiu a bola. O Fluminense, nessa altura, pressionou Castilho, para a saída de Ademir. Pinheiro tentou desviar a jogada, travando a pelota, que espirrou para o centro avançado. Ademir, após desfecho violento pelotado no canto esquerdo do arco de Castilho, assistindo ao primeiro tento do Vasco.

JOGADORES MINEIROS PARA CLUBES CARIOCAS
Belo Horizonte, 6 (Asp) — Para um informante que nos informou, nesta capital, do técnico Airton Moreira, que, como representante do Fluminense a São Cristóvão, a convite da Associação, entendeu-se com a diretoria do Cruzeiro, para a cessão dos jogadores Mineiros. Quatro para o tricampeão e cinco para o primeiro alvivo. São, segundo o informante, o seguinte: Ademir, o novo diretoria poderá decidir sobre o assunto.

CÔMODA VITÓRIA DO BOTAFOGO

Cairam as vascainas frente à maior classe das alvinegras — 15 x 0 e 15 x 5, o placar da única peleja que deu andamento ao Campeonato Carioca de Volley-Ball

Com a antecipação da partida em seu melhor momento, foram protagonistas desta embate as equipes do Botafogo e do Vasco da Gama, travando-se o embate na quadra do Vôlei, após um jogo de caráter de teste, a efeito de dar andamento ao Campeonato Carioca de Vôlei. O prêmio foi muito facilmente

NOTAS E COMENTÁRIOS

EQUAÇÃO DE UMA CANDIDATURA:

Interesse + Vaidade = Vargas Netto

Praticamente, como se ainda restasse dúvida, definiu-se o Alberto Bergerth. Naturalmente que é candidato de alta. Disposto até acabar com as pretensões dos lotéricos amigos do sobrinho. Se querem fazer seu quinhão, que façam lá por sua conta. A Federação é que não se intrinsecará nem criará facilidades a esta nova modalidade de exploração do esporte.

Lembrando-nos do tempo em que o sr. Vargas Netto fazia sua demagogiazinha pomposa. Tive ocasião de dizer numa frase muito leve, proferida: se houver algum descontentamento com a minha recepção, não me apresentarei como candidato. E lá vão os acomodadores procurar convencer a sua e a outros que sendo votado vencedor, não deveria criar obstáculos. E por fim o Vargas Netto acabou mesmo com o voto da totalidade. Hoje, chegou a ocasião do sr. Vargas propor sua candidatura. Já não é mais questão de um voto discordante. Indico. E quando de exatamente metade da votação. Apesar disso, insiste em ser candidato. Sebe perfilhada que não poderia dirigir uma entidade, tendo contra si, contra sua pessoa, quatro dos mais poderosos filiados. Sebe que sua atitude causou a desistência no futebol metropolitano. Tem certeza que criará obstáculos irreversíveis. Em hipótese alguma o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo e o América lhe darão apoio. Deve portanto compreender que sua candidatura poderá gerar a coisa. Pois bem, ainda insiste no lançamento de seu nome. Faz questão que o nome de seu presidente. Não é necessário de do lançamento de um candidato de luta, um que simplesmente por sua posição no esporte, tornasse monarca a respeito do grupo lotérico. Também tem contra si queridos votos. Mas em situação inversa. Nem um de seus adversários lhe articula qualquer restrição. Todos o tratam, reconhecem não figura fora por de desportista. Portanto, se eleito, colaborariam com ele. Não se falará em clima, em brigas. E por que, então, não votam nele? As condições chegaram a ser publicadas: têm compromisso com o Vargas Netto. Sinceramente porque existe uma razão irrefutável. Um desportista que procura de dinheiro. E se assim não fosse por que quereria ele se impor a quatro dos principais filiados, depois de haver entre o e os mesmos incompatibilização pessoal?

Convenhamos que não é possível o projeto do bem estar público, em detrimento de uma vaidade ofendida. Clamora o Vargas, clamaram seus amigos com a prefeição. O resto que se dane. Apoiamos o leitor, uma mais desportista.

W. M.

EDIFÍCIO PATRIARCA

LARGO DE S. FRANCISCO -- RUA DOS ANDRADAS
BÉCO DO ROSÁRIO e PRAÇA MONTE CASTELO



ÚLTIMAS UNIDADES DISPONÍVEIS
TODAS DE FRENTE

com

- SALETA, QUARTO, BANHEIRO E KITCHENNET
- SALETA, SALA, QUARTO, BANHEIRO E KITCHENNET

tambem

ÓTIMAS LOJAS COM SÔBRE-LOJA E SUB-SOLO

PREÇOS A PARTIR DE Cr\$ 235.000,00

PROPRIEDADE E INCORPORAÇÃO DO

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO

TRATAR Á RUA OUVIDOR, 90 - 5º ANDAR

Figura 56 — Anúncio do Edifício Patriarca, construído onde antes existia o Rio Palace Hotel
Fonte: Correio da Manhã, n. 17733, 1951

2.2.4. Hotel Vera Cruz (1922)

endereço: Rua Espírito Santo (atual Pedro I), 35 – Praça Tiradentes

arquiteto: s.i.

construtor: s.i.

datas: 1922 (inauguração) / 1956 (fechamento) / s.i. (demolição)

nº de pavimentos: 5

nº de quartos: 120

uso atual: estacionamento de automóveis, à rua Pedro I, 21



Figura 57 – Anúncio do Hotel Vera Cruz, inaugurado nos arredores da Praça Tiradentes ¹²⁷
 Fonte: Almanach Eu Sei Tudo, n.04, 1924

¹²⁷ Não foram encontradas fotos de qualidade do edifício, apenas imagens em anúncios.

O hotel Vera Cruz foi inaugurado para a grande Exposição em comemoração ao Centenário da Independência do país, nos arredores da Praça Tiradentes, no próprio dia festivo – 7 de setembro de 1922. Muitas notícias da época ressaltavam a demanda e as iniciativas para construção de novos estabelecimentos capazes de abrigar os visitantes:

“O considerável problema da hospedagem dos forasteiros neste instante no Rio recebeu uma grande solução parcial com a iniciativa dos srs. Carneiro Junior e Aurelio Cabral, que empregaram vultuosos capitais, na construção do luxuoso Hotel Vera-Cruz, que amanhã vão inaugurar. [...] A inauguração desse hotel não podia ter melhor oportunidade do que esta, em que o sr. prefeito do Distrito Federal apelou para particulares no sentido de auxiliá-lo na recepção dos nossos distintos visitantes.”¹²⁸

A notícia aponta, ainda, uma particularidade em relação aos hotéis antes explorados – o novo hotel não aparecia, nas notícias de sua abertura, como sendo administrado explicitamente pela *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*. As reportagens indicavam, na realidade, os senhores Carneiro Junior e Aurélio Cabral como os proprietários diretores do estabelecimento, ambos descritos como membros da firma – o primeiro como diretor à época; o segundo como tendo sido gerente do Rio Palace Hotel. Nesse sentido, uma hipótese possível seria que a inauguração do grande hotel Vera Cruz tenha surgido como uma iniciativa isolada dos dois empreendedores.

Contudo, anos mais tarde, em 1925, o estabelecimento não apenas já passava a aparecer anunciado junto a outros hotéis da companhia¹²⁹, como também acompanhado pelos nomes de Abilio Herdy Alves, outro sócio da empresa, e de seu irmão Alberto (fig. 58). Na década de 1940, o hotel aparecia ainda vinculado ao nome da família Alves, mas também a de Cabral Peixoto, igualmente diretor da firma – fatos que nos levam a crer que o grande hotel deve ter sido, de fato, um investimento acordado entre os membros da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes*.

¹²⁸ Abre-se no Rio, amanhã, mais um hotel modelo – O Hotel Vera Cruz realiza a perfeição na moderna hospedagem. **Correio da Manhã**, v.22, n.8585, p. 03, 06 set. 1922.

¹²⁹ Grandes Hotéis Centraes – Hotel Véra-Cruz. **Almanach Eu Sei Tudo**, n. 05, 1925 e Hotéis Centraes recomendáveis – Rio de Janeiro. **Arquivos de Assistência à Infância**, n. 02, jul-dez, 1925.

GRANDES HOTEIS CENTRAES

HOTEL VÉRA-CRUZ

Entre os theatros Recreio e Carlos Gomes, junto á praça Tiradentes

APOSENTOS SEM PENSÃO 9\$000 E 10\$000, SENDO GRATIS OS BANHOS

Telephone e agua corrente em todos os quartos

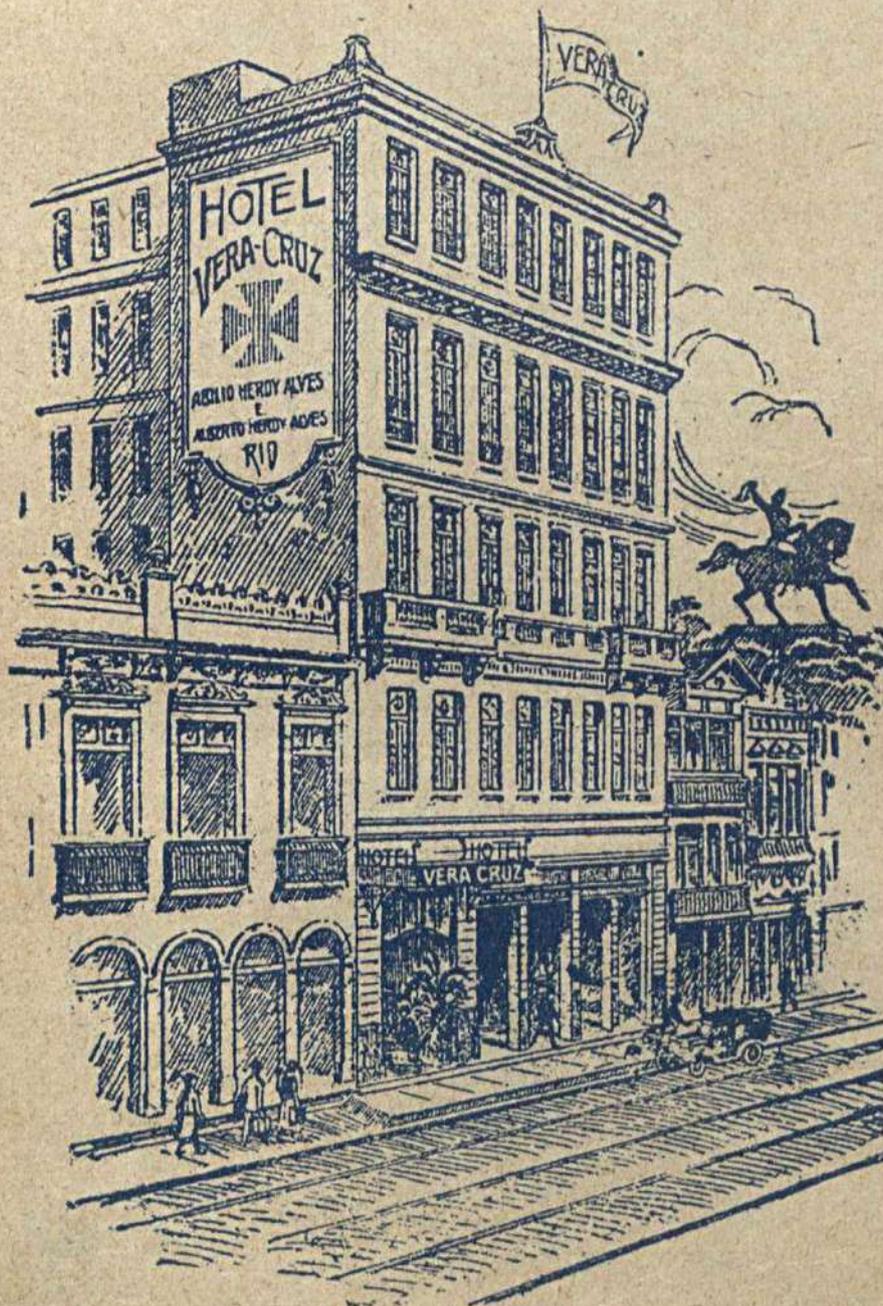


Figura 58 — Anúncio do Hotel Vera Cruz
Fonte: Almanach Eu Sei Tudo, n. 05, 1925

HERDY & IRMAO
Rua Espirito Santo 35

TELEPHONE CENTRAL 4003

ENDEREÇO TELEGRAPHICO - CRUZVERA

Além disso, optou-se por incluir o hotel Vera Cruz no presente trabalho não apenas por estar inserido no recorte temporal estudado, como também por se contrastar em relação aos demais estabelecimentos inaugurados para a exposição de 1922. Enquanto grandes hotéis estavam sendo construídos à beira-mar para o grande evento em comemoração ao centenário do país, a *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* optava por seguir investindo em edifícios na área central da cidade do Rio de Janeiro. Em algumas notícias de inauguração do grande hotel Vera Cruz, pode-se perceber certa concorrência em relação aos seus novos congêneres:

“À testa do Hotel Vera Cruz, encontram-se os srs. Carneiro Junior e Aurélio Cabral, homens dados a iniciativas arrojadas, inteligentes e trabalhadores. Só assim se explica que tivessem conseguido atrair ao seu estabelecimento a concorrência que se nota e, o que é mais, tenham alcançado mantê-la, não obstante a infinidade de casas similares que se têm fundado ultimamente, com especialidade desde que principiaram as fundações para a comemoração do centenário da independência.”¹³⁰

Além disso, também nesse sentido, o grande hotel buscava se diferenciar dos novos estabelecimentos construídos à beira-mar justamente por meio de sua inserção na cidade, pela proximidade em relação ao evento de 1922. Como a exposição foi erguida na área onde antes existira o morro do Castelo, no que hoje se entende como Esplanada do Castelo no Centro do Rio de Janeiro, algumas notícias pareciam apontar, mesmo que indiretamente, uma vantagem do hotel Vera Cruz: “Construído no centro da cidade, a dez minutos da exposição nacional, os seus hóspedes têm a facilidade de condução, visto não necessitarem de bondes, para assistir de bem perto às festas do centenário.”¹³¹

Nessa perspectiva, muitas notícias exaltavam a localização do hotel, na Praça Tiradentes: “O ponto em que está situado o Hotel Vera-Cruz é o mais adequado possível, pois se acha próximo aos teatros, no centro da cidade, servido por todas as

¹³⁰ Um estabelecimento modelar – Hotel Vera Cruz. **Correio da Manhã**, v.22, n.8695, p. 05, 26 dez. 1922, grifo nosso.

¹³¹ Hotel Vera Cruz. **O Paiz**, v.38, n.13831, p. 05, 02 set. 1922.

linhas de bondes e com pontos de automóveis [...].”¹³². Acompanhado do endereço formal, na rua Espírito Santo, o hotel aparecia anunciado muitas vezes como estando situado “entre os teatros Recreio e Carlos Gomes, junto à Praça Tiradentes”¹³³, o que apontava para uma particularidade da região – sua tradição como espaço cultural, que abrigava muitos teatros. No momento de inauguração do hotel Vera Cruz, a Praça Tiradentes já contava com um grande hotel também da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*, o Rio Hotel, de 1919 – a história do estabelecimento será explorada no capítulo 03, bem como uma análise mais aprofundada da praça como centralidade.

Quanto ao público-alvo do hotel, também pode-se perceber que as notícias ressaltavam a inserção urbana do edifício, como sendo “instalado em pleno coração da cidade, [...] Para quem venha ao Rio de Janeiro tratar de negócios ou divertir-se e mesmo para os que venham fazer as duas coisas ao mesmo tempo, o ‘Véra-Cruz’ é o ideal dos hotéis”¹³⁴. Poucos meses após sua inauguração, contudo, em notícia de dezembro de 1922, é possível notar um recorte mais específico em relação aos hóspedes frequentadores do estabelecimento:

“O Hotel Vera Cruz é preferido pelas altas individualidades estrangeiras que aqui têm os seus negócios, sendo forçadas, portanto, a uma longa permanência, e ainda pelos funcionários superiores dos vários bancos e companhias com sede no Rio de Janeiro.”¹³⁵

Em relação aos espaços internos do edifício, por mais que as notícias acerca dos outros grandes hotéis aqui analisados também tenham apresentado, por vezes, a ideia de ambientes iluminados, arejados e higiênicos, nas reportagens sobre o Hotel Vera Cruz a questão da higiene aparecia de maneira mais enfática:

“[...] 120 aposentos, todos localizados sob as melhores condições higiênicas, pois, possuem janelas que dão entrada livre à luz e ao ar, assegurando, por

¹³² Abre-se no Rio, amanhã, mais um hotel modelo - O Hotel Vera Cruz realiza a perfeição na moderna hospedagem. **Correio da Manhã**, v.22, n.8585, p. 03, 06 set. 1922.

¹³³ Grandes Hoteis Centraes – Hotel Véra-Cruz. **Almanach Eu Sei Tudo**, n. 05, 1925.

¹³⁴ Hotel Vera Cruz. **O Jornal**, v.04, n.1113, p. 05, 01 set. 1922.

¹³⁵ Um estabelecimento modelar – Hotel Vera Cruz. **Correio da Manhã**, v.22, n.8695, p. 05, 26 dez. 1922.

isso, o bem estar dos moradores. Cada um desses quatro andares reúne elementos que por si sós asseguram ao Vera-Cruz o merecido renome que há de ter logo após a sua inauguração. As paredes, até dois metros e meio de altura são cobertas de azulejo francês, de primeira qualidade, o que torna o interior, não muito elegante como principalmente higiênico, porquanto esse sistema de construção evitará o acúmulo da poeira das ruas, assegurando ao hóspede absoluta tranquilidade em seu estado de saúde. Os aparelhos sanitários e banheiros foram também preparados com o cuidado mais rigoroso.”¹³⁶

Dessa forma, pode-se dizer que a preocupação excessiva pelo asseio dos ambientes estava diretamente relacionada ao contexto da época. Poucos anos antes, em 1918, a cidade do Rio de Janeiro havia enfrentado a epidemia da Gripe Espanhola, doença que atingiu um quinto da população mundial à época, matando entre 20 e 50 milhões de pessoas. No Brasil, as cidades litorâneas foram as mais atingidas, por conta do movimento do porto. No então Distrito Federal, mais da metade da população teria sido contagiada pela doença, fazendo com que a cidade parasse – fábricas, lojas, restaurantes, tribunais, cinemas e muitos outros estabelecimentos foram fechados e as pessoas eram aconselhadas a evitar aglomerações.¹³⁷

Nesse sentido, é importante considerar a experiência passada recente para compreender uma mudança na percepção da arquitetura, não apenas dos novos hotéis inaugurados, como dos demais edifícios construídos a partir de então. O Rio de Janeiro, mas também o restante do mundo, passava a pensar em aspectos como implantação, circulação, aberturas e materiais de modo a evitar a propagação de doenças. Ainda nesse contexto, muitos autores relacionam tal busca vinculada à higiene e à saúde pública com as origens dos preceitos da arquitetura moderna. Por outro lado, esses mesmos argumentos também foram utilizados, na mesma época, como justificativa para projetos de visão higienista, como o desmonte do morro do Castelo durante a gestão de Carlos Sampaio, tal qual já explorado na introdução do trabalho.

¹³⁶ Em torno ao problema das habitações – Será amanhã inaugurado o Hotel Vera Cruz – O que representa esse grande estabelecimento. **Gazeta de Notícias**, v.47, n.205, p. 03, 06 set. 1922.

¹³⁷ CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O Hotel Vera Cruz, diferentemente das outras edificações da empresa, do ponto de vista de sua inserção urbana, estava implantado com menos destaque na cidade. Enquanto os demais estabelecimentos ora ocupavam esquinas, ora ocupavam um quarteirão inteiro, o novo hotel compartilhava suas divisas laterais com outros edifícios. Ainda quanto sua relação com a rua, mostrava-se como o único, dentre o conjunto analisado, a não contar com loja no térreo. Assim, a entrada para o hotel ocupava toda a testada do terreno, um lote estreito, quando comparado aos de seus pares. Ao adentrar o edifício, o hóspede se deparava com uma escadaria e um soberbo vitraux que existia no vestíbulo.¹³⁸

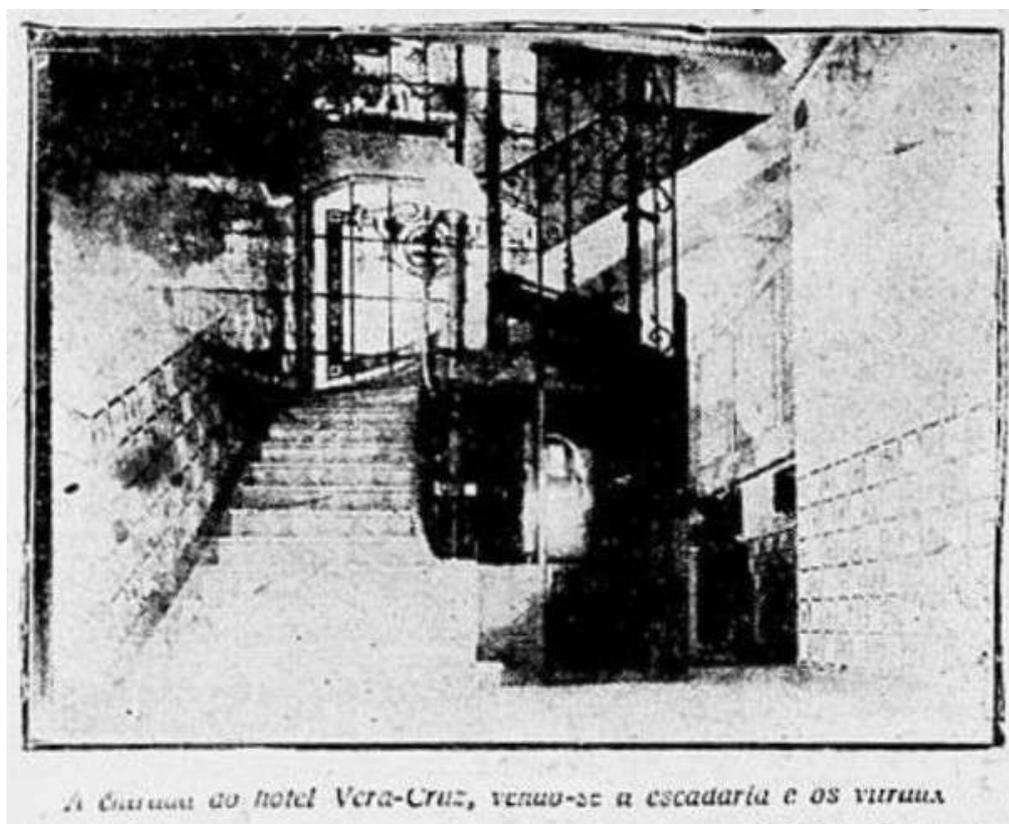


Figura 59 – Imagem interna, da entrada do Hotel Vera Cruz
Em destaque, escadaria de mármore e, ao lado direito, elevador elétrico
Fonte: Gazeta de Notícias, n.205, 1922

¹³⁸ Em torno ao problema das habitações – Será amanhã inaugurado o Hotel Vera Cruz – O que representa esse grande estabelecimento. **Gazeta de Notícias**, v.47, n.205, p. 03, 06 set. 1922.

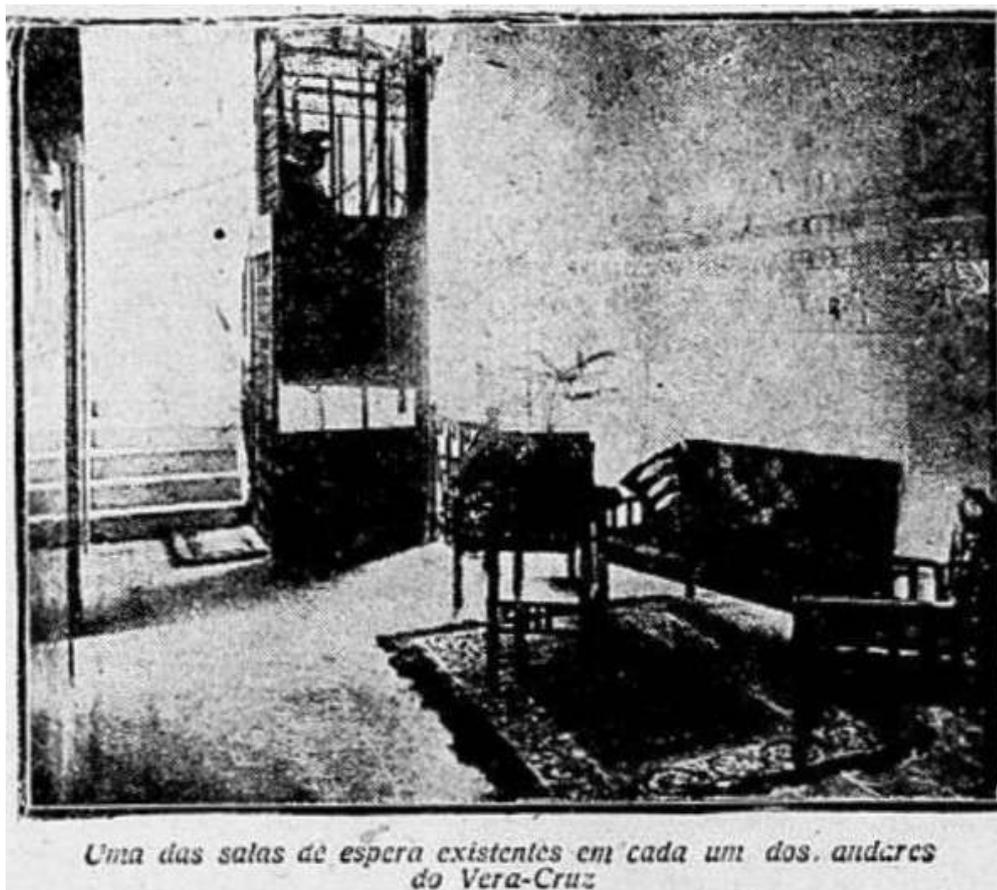


Figura 60 – Imagem interna, de uma das salas de espera do Hotel Vera Cruz
Ao fundo, novamente a escadaria e o elevador do edifício
Fonte: Gazeta de Notícias, n.205, 1922

Por fim, de volta ao momento de inauguração do grande hotel, muitas notícias se propunham a explicar o nome conferido ao edifício. Assim como o Hotel Sete de Setembro na praia do Flamengo, também construído para a grande Exposição de 1922, em comemoração ao Centenário de Independência do país, o Hotel Vera Cruz estava associado a uma certa imagem nacionalista:

“[...] associaram o seu empreendimento comercial ao afeto acrisolado do seu patriotismo. No próprio nome escolhido para o novo hotel encontramos a manifestação superior desse elevado sentimento. Vera-Cruz foi o primeiro nome dado às terras do Brasil, foi o primeiro baptismo deste solo abençoado que agora comemora o centenário da sua independência política. O ‘Hotel

Véra-Cruz', construído e inaugurado sob tão patriótico signo, ficará sendo um marco glorioso da nossa gente e do seu forte espírito de iniciativa." ¹³⁹

Contudo, diferentemente do destino conferido ao grande hotel no Flamengo e os demais estabelecimentos hoteleiros inaugurados à beira-mar para o evento de 1922, o Hotel Vera Cruz foi apagado da memória da cidade. Assim como seus pares da Companhia, seu processo final foi pouco noticiado pela imprensa. No ano de 1944 apareceu mencionado em uma reportagem acerca de uma crise hoteleira na cidade, na qual também são descritas as demolições do Fluminense Hotel e Rio Palace Hotel – notícia já citada no subcapítulo 2.2.3:

"Nas idas e vindas que demos pelos hotéis da cidade tivemos a atenção despertada pela situação dos hotéis para a classe média. Estão desaparecendo no roldão das demolições e não se registra uma única iniciativa no sentido de suprir o claro enorme que se vai abrindo. [...] O plano da avenida Transversal implicará no desaparecimento de outros estabelecimentos. O Hotel Vera Cruz, com uma capacidade de 200 hóspedes deve também ser desalojado. E o próprio Avenida não está muito seguro nas suas bases." ¹⁴⁰

O Hotel Vera Cruz foi fechado em 1956, mais de 10 anos depois. Segundo notícia do jornal *A Noite* em agosto daquele ano ¹⁴¹ (fig. 61), o edifício, que estava ameaçado de desabamento, foi interditado pela prefeitura, que desalojou os hóspedes e as vinte e cinco famílias ali residentes. Dois anos mais tarde, notícias da época apontavam que o edifício havia sido apropriado pelo Serviço de Biometria Médica da Prefeitura, nos três primeiros pavimentos; e nos andares superiores, pela Casa dos Artistas e por uma seção do Teatro Municipal. Hoje, o quarteirão onde antes estava o grande hotel central é praticamente inteiramente ocupado por um estacionamento de automóveis – preenchendo toda a extensão do lado do quarteirão voltado para a antiga rua do Espírito Santo, atual Rua Pedro I, nº 21.

¹³⁹ Hotel Vera Cruz. **O Jornal**, v.04, n.1113, p. 05, 01 set. 1922.

¹⁴⁰ Devemos Estimular a Construção de Hotéis. **O Observador Econômico e Financeiro**, n. 101, p.78-85, 1944.

¹⁴¹ Interditado o hotel pela prefeitura – o prédio estaria ameaçado de desabamento – vários hóspedes desalojados, inclusive vinte e cinco famílias. **A Noite**, v. 45, n. 15389, p.08, 1956.

3. Derradeiro grande hotel central

Neste capítulo, será apresentada a história do único grande hotel central, inserido no recorte de estudo analisado, ainda existente na cidade. A análise do estabelecimento, por mais que tenha sido realizada, majoritariamente, a partir dos mesmos critérios estabelecidos para os demais hotéis da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*, será exposta de maneira mais aprofundada.

Desse modo, o estudo do edifício parte da compreensão de sua inserção urbana na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. A investigação do histórico de ocupação da Praça Tiradentes foi realizada, sobretudo, por meio de consulta a estudos de outros pesquisadores. Além disso, através de fotografias e mapas históricos e da consecutiva inserção de análises próprias sobre a iconografia levantada, buscou-se reconstruir o caráter da praça como centralidade na cidade, configurando-se como importante pólo cultural no momento de inauguração do grande hotel.

Nessa perspectiva, também será apresentada a história encoberta pela inauguração do edifício do Rio Hotel, que teria sido projetado como New York Hotel. A partir do cruzamento entre notícias e anúncios da época e bibliografia especializada, procurou-se evidenciar o contexto de incorporação de referências de grandes hotéis norte-americanos, bem como a decorrente ideia de verticalidade na concepção e construção da edificação – reconhecida como arranha-céu no momento de sua inauguração, destacava-se na paisagem da cidade.

Por fim, será exposta uma breve análise da inserção atual do edifício na área central da cidade, levando em consideração o processo de verticalização do Rio de Janeiro, e sua intensificação após o momento de inauguração do antigo Rio Hotel. Discute-se, ainda, o deslocamento da concentração do espaço do turismo na cidade e, conseqüentemente, dos meios de hospedagem – a migração do Centro para o que hoje se entende como Zona Sul carioca.

3.1. A praça Tiradentes como centralidade



Figura 62 – Praça Tiradentes, c. 1920, por Augusto Malta
Fonte: Brasileira Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

“Pela situação central em que se acha colocado aquele modelar estabelecimento, próximo a todos teatros, casas de diversões e linhas de bondes, podemos adivinhar que o *Rio-Hotel*, será o preferido pelas pessoas que vêm a passeio a esta capital, pois o *touriste*, quando não encontrasse outros motivos de conforto, o que aliás, não se dá, teria a certeza de encontrar ótimas acomodações para repouso, como acontece nos melhores hotéis da Europa e da América.”¹⁴²



Figura 63 – Praça Tiradentes, no centro do mapa, próxima de dois outros espaços públicos importantes. Acima no canto direito, aparece parte da Praça da República. Abaixo, quase que contíguo, parte do Largo São Francisco de Paula. Assinalado por meio de um círculo branco, o terreno na esquina da rua da Carioca, onde será edificado o Rio Hotel anos mais tarde, em 1919. Ao lado esquerdo, o morro de Santo Antônio, ainda existente na cidade. No entorno da praça, estão representados 06 teatros – São Pedro, São José, Lucinda, Carlos Gomes, Recreio e Apolo –, como será explorado adiante

Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1910, com inserção própria

Fonte: imagineRio, coleção Rice University, Library of Congress

¹⁴² Um grande estabelecimento modelar. *Para Todos*, n. 05, p. 02, 1919.

Em relação aos hóspedes que frequentariam o grande hotel inaugurado em 1919, o Rio Hotel, muitos periódicos da época apontavam para a implantação privilegiada do estabelecimento na cidade. A Praça Tiradentes, naquele momento, mostrava-se como mais uma centralidade na vida urbana do então Distrito Federal, estando especialmente vinculada, como anunciado acima, ao ramo de atividades culturais da cidade e, exercendo papel importante na história do teatro do Rio de Janeiro.

Antes de explorar o contexto da praça no início do século XX, deve-se compreender o histórico de ocupação do espaço. A área do que hoje se conhece como Praça Tiradentes fazia parte, originalmente, do Campo de São Domingos e configurava-se como um rossio – “campos de serventia pública, destinados ao estacionamento de carruagens, pastagem de animais, feiras, leilões e demais atividades coletivas”¹⁴³ No entanto, com a chegada da Corte, em 1808, a cidade passou a atender a novas necessidades, fazendo com que o então largo do Rossio¹⁴⁴ passasse, conforme Contier et al¹⁴⁵:

“[...] a testemunhar significativas mudanças em seu entorno. A construção civil teve grande impulso para suprir a demanda tanto de residências, como das estruturas de lazer, clubes, cafés e teatros que a nobreza tanto apreciava. Um dos fatores desse fenômeno, deve-se à proximidade com o Campo de Santana, onde passaram a se localizar os principais organismos administrativos governamentais.”¹⁴⁶

¹⁴³ MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920.** Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998, p. 90.

¹⁴⁴ Dentre as muitas denominações da atual Praça Tiradentes, o espaço já foi conhecido como Rossio Grande, Campo dos Ciganos, Campo da Lampadosa, Campo do Polé (Pelourinho) e Praça da Constituição – nome dado em 1822, devido a uma portaria do ministro José Bonifácio. Passou a se chamar Praça Tiradentes em 1890 (GONÇALVES et al, 2018)

¹⁴⁵ CONTIER, A.D. (coord/org); OLIVEIRA, A.A.; NETO, D.G.; BUONANO, D.G. A Praça Tiradentes: o urbanismo como espetáculo (1889–1930). **Caderno de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura**, v.3, n.1, p.91-104. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

¹⁴⁶ Ibidem, p.93.

Assim, a afirmação vai, de certa forma, de encontro com o que Sisson ¹⁴⁷ observou em relação aos *centros* da cidade do Rio de Janeiro. Como já explorado na introdução do presente trabalho, no princípio do século XIX, teria ocorrido um deslocamento do núcleo simbólico-administrativo da cidade da Praça XV para o Campo de Santana, onde passaram a se concentrar edifícios dos poderes militar, religioso e civil da cidade. Desse modo, conforme Lima (*apud* Menezes) ¹⁴⁸, a atual Praça Tiradentes, possivelmente devido a sua proximidade em relação à área recém-estabelecida como centro urbano da monarquia, também passou a ganhar destaque como uma nova centralidade do Rio de Janeiro. Desse modo, seu processo de urbanização e transformação em um importante pólo de lazer da cidade estaria vinculado a diferentes aspectos, interrelacionados.

Por um lado, destaca-se a ocupação da praça por teatros, clubes e cafés. Nesse sentido, pode-se retomar ao vínculo da Praça Tiradentes com as origens do teatro na cidade. Segundo Perrotta, foi inaugurado na praça, no ano de 1813, por meio de um decreto de Dom João VI, o Real Teatro São João (fig. 64). O teatro teve seu nome alterado algumas vezes conforme seu momento histórico, chamando-se, “São Pedro de Alcântara, Teatro Constitucional Fluminense – até que o prédio fosse totalmente reconstruído, em 1926, passando a se chamar Teatro João Caetano, como é até hoje, em homenagem a um importante ator e empresário do teatro nacional.” ¹⁴⁹ A década de 1820 foi responsável, ainda, por dotar a região com outros teatros menores, como o Theatrinho, em 1823 (posterior Theatro do Plácido, em 1824). Da mesma maneira, outras casas de espetáculo foram inauguradas nos arredores da praça ao longo do século XIX ¹⁵⁰, o que estaria relacionado diretamente com o desenvolvimento do sistema de transportes da cidade.

¹⁴⁷ SISSON, R. **Espaço e poder: os três centros do Rio de Janeiro e a chegada da Corte Portuguesa** = Space and power: the three centers of Rio de Janeiro and the arrival of the Portuguese Court [tradução de Marcia Barbosa Serra]. Rio de Janeiro: Arco, 2008.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011., p. 176.

¹⁵⁰ Ver MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920**. Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.



Figura 64 – Teatro São Pedro de Alcântara, originalmente Real Teatro São João, na então Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes, c. 1870, por Marc Ferrez
Na foto, a praça ainda aparece circundada por balaustrada, que será removida no início do século XX, no contexto da reforma Pereira Passos
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Assim, outro aspecto levantado por Lima (*apud* Menezes) ¹⁵¹ seria justamente a acessibilidade da Praça Tiradentes, a partir da conexão do espaço com outras áreas da cidade – a praça, que já se mostrava como ponto de encontro de uma série de ruas estratégicas ¹⁵², pode ser considerada pioneira na implantação dos transportes coletivos na cidade. Conforme Perrotta:

¹⁵¹ MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920.** Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.

¹⁵² “Vale lembrar que, entre 1813 e 1850, a Praça Tiradentes já era o ponto de encontro das Ruas dos Ciganos (atual Constituição), de São Jorge (Gonçalves Lêdo), Bárbara de Alvarenga (Imperatriz Leopoldina), Sacramento (Av. Passos), de São Francisco de Paula (do Teatro), do Cano (Sete de Setembro), do Piolho (da Carioca), Travessa da Barreira (Silva Jardim), do Espírito Santo (D. Pedro I) e do Caminho do Conde (Visconde do Rio Branco).” (MENEZES, 1998, p.96)

“De 1838 é a primeira linha de ônibus – veículo de quatro rodas e dois andares movido por tração animal – que saía do Centro (na região da atual praça Tiradentes) inicialmente para Botafogo, São Cristóvão e Engenho Velho [...] O primeiro bonde (tração animal sobre trilhos) começa a circular no Rio em 1859, ligando o Largo do Rocio (atual Praça de Tiradentes) a um local perto da atual Usina, na Tijuca, num trajeto de 7 km de comprimento.”¹⁵³

Dessa forma, Lima (*apud* Menezes)¹⁵⁴ observa que o fato de funcionar como ponto de chegada e partida do principal meio de transporte coletivo da cidade na época foi aspecto decisivo para que a Praça Tiradentes passasse a se consolidar, desde o século XIX, como significativo pólo de lazer do Rio de Janeiro. Ali se estabeleciam, assim, reconhecidos teatros e bares, cafés e restaurantes – como a cervejaria Stadt München; o café Criterium e o restaurante Vila de Barcelo –, para onde se dirigia a população em busca de divertimento. A praça, assim, passou a se tornar referência como importante reduto da boemia carioca, palco de encontros entre escritores, artistas, jornalistas, músicos, prostitutas e seus clientes, trabalhadores da classe operária, capoeiristas e escravos alforriados.

Encontros esses que, segundo alguns autores, fizeram da praça um local facilitador de trocas culturais entre diferentes classes sociais. Segundo Perrotta, por exemplo, “[...] as casas noturnas em torno da praça Tiradentes, onde se ouvia música ao vivo, bebia-se cerveja e se dançava, foram importante ponto de contato e de divulgação da música de origem africana com a burguesia carioca.”¹⁵⁵ Ainda nesse sentido, Menezes coloca:

“O Largo do Rossio, no decorrer de sua história, afirma-se gradativamente como um local de convivência onde os teatros, cafés, palacetes e salões literários, junto com os muitos tipos humanos, representavam diferentes tipos de cultura, indumentárias e atividades; um espaço onde a aristocracia, a

¹⁵³ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011, p. 168.

¹⁵⁴ MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920**. Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.

¹⁵⁵ PERROTTA,... op.cit, p. 183.

boemia, os capoeiristas e a pequena burguesia conviviam. [...] A Praça teve certa importância nos acontecimentos políticos do início da República; entretanto, no imaginário popular, era muito mais um local de entretenimento do que de manifestações patrióticas.”¹⁵⁶

Ainda nesse sentido, o espaço público também era reconhecido no que se entendia como turismo da cidade naquele momento. Perrotta observa que diversos guias para viajantes do início do século XX apontavam a Praça Tiradentes em meio aos locais a serem visitados na cidade. No guia de 1906, adotado pela força policial do Distrito Federal, aparecia vinculada à seção *Praças, Jardins e Passeios*, junto à Praça da República, praça XV de Novembro, praça Coronel Tamarindo, praça Visconde do Rio Branco, praça Duque de Caxias, praça José de Alencar, praça Marechal Deodoro, Passeio Público, Jardim Botânico, Jardim Zoológico, Parque da Boa Vista, avenida Beira-mar, Copacabana e Tijuca.¹⁵⁷

Além disso, Perrotta destaca ainda a menção nos guias da época, por vezes de maneira exaltada e descrita com detalhes, do *grande monumento equestre de Dom Pedro I* inaugurado no centro da praça (fig. 65), no ano de 1862, em comemoração aos 40 anos de Independência do país. Segundo a autora, a obra teria sido a primeira estátua instalada em um local público no Brasil, marcando o início de uma fase de implantação de monumentos urbanos como importantes símbolos de constituição de uma pretendida imagem de nação, como já analisado no capítulo 02, a partir da obra no Largo São Francisco de Paula, criada poucos anos mais tarde. Assim, nesse sentido, pode-se dizer que a recorrente menção da estátua de Dom Pedro I, nos guias de viagem da época, denota o destaque conferido às esculturas como ponto de atração para aqueles que visitavam a cidade.

¹⁵⁶ MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920.** Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998, p. 141-142.

¹⁵⁷ PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico.** CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011, p. 146.

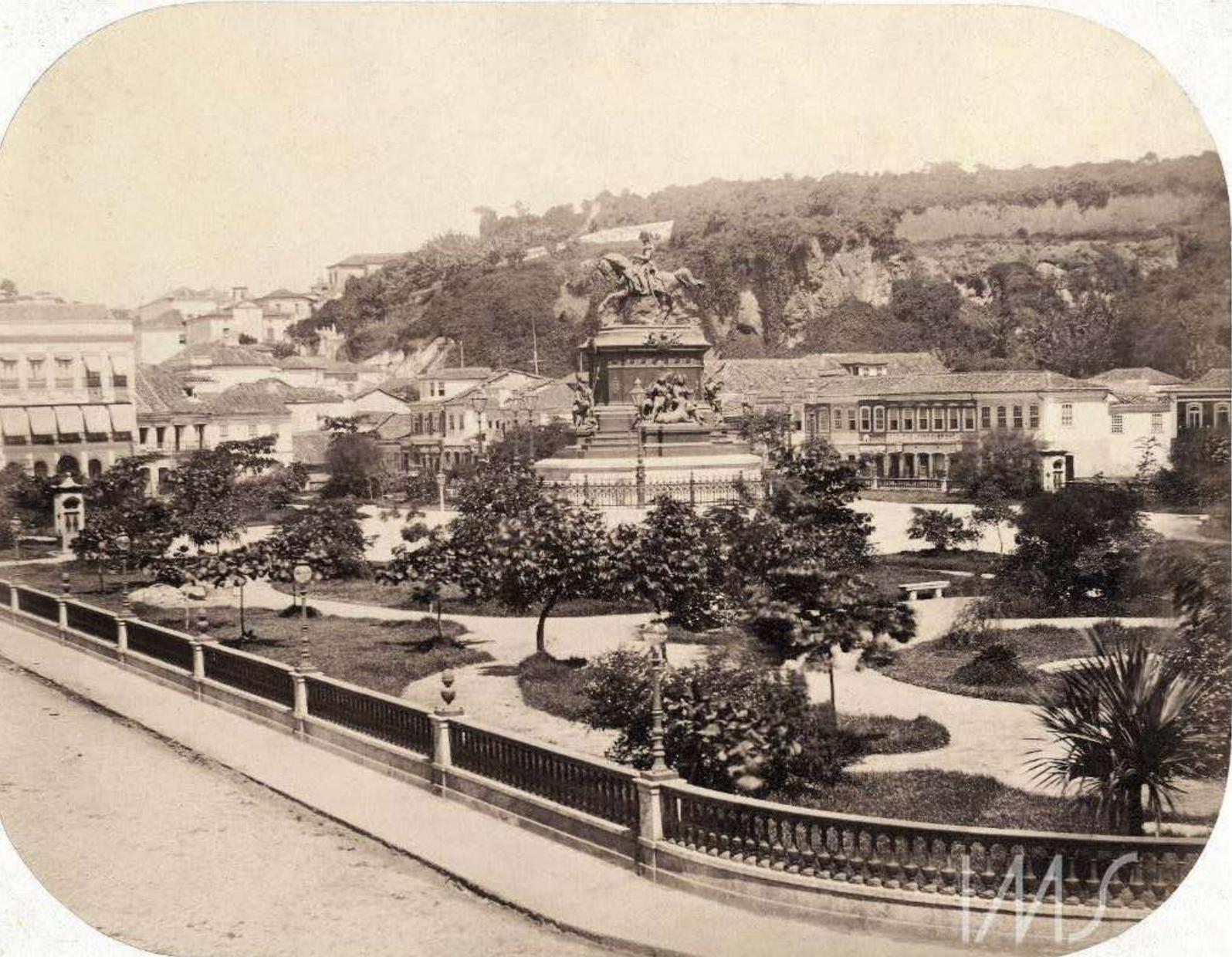
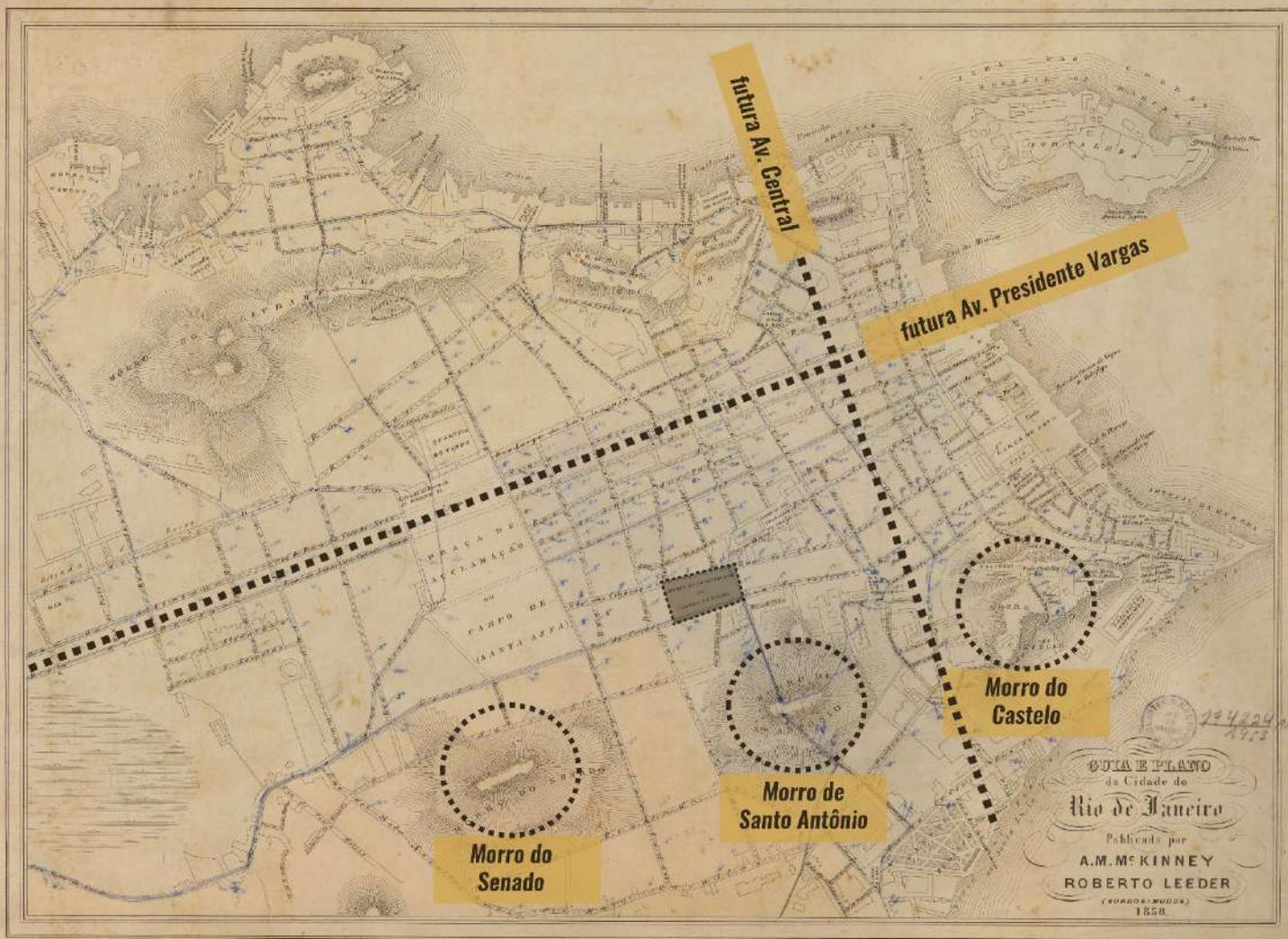


Figura 65 – Estátua de Dom Pedro I, recém-inaugurada na então Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes, c. 1865, por Augusto Stahl

Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

Na imagem acima, em meados do século XIX, é possível avistar o próximo morro de Santo Antônio ao fundo, relevo que estava situado entre outros dois morros, do Senado e do Castelo (fig. 66) – o primeiro desmontado em 1891, e o segundo na década de 1920. O morro de Santo Antônio teve o mesmo destino que seus vizinhos e sua demolição foi iniciada na década de 1950, o que gerou a possibilidade de ocupação de um significativo novo espaço no Centro da cidade do Rio de Janeiro – a atual Esplanada de Santo Antônio, como será analisado no subcapítulo 3.4.

Mapa n.º 2 co.



ARC 012,04,029

ARC. 012,04, 029

Figura 66 – Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes marcada no retângulo ao centro
Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1858, com inserção própria
Fonte: Biblioteca Nacional, mapa publicado por A. M. Mc Kinney Roberto Leeder

Além disso, a partir da foto (fig. 65), é possível notar uma balaustrada envolvendo o centro da praça – elemento que foi eliminado no contexto de iniciativas da reforma Pereira Passos, no início do século XX. Foram, ainda, realizados: um ajardinamento do espaço central; e o entorno da praça, assim como várias ruas da cidade, passou a contar com pavimentação asfáltica. Contier et al adicionam ainda que as reformas também incluíram:

“[...] o alargamento da antiga Rua do Sacramento, que nessa altura dos acontecimentos já estava interligada à Marechal Floriano e que mais tarde viria a se chamar de Avenida Passos. Essas intervenções valorizaram muito

o marco dominante da praça, o Teatro São Pedro, o qual ficou muito mais visível, principalmente, do ponto de vista da Avenida Passos.”¹⁵⁸

Dessa forma, de volta ao início do século XX, segundo mapa de 1910 (fig. 63), a praça abrigava naquele momento 05 teatros em seu entorno – São Pedro, São José, Lucinda, Carlos Gomes, Recreio – e um pouco mais distante, o Teatro Apolo. Menezes¹⁵⁹ aponta, ainda, outros estabelecimentos, como o teatro Éden, e os cine-teatros Rio Branco e Chantecler, ambos inaugurados em 1911. Dessa forma, é possível compreender porque os anúncios relativos à abertura do Rio Hotel, no ano de 1919, faziam uso do caráter cultural da praça como atrativo para possíveis hóspedes. Ainda nesse sentido, o grande hotel deve ter se beneficiado de sua inserção na cidade especialmente nos anos que sucederam sua inauguração, uma vez que, segundo Menezes¹⁶⁰, os teatros de revista da Praça Tiradentes tiveram sua época áurea na segunda década do século XX.

Por fim, é essencial ressaltar que a Praça Tiradentes, no início do século XX, já se mostrava como uma área com tradição no ramo da hotelaria – no levantamento de Belchior e Poyares¹⁶¹, até 1908, em torno de 20 casas de hospedagem foram listadas como situadas no endereço da Praça Tiradentes, antiga praça da Constituição. Dentre elas, figuravam estabelecimentos como: Hotel da Itália (1835), Hotel dos Príncipes (1865), Hotel Mangini (1876) e Hotel Dom Pedro I (1879). Entretanto, pode-se dizer que o Rio Hotel, da *Companhia dos Grande Hotéis Centraes*, surgiu como o primeiro grande hotel a ser construído na praça.

¹⁵⁸ CONTIER, A.D. (coord/org); OLIVEIRA, A.A.; NETO, D.G.; BUONANO, D.G. A Praça Tiradentes: o urbanismo como espetáculo (1889–1930). **Caderno de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura**, v.3, n.1, p.91-104. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003, p.94.

¹⁵⁹ MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920**. Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.

¹⁶⁰ Ibidem.

¹⁶¹ BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.



Figura 67 – Vista aérea da Praça Tiradentes, já com o grande hotel inaugurado – aparece cortado, assinalado em amarelo, na parte superior da foto. Na parte inferior, em amarelo: à esquerda, a Escola Politécnica (atual IFCS, da UFRJ); e à direita, o Teatro São Pedro
Foto de c. 1921, por Jorge Kfuri
Fonte: Brasiliana Fotográfica, Álbum 102 Flotilha de Aviões de Guerra 1916 - 1923

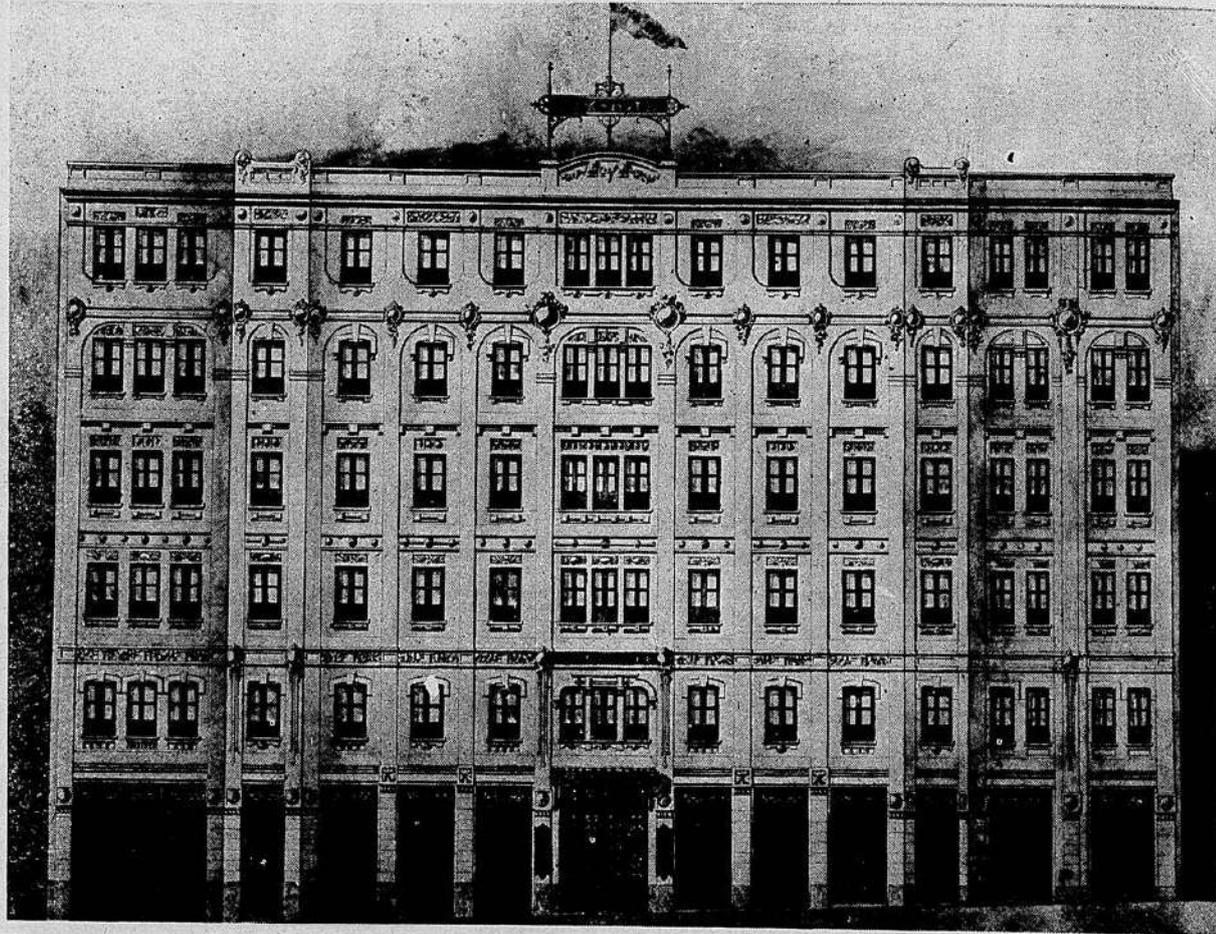
3.2. York Hotel – o desastre do arranha-céu não concluído

A história do estabelecimento hoteleiro edificado na Praça Tiradentes no final da década de 1910 tem seu início marcado por escombros, perda e comoção popular. O Rio Hotel foi, na realidade, projetado como New York Hotel – um imponente edifício de 06 andares (fig. 68) inspirado nos arranha-céus que passavam a fazer parte da grande metrópole norte-americana.¹⁶² Durante seu período de construção, um acidente foi responsável pela morte de dezenas de operários.

A partir do grande hotel York é possível refletir sobre o que se tomava como referência para a arquitetura de hotéis construída naquele momento. Se por um lado, os edifícios, e a própria forma urbana, inaugurados na primeira década do século XX no contexto de abertura da Avenida Central seguiam modelos declaradamente franceses, baseados nas iniciativas do barão Haussmann em Paris, agora notava-se uma admiração de modelos não mais somente do continente europeu, mas uma busca por uma equiparação ao que se estava construindo no *novo mundo*.

¹⁶² A cultura da verticalização de edifícios é reconhecida como tendo sido instaurada nos Estados Unidos, no final do século XIX, na cidade de Chicago, como explorado por FRAMPTON (1997), em *História Crítica da Arquitetura Moderna*. Alguns dos nomes associados às edificações em altura da época são: Dankmar Adler, Daniel Burnham, William LeBaron Jenney e Louis Sullivan. O renomado arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright começou sua carreira na empresa de Adler e Sullivan.

O New York Hotel, do Rio, e os hotéis de New York.



1 — O projecto do edificio do York - Hotel, que vae ser construido na rua da Carioca, para ser explorado pela empresa dos hotéis Avenida, Palace, Globo e Fluminense. 2 — O hotel Belmont, na 42 Street (Nova York). 3 — O hotel Bossert, em Brooklyn (Nova York). 4 — O Plaza Hotel, de Nova York situado na 58 Street e Quinta Avenida.

Nesse sentido, é importante destacar que, como apontado anteriormente, conforme Silva e Spolon ¹⁶³, por mais que a hotelaria comercial tenha surgido na Europa, foi na cidade de Boston, nos Estados Unidos, que teria ocorrido o primeiro grande marco para a hotelaria de luxo – a inauguração do famoso *Tremont House*, em 1829, com 170 quartos. Pioneiro em vários aspectos, o estabelecimento não apenas foi o primeiro hotel a contar com encanamento, como foi também responsável pela instauração de um novo modo de compreensão do programa *hotel*:

“[...] implementou mundialmente o importante conceito de que um hotel não necessariamente precisa ser apenas um local para dormir. Passou-se a acreditar, a partir de sua inauguração, que o hotel poderia ser um local luxuoso, agradável, promotor de sociabilidades, feito para transformar a experiência de hospedagem em algo prazeroso e refinado, em um ambiente muitas vezes melhor do que o das próprias residências dos hóspedes. Este posicionamento inaugura a era dos hotéis que unem sofisticação a praticidade e que coloca os estabelecimentos hoteleiros americanos como uma referência a ser seguido mundialmente. A partir deste marco, muitos dos serviços hoteleiros são reorganizados e novos parâmetros de serviço definidos.” ¹⁶⁴

Ainda conforme Spolon ¹⁶⁵, no início do século XX, os Estados Unidos seguiram inaugurando grandes hotéis que se tornariam referências para a hotelaria mundial. Dentre eles, ambos construídos na cidade de Nova York e inaugurados no mesmo ano, em 1907, destacam-se o Plaza Hotel (no canto esquerdo inferior da fig. 68) e o Hotel Statler (posteriormente Buffalo), iniciativa do hoteleiro norte-americano Ellsworth Milton Statler. Esse último edifício, ainda segundo a autora, teria revolucionado novamente a história da hotelaria comercial – o grande hotel contava com 300 apartamentos e com uma série de facilidades. Dentre elas, a instalação do suporte de toalhas e um banheiro privativo com água corrente em todos os quartos,

¹⁶³ SILVA, M. S. B.; SPOLON, A. P. G. “Alô, é do Copa”? O telefone e a história da hotelaria carioca. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 14, n.02, p. 01-26, agosto de 2017.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 7-8, grifo nosso.

¹⁶⁵ SPOLON, A. P. G. Breve história dos meios de hospedagem no Brasil e no mundo. In: SILVA, W. C. D. et al. *Hotelaria*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014, p.07-34.

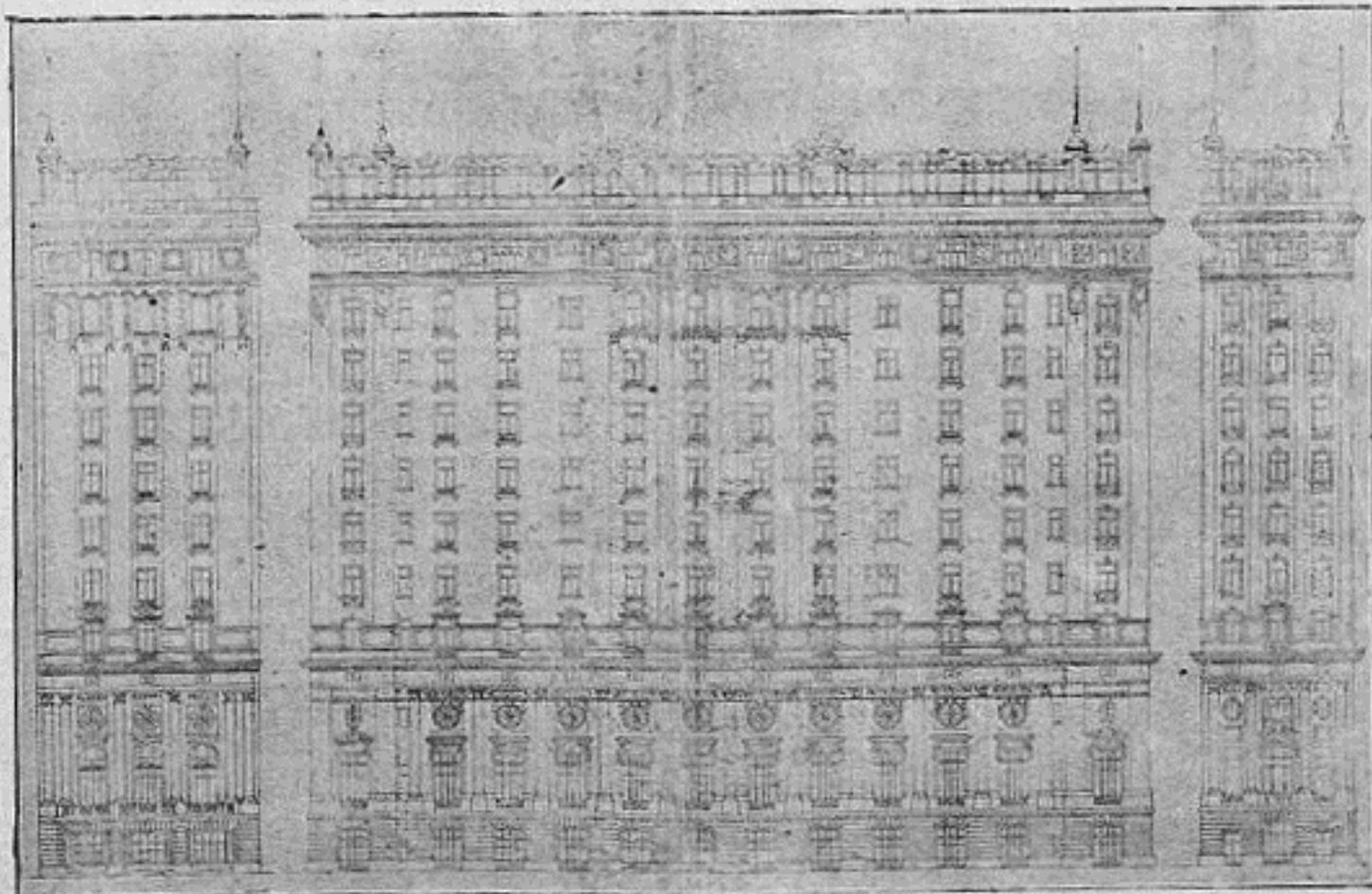
assim como serviço de entrega de jornais nas unidades habitacionais e a criação de um sistema preliminar de contabilidade hoteleira.

Assim, mesmo que não seja possível afirmar de maneira categórica que, a partir de então, os hotéis deixariam de se basear nos modelos da França, um dos berços da hospedaria comercial de luxo, como explorado no subcapítulo 1.1. do trabalho, pode-se dizer que a cidade do Rio de Janeiro passava, de fato, a considerar hotéis americanos como referência. Dentre os parâmetros a serem seguidos, é importante destacar a verticalização das edificações. Como se pode perceber pela figura 68, surgia como um aspecto claramente almejado, mais ainda era notória a distância entre o projeto para o hotel no Rio de Janeiro e os edifícios de Nova York. Além das diferenças evidentes em relação à altura e às proporções, os grandes hotéis norte-americanos se configuravam como volumes únicos, com as fachadas tratadas em um mesmo plano e com uma clara divisão entre embasamento, corpo e coroamento, o que não se mostrava presente no desenho para o hotel à rua da Carioca.

Além disso, ainda em relação à influência norte-americana e às referências de arquitetura para o New York Hotel, vale retomar ao projeto, também não executado, de 1912 para o Ritz-Carlton Hotel (fig. 69), explorado no capítulo 01. O hotel foi projetado por arquitetos e engenheiros de Nova York, a dupla Warren e Wetmore. Financiado a partir de capital estrangeiro, de uma firma londrina, as notícias em relação ao edifício exaltavam sua suntuosidade, que superaria grandes hotéis pré-existentes: “não há exageros nessa adjetivação: o Carlton-Ritz do Rio de Janeiro será muito mais majestoso que o Carlton de Londres, que o Ritz de Paris”.^{166 167} Dessa forma, é inevitável sublinhar o que se pretendia à época – um grande hotel designado a partir de referências inglesa e francesa, projetado por dois norte-americanos, por meio de investimento de capital inglês, construído na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

¹⁶⁶ Ritz-Carlton – o suntuoso hotel que vai ser uma das maravilhas do novo Rio. **Gazeta de Notícias**, v. 36, n. 154, p.1-2, 02/06/1912

¹⁶⁷ O hotel Ritz de Paris foi inaugurado em 1898, fundado pela parceria entre o grande chef de cozinha francês Auguste Escoffier e o famoso hoteleiro suíço César Ritz. Este último, conhecido como *rei dos hoteleiros* e *o hoteleiro dos reis*, é considerado ator importante para o estabelecimento de um serviço de qualidade e de requinte na hotelaria comercial ao redor do mundo. (SPOLON, 2014). Em Londres, o hotel The Carlton foi inaugurado no ano de 1899.



Fachada principal para a Avenida Rio Branco e rua Dr. Joaquim Nabuco

Escala 1:100

RIO DE JANEIRO - HOTEL COMPANY

RITZ - CARLTON - HOTEL

Rio de Janeiro - Brasil

Warren and Wetmore,
Architects and engineers
New-York-City-U. S. A

Fachada das duas esquinas ligando a
nova rua com a Avenida Rio
Branco e com a rua Dr. Joaquim
Nabuco.

Fachada da esquina, ligando as fa-
chadas da Avenida Rio Branco e
rua Dr. Joaquim Nabuco.

Figura 69 – Projeto para o Ritz Carlton Hotel, projetado pelos norte-americanos Warren e Wetmore
Fonte: Gazeta de Notícias, n.154, 1912

Ainda em relação à busca por modelos do continente americano, na busca por uma dita modernização, muitas reportagens da época indicavam, ainda, certa concorrência com a capital latina vizinha Buenos Aires, procurada por muitos turistas europeus, como já analisado na introdução do trabalho:

“[...] a população do Rio contemplou com melancolia a diferença espantosa entre a arquitetura da capital da Argentina e a da capital do Brasil. Não devemos iludir-nos. Hoje, ainda, e apesar das transformações por que passou entre nós a arte de construir, [...] faltam os mais modestos dos requisitos estéticos de que devia revestir-se a arquitetura de uma capital desta categoria.”¹⁶⁸

¹⁶⁸ O Rio architectonico. **Revista da Semana**, v. 17, n. 37, p.30, 21 out. 1917.

Nesse sentido, muitos eram os comentários elogiosos em relação ao novo grande hotel que teria sido inaugurado na Praça Tiradentes, condizente com o que se pretendia para a então capital do país:

"[...] o Rio de Janeiro ia possuir mais um estabelecimento à altura do seu crescente progresso. Era um hotel o York Hotel. Gigantesco, de seis ou sete andares, dotado de todos os melhoramentos modernos, um desses monstruosos edifícios que fazem as maravilhas das cidades norte-americanas e a que denominam de 'arranha-céus'. [...] O 'arranha-céus' ia ser levantado justamente no local em que se encontrava a velha construção de tipo colonial a que acima aludimos, compreendendo o terreno sito entre a rua da Carioca, a rua Silva Jardim e o beco da Carioca." ¹⁶⁹



Do alto, a fachada do edifício fatal, segundo o projecto do sr. Jannuzzi. Em baixo, o velho edifício que foi demolido, no qual nasceu o grande actor João Caetano. No medalhão, o sr. F. Cabral, presidente da Companhia dos Grandes Hotéis.

Figura 70 – Fotos do projeto do hotel e da antiga casa que existia no terreno
Fonte: Correio da Manhã, n. 6679, 1917

¹⁶⁹ *Victimas do trabalho - A derrocada de um grande predio em construção. Jornal do Brasil*, v. 27, n. 159, p. 07-08, 08 jun. 1917

Entretanto, não apenas elogios foram tecidos acerca do New York Hotel. Em uma nota publicada pela Revista da Semana ¹⁷⁰, o projeto do grande hotel aparecia como carente de *beleza arquitetônica*, o que estaria relacionado à ausência de um arquiteto responsável pela concepção do edifício:

“Não é possível conceber-se um casarão mais antiestético, onde haja uma mais sensível ausência de harmonia e equilíbrio. É uma obra-prima de mau gosto, que nem sequer tem a desculpa de ser despreziosa. Quando os nossos proprietários se acostumarão a pedir aos arquitetos diplomados o projeto de seus edifícios? Quando os grandes construtores, os grandes industriais da construção se resolverão, como em toda a parte, a confiar os projetos das obras que lhes são encomendadas a um artista arquiteto...e não a um mestre de obras? Porque não ha de a Prefeitura tornar obrigatória (para salvação da estética do Rio) a assinatura de um arquiteto diplomado no projeto de qualquer edifício destinado a certos bairros, a uma certa área da cidade?” ¹⁷¹

Nesse sentido, vale pontuar que, naquele momento, os arquitetos ainda não se configuravam como classe organizada, o que viria a ser alterado, poucos anos mais tarde, em 1921, com a criação do *Instituto Brasileiro de Architectura*. Ainda sobre a posição da profissão, segundo Levy ¹⁷², a exposição de 1922 é considerada um marco do renascimento arquitetônico no Brasil, uma vez que os projetos dos pavilhões tinham que ser obrigatoriamente assinados e executados por arquitetos diplomados.

Como mencionado anteriormente, o hotel não foi concluído como previsto no projeto por conta de um acidente de grandes proporções, ocorrido no mês de junho de 1917. O acontecimento ocupou as capas de muitos dos jornais e periódicos da época (figs. 71 e 72) e causou uma série de mobilizações e reivindicações relativas ao papel de fiscalização da prefeitura e aos direitos trabalhistas dos operários envolvidos no setor construtivo da cidade.

¹⁷⁰ O Rio architectonico. **Revista da Semana**, v. 17, n. 37, p.30, 21 out. 1917.

¹⁷¹ Ibidem, grifo nosso.

¹⁷² LEVY, R. N. V. F. A exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20. **Artes & Ensaios - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / EBA / UFRJ**, v. 11, p. 39–43, 2004

O MALHO

PELAS VICTIMAS DO TRABALHO

ECHO DA CATASTROPHE DO
YORK HOTEL



Figura 72 — Capa d'O Malho, sobre o acidente
Fonte: O Malho, n. 770, 1917

ZE' POVO (commoído) : — E agora, Sr. presidente da Republica, depois das flôres da sua piedade christã e da caridade do seu lar, espero que V. Ex. complete o bello gesto, apressando a lei do amparo às familias dos operarios que se inutilisam ou morrem no trabalho, neste campo de batalha, tão rude e tão inglorio !...

Quanto às razões do desabamento, muitas e fervorosas eram as especulações e suposições. Dentre o que se discutia, estava um possível equívoco na fundação do edifício, que poderia ter sido subdimensionada frente à altura da edificação – fato explorado por charges de revistas como *O Malho* e *Careta*. A responsabilidade acerca do *gigante com pernas de criança*¹⁷³ era, não apenas do construtor responsável – a firma *Jannuzzi, Filhos & C.* –, mas também de funcionários da prefeitura habilitados para a aprovação do projeto e para a fiscalização das obras.

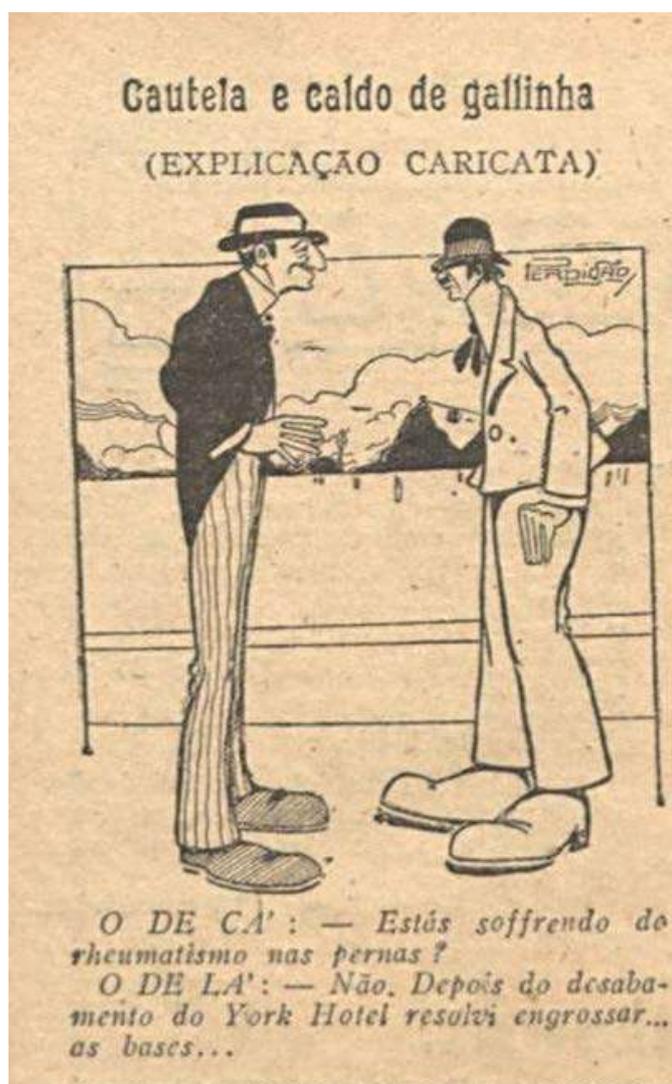


Figura 73 – Charge sobre o acidente do hotel
Fonte: *O Malho*, n. 771, 1917

¹⁷³ Chronica. *O Malho*, v. 16, n. 770, p.06, 16 jun. 1917.

3.3. Rio Hotel (1919)

endereço: Rua da Carioca, esquina com Rua Silva Jardim ¹⁷⁴ – Praça Tiradentes

arquiteto: s.i. / Carmine Francisco Conti (decoreação)

construtor: Francisco Jannuzzi & C.

datas: 1917 (acidente na construção do York Hotel) / 1919 (inauguração) / 2013 (tombamento)

nº de pavimentos: 07

nº de quartos: 108

uso atual: Edifício desocupado. No térreo, loja de instrumentos musicais

estado de proteção: tombamento municipal pelo IRPH, decreto 37.273, de 12/06/2013



Figura 74 – À direita na foto, o Rio Hotel, na Praça Tiradentes, c.1920, por Augusto Malta
Fonte: Brasiliana Fotográfica, acervo Instituto Moreira Salles

¹⁷⁴ Nos anúncios, há divergência quanto ao endereço – ora aparecia como Rua da Carioca, ora como rua Silva Jardim, por se tratar de um edifício implantado no terreno de esquina entre as duas vias.

Meses após o desastre, já apareciam sinais de reconstrução do edifício, inaugurado em janeiro de 1919, agora sob o nome de Rio Hotel. A ideia de verticalidade permaneceu – o estabelecimento da Praça Tiradentes foi erguido com 7 pavimentos de altura, mas a extensão da edificação nomeada a partir da capital brasileira mostrava-se mais modesta do que antes se pretendia com o grande hotel designado segundo a metrópole norte-americana. Além disso, é importante destacar que as notícias de inauguração do novo estabelecimento buscavam se distanciar dos acontecimentos passados – as reportagens não apenas não mencionavam a tragédia ocorrida em 1917, como também eram carregadas de entusiasmo e elogios:

“A falta de grandes hotéis, no Rio, capazes de satisfazerem as exigências dos viajantes habituados a certo conforto, vai aos poucos desaparecendo. Inaugura-se amanhã o Rio-Hotel instalado magnificamente em prédio construído para tal fim, em ponto central, [...] na Praça Tiradentes. Não se lhe pôde exigir mais em conforto e luxo, nada faltando para ser considerado igual a qualquer grande estabelecimento das capitais civilizadas, onde a população atuante obriga a organização de tais empresas.”¹⁷⁵

Assim, o Rio Hotel surgiu como mais uma opção de hospedagem da *Companhia de Grandes Hoteis Centraes*. Tal como anunciado no lançamento do Rio Palace Hotel, muitas notícias seguiam apontando a carência de estabelecimentos hoteleiros de luxo no Rio de Janeiro, o que parecia ser explorado como diferencial da empresa – edifícios construídos especialmente para abrigar grandes hotéis, inspirados na hotelaria estrangeira. Nesse sentido, por mais que o hotel não fosse mais adjetivado a partir da metrópole norte-americana, algumas reportagens, não apenas ainda o relacionavam a um *estilo newyorkino*¹⁷⁶, mas também, sobretudo, à ideia de verticalidade do novo edifício da Praça Tiradentes.

¹⁷⁵ O Rio-Hotel - a sua inauguração amanhã. **Gazeta de Notícias**, n. 363, p. 04, 31 dez. 1918.

¹⁷⁶ Inaugurou-se o Rio-Hotel - mais um estabelecimento de luxo para o carioca. **A Noite**, n. 2534, p. 05, 2 jan. 1919.

OS GRANDES HOTEIS

RIO-HOTEL



Era habito até ainda pouco tempo ouvir o carioca dizer:—Que pena o Rio, tão bonito e tão apreciado pelos estrangeiros, não possuir bons hoteis!

Esta lacuna desapareceu, felizmente, devido á louvavel iniciativa dos directores da *Empreza dos Grandes Hoteis*, proprietaria do *Avenida e Rio-Palace* sem contar os hoteis *Globo* e *Fluminense* no Rio, *Grande Hotel* em Barbacena e *Santa Rita* em Mendes, dando occupação a 310 empregados. Não satisfeitos ainda por ter dotado esta capital com aquelles dois excellentes estabelecimentos, inauguraram, ha dias, na rua *Presidente Wilson*, o *Rio Hotel*, installado num vistoso predio, com uns ares já de *gratte ciel*, como os da America do Norte.

O *Rio-Hotel* possui 6 pavimentos divididos em magnificos salões, saletas e 108 alcovas, mobiliados todos a capricho, não faltando luz, telephone e agua corrente em cada compartimento. Todos os moveis são de cedro e vinhatico, com bellas incrustações, em desenhos originaes e acabamento cuidadoso,

Em cada um dos pavimentos ha quartos especiaes para casal, com sala de banho particular, mobilia completa, *divan*, *coiffeuse*, *chaise-longue*, etc.

Este hotel é servido por dois ascensores. No pavimento terreo estão installados o salão de visitas, o de leitura, e, ao lado esquerdo de quem entra, o *restaurant à la carte*, onde os hospedes poderão servir-se, caso o queiram, pois no *Rio-Hotel*, só se alugam aposentos, sem compromisso das refeições.

No primeiro andar, além das dependencias que ha em todos os demais, encontra-se tambem um rico salão de barbeiro, *manicure* e *coiffeurs pour dames*.

E' pois digna de todos os encomios a *Empreza dos Grandes Hoteis*, da qual é infatigavel director-presidente, o Sr. F. Cabral. Numa quadra de difficuldades como a que atravessamos esse empreendimento representa um colossal esforço e um admiravel desejo de bem servir não só a nossa população como tambem os forasteiros que nos visitam.

Nesse sentido, é necessário considerar o destaque que o Rio Hotel dispunha na paisagem da cidade, no alto de seus 7 pavimentos de altura – que, combinados à estreiteza do lote, lhe conferiam a noção de um edifício ainda mais alto. Isso porque o grande hotel fazia parte de um conjunto restrito de edificações com tal gabarito no Rio de Janeiro do início do século XX. Assim, é necessário retomar ao que foi explorado sobre o estudo de Caderman e Caderman ¹⁷⁷. Segundo os autores, o surgimento de *arranha-céus* de mais de 6 pavimentos só passaria a ser difundido no ano de 1925, por meio de uma série de decretos do prefeito Alaor Prata, que regulavam a altura das edificações tendo em vista a aplicação da nova tecnologia do concreto armado.

Ainda nessa perspectiva, em relação ao sistema construtivo da edificação, nota-se que as notícias da época destacavam, com recorrência, o fato de o Rio Hotel ter seus *pavimentos isolados a cimento armado* ¹⁷⁸. Contudo, é necessário pontuar que não se tratava de acontecimento inédito. Outros edifícios já estavam sendo erguidos a partir desse sistema antes do momento de inauguração do Rio Hotel – conforme Pereira ¹⁷⁹ muito pavilhões da Exposição de 1908, na Praia Vermelha, foram edificados com cimento armado à época ¹⁸⁰. Assim, por mais que seja possível especular que os estabelecimentos hoteleiros da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* anteriores à abertura do Rio Hotel em 1919, já poderiam estar fazendo uso da mesma técnica, deve-se sublinhar que foi a partir do edifício inaugurado na Praça Tiradentes que a informação começou a ser incluída no que se divulgava pela imprensa naquele momento. ¹⁸¹

¹⁷⁷ CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019.

¹⁷⁸ Inaugurou-se o Rio-Hotel - mais um estabelecimento de luxo para o carioca. **A Noite**, n. 2534, p. 05, 2 jan. 1919.

¹⁷⁹ PEREIRA, M. S. A Exposição Nacional de 1908 ou O Brasil visto por dentro. In: PEREIRA, M. S. (org.). **1908, um Brasil em exposição**. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010, p.11-49.

¹⁸⁰ “Sampaio Correa realizou uma obra arrojada na Exposição, introduzindo em quase todos os edifícios sob sua responsabilidade a nova técnica do *cimento armado* em paredes, estruturas e moldagens.” (PEREIRA, 2010, p.35)

¹⁸¹ A informação do cimento armado também passou a constar nas notícias acerca do Hotel Vera Cruz, inaugurado anos mais tarde, em 1922.

Em relação às instalações sanitárias do grande hotel, pode-se ressaltar o que foi observado a partir de notícias de inauguração do estabelecimento. Se por um lado, os 108 quartos eram anunciados com lavatório com água corrente, foi estabelecida uma diferença em relação a alguns aposentos “Em cada um dos pavimentos há quartos especiais para casal, com sala de banho particular, mobília completa, divã, ‘coiffeuse’, etc.”¹⁸² – o que nos leva a crer que os demais quartos não se configuravam como suíte, e seus hóspedes deveriam se utilizar de um banheiro coletivo¹⁸³. Além disso, os registros da imprensa da época acerca do Rio Hotel revelavam a existência de ventiladores, assim como de colchões ventilantes nos quartos do hotel¹⁸⁴ – elementos que não apareceram nas notícias analisadas dos demais estabelecimentos da *Companhia dos Grandes Hoteis Centraes*.

¹⁸² O Rio-Hotel - a sua inauguração amanhã. **Gazeta de Notícias**, n. 363, p. 04, 31 dez. 1918, grifo nosso.

¹⁸³ A hipótese parece comprovada a partir do que foi exposto por Hermes (2009), sobre edificação hoteleira posterior ao Rio Hotel. Em estudo sobre o grande hotel Sete de Setembro, também projetado pela família Januzzi, e inaugurado para a exposição de 1922, a autora aponta que o estabelecimento contava com lavatórios individuais nos quartos, mas com sanitários coletivos em todos os andares.

¹⁸⁴ Inaugurou-se o Rio-Hotel - mais um estabelecimento de luxo para o carioca. **A Noite**, n. 2534, p. 05, 2 jan. 1919.

GRANDES HOTEIS CENTRAES

RIO - HOTEL

Moderno estabelecimento dotado de todo o conforto. Agua corrente, ventiladores e telephone em todos os quartos. Esplendido serviço de Restaurant "à la minute"

**APOSENTOS SEM PEN-
SÃO DESDE 8\$000**

Praça Tiradentes

Junto ao Centro Paulista

END. TEL. RIOTEL
Telephone Central
— 4204 —

RIO DE JANEIRO

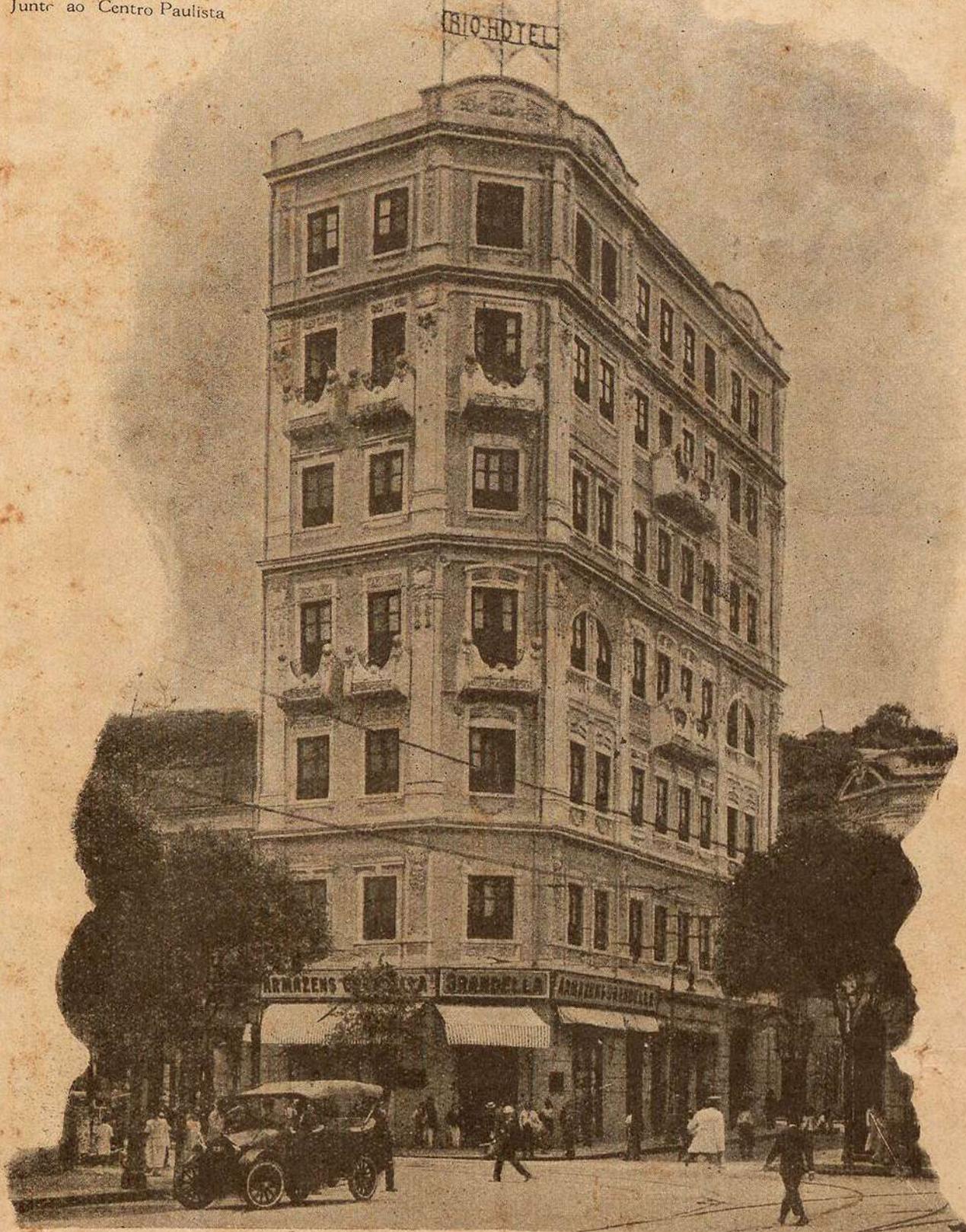


Figura 76 - Anúncio do Rio Hotel
Fonte: Almanach Eu sei Tudo, n. 02, 1922

No térreo do edifício, anunciada em muitos periódicos da época, estava a loja especializada em roupas brancas – *Armazens Grandella* (figs. 77 e 78). Já em relação ao programa do hotel, também no nível da rua, estavam instalados os salões de visitas e de leitura e: “ao lado esquerdo da entrada o restaurante ‘à la carte’, onde os hóspedes poderão servir-se, caso o queiram, pois o Rio-Hotel só aluga aposentos sem compromisso das refeições.”¹⁸⁵ Assim, o restaurante *Grill-Room*, montado com grande luxo e conforto¹⁸⁶, parecia contar com independência em relação ao hotel, uma vez que também aparecia em anúncios próprios, específicos (fig. 79).



Figura 77 – Anúncio dos *Armazens Grandella*, loja no térreo do Rio Hotel

Fonte: Dom Quixote, n.88, 1919

¹⁸⁵ O Rio-Hotel - a sua inauguração amanhã. **Gazeta de Notícias**, n. 363, p. 04, 31 dez. 1918.

¹⁸⁶ Inaugurou-se o Rio-Hotel - mais um estabelecimento de luxo para o carioca. **A Noite**, n. 2534, p. 05, 2 jan. 1919.

ENTRE DOIS ELEGANTES



**Sím... porém has-de concordar que não ha
casa que venda roupas brancas em
tão vantajosas condições como os**

ARMAZENS GRANDELLA

Rua da Carioca, 89 e 91

EDIFÍCIO DO RIO HOTEL

Figura 78 – Anúncio dos Armazens Grandella
Fonte: Para Todos, n. 25, 1919

D CASO DE PERNAMBUCO

Mais uma vez o Cattete enfrenta

o "Cattetinho"

O Sr. Joaquim Ignacio, contra a vontade do Sr. ministro da Guerra, volta a commandar a 2ª região

Rebô a situação em Pernambuco recedentes hontem os seguintes aspectos:

RECEBI, 7 (O Imparcial) — O Sr. Joaquim Ignacio voltou a commandar a 2ª região militar, aquartelada no Recife. Logo depois, saiu-se o Sr. ministro da Guerra para seguir imediatamente para ali.

Essa noticia do Sr. general Carneiro de Aguiar proferiu, como era natural, os mais desagradaveis comentarios nas todas politicas, pois Sr. J. I. mandara retirar a esta capital o Sr. general Joaquim Ignacio, justamente para lhe confiar um misterio muito regido, impedindo-lhe, assim, de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra recebeu, depois, o general Carneiro de Aguiar, e a fim de evitar o que se temia, preferiu obedecer a resistir. Ainda desta vez, como no caso do Commissariado, o Cattete, habitante nomeado pelo Sr. Sabino Barreto, instruiu-se contra o "Cattetinho", que, na politica do Estado, preside a politica dos Srs. Rosa e Silva e Estacio Coimbra, a qual é hostil o Sr. Joaquim Ignacio.

O Q'X N'OS DIZ O SR. JOSE' BEZERRA
O Sr. senador José Bezerra, sobre esse caso, deu-nos as seguintes informações:
"O Joaquim Ignacio volta a commandar a 2ª região militar, e não houve para isso trabalho politico."
— Absolutamente. O Sr. ministro da Guerra offereceu-lhe uma commissão aqui em volta a commandar a 2ª região, o Joaquim Ignacio preferia voltar. Foi o que houve.
— Mas os resistos e dantistas contra isso trabalharam.
— Não sei.
— E' seguro.
— Nesse caso, — disse S. Ex. sorrindo, — não chegam até junto aos allares. Ficaram á porta da egreja.

ACORDO ENTRE OS POSISTAS E DANTISTAS

Desde alguns dias vem correndo, em Instancia, que está muito bem encaminhado um accordo entre os Srs. Rosa e Silva e Dantas Barreto, para dar combate á actual situação de Pernambuco.

Propozem-se informações seguras a respeito desse accordo, e estamos autorizados a declarar que o mesmo foi lembrado por amigos communs daquelles politicos, mas ainda não está definitivamente resolvido.

OUTRAS NOTAS

O Sr. senador José Bezerra partiu para Pernambuco, a bordo do "Babilônia", sexta-feira proxima.

Nesse mesmo vapor, provavelmente, tambem seguirá o Sr. Joaquim Ignacio.

Em breve proximo verificam-se o reconhecimento de poderes dos senadores e deputados ao Congresso do Estado, e, em março, a Convegão do partido governista, que indicará o nome do Sr. José Bezerra para futuro governador de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O Sr. ministro da Guerra, Sr. Estacio Coimbra, não se dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

o commissario e sub commissario rão deixar o Commissariado

O Sr. João de Alencar, em commissario da Alimentaçaõ Publica, foi enviado pelo ministro da Agricultura para uma comissão de estudo.

O Sr. João de Alencar, em commissario da Alimentaçaõ Publica, foi enviado pelo ministro da Agricultura para uma comissão de estudo. Na occasião de sua saída, o Sr. João de Alencar, deo a palavra a seguinte declaração: "O Sr. João de Alencar, em commissario da Alimentaçaõ Publica, foi enviado pelo ministro da Agricultura para uma comissão de estudo."

Governo do Estado do Rio

O Sr. João de Alencar, em commissario da Alimentaçaõ Publica, foi enviado pelo ministro da Agricultura para uma comissão de estudo. Na occasião de sua saída, o Sr. João de Alencar, deo a palavra a seguinte declaração: "O Sr. João de Alencar, em commissario da Alimentaçaõ Publica, foi enviado pelo ministro da Agricultura para uma comissão de estudo."

o patriotismo e a escola

João Lago é um jornalista da escola. Ninguém pode, por envia da sua instigação publicista, tão grande, que lhe dá margem para se deparar á porta dos outros, embora faça questão de se conservar tambem publicista de sua terra.

Não era preciso invocar o testemunho de ral das convivas de um bandeiro em que se arremeteram elementos varios, reforçados pelo corpo dos commissarios do "O Paiz".

Éra tambem desnecessario que João Lago recorre-se ao expediente da incoherencia, fantasiando situações e attitudes, que as collecções desta folha eloquentemente desmentem.

Perden João Lago uma excelente occasião de ficar calado. O valor de seus argumentos e affirmacões se mede pela sua incoherencia e inverosimilhança.

Foi assim que não vacillou em afirmar que se ficara jornalista "na Universidade de Coimbra, um dos estabelecimentos de ensino superior da Europa, mais sãmas, mais respeitado e das mais gloriosas e nobres", no mesmo tempo que lamburava, chegando ao Brasil "com dezesseis annos de idade".

A precocidade de João Lago foi, de facto, extraordinaria. Só um predestinado conseguiria, em tão terra cidade, na cidade em que os outros iniciam os cursos academicos, sair jornalista formado dos bancos universitarios da tradicional Coimbra.

Lago deixa a perder de vista Munkhausen.

A audacia de concepção de sua biographia acadêmica é, de excessiva, pela usada com que pretende impingir um projecto do Pinheiro Machado de fuzil-deleputado no Congresso brasileiro.

Divergimos profundamente do senador gaúcho. Combatemos sempre os seus processos, mas sempre faziamos a injustiça do columnial-o.

Pinheiro Machado nunca se lembrou de fazer João Lago deputado ou senador. O chefe rio-grandense tinha graves falhas, seria capaz de desarranhos e excessos, mas não era um Galgães.

O excessos de fantasia de João Lago perturbam-lhe a coherencia e a consciencia das coisas.

É por isso que, embora affirmando-se portuguez — portuguez que não quer perder a sua nacionalidade, nem mesmo para ser representante do Brasil — leu a deslucidez de declarar que, pelo seu jornal, "procurou mostrar como por todos os motivos de ordem moral e MATERIAL, o Brasil devia entrar na guerra".

É irritante e intoleravel a seu estrangeiro, fazendo furtivo em comprometer a sua qualidade de escriptor, tenha o tope de se indolomter em nossa vida íntima, pretendendo diclar regras de conduta nacional, em assumptos de nosso exclusivo interesse, na contribuição de um tributo de sangue do nosso

Estado de uma doctores e facturas.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

O patriotismo e a escola

João Lago é um jornalista da escola. Ninguém pode, por envia da sua instigação publicista, tão grande, que lhe dá margem para se deparar á porta dos outros, embora faça questão de se conservar tambem publicista de sua terra.

Não era preciso invocar o testemunho de ral das convivas de um bandeiro em que se arremeteram elementos varios, reforçados pelo corpo dos commissarios do "O Paiz".

Éra tambem desnecessario que João Lago recorre-se ao expediente da incoherencia, fantasiando situações e attitudes, que as collecções desta folha eloquentemente desmentem.

Perden João Lago uma excelente occasião de ficar calado. O valor de seus argumentos e affirmacões se mede pela sua incoherencia e inverosimilhança.

Foi assim que não vacillou em afirmar que se ficara jornalista "na Universidade de Coimbra, um dos estabelecimentos de ensino superior da Europa, mais sãmas, mais respeitado e das mais gloriosas e nobres", no mesmo tempo que lamburava, chegando ao Brasil "com dezesseis annos de idade".

A precocidade de João Lago foi, de facto, extraordinaria. Só um predestinado conseguiria, em tão terra cidade, na cidade em que os outros iniciam os cursos academicos, sair jornalista formado dos bancos universitarios da tradicional Coimbra.

Lago deixa a perder de vista Munkhausen.

A audacia de concepção de sua biographia acadêmica é, de excessiva, pela usada com que pretende impingir um projecto do Pinheiro Machado de fuzil-deleputado no Congresso brasileiro.

Divergimos profundamente do senador gaúcho. Combatemos sempre os seus processos, mas sempre faziamos a injustiça do columnial-o.

Pinheiro Machado nunca se lembrou de fazer João Lago deputado ou senador. O chefe rio-grandense tinha graves falhas, seria capaz de desarranhos e excessos, mas não era um Galgães.

O excessos de fantasia de João Lago perturbam-lhe a coherencia e a consciencia das coisas.

É por isso que, embora affirmando-se portuguez — portuguez que não quer perder a sua nacionalidade, nem mesmo para ser representante do Brasil — leu a deslucidez de declarar que, pelo seu jornal, "procurou mostrar como por todos os motivos de ordem moral e MATERIAL, o Brasil devia entrar na guerra".

É irritante e intoleravel a seu estrangeiro, fazendo furtivo em comprometer a sua qualidade de escriptor, tenha o tope de se indolomter em nossa vida íntima, pretendendo diclar regras de conduta nacional, em assumptos de nosso exclusivo interesse, na contribuição de um tributo de sangue do nosso

Estado de uma doctores e facturas.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

Resumindo todos os pontos de vista, não nos dá ao trabalho de intervir, como vinha fazendo, ostensivamente, na politica de Pernambuco.

TAPEÇARIAS

Tapetes, Cortinas, Stores, Linoleums, e todos os artigos d'este ramo pelos menores preços

Instalações completas de todos os generos

Execução rapida e perfeita

Preços sem competencia

PARC ROYAL

ILEGIVEL

Grill-room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Grill-Room

(Fino serviço de refeições á minuta) Aberto até 1 hora da manhã

Pavimento terreo do RIO HOTEL

Praca Tiradentes

Figura 79 - Anúncio do restaurante do Rio Hotel - Grill Room. Fonte: O Imparcial, n. 1192, 1919

3.4. O edifício no Centro de hoje

O edifício existe ainda hoje, na esquina das ruas da Carioca e Silva Jardim (fig. 80), mas encontra-se desocupado, sem uso, exceto pelo comércio no nível da rua – uma loja de instrumentos musicais ocupa o térreo da edificação, tipo de comércio que se mostra presente em imóveis vizinhos; ramo de mercado característico da rua da Carioca.

Atualmente, o imóvel é tombado sob a tutela do órgão municipal de patrimônio cultural, o IRPH – Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – como parte integrante do *Sítio Cultural da Rua da Carioca*, por meio do decreto 37.273, de 12 de junho de 2013.¹⁸⁷:

“Parágrafo único. Fica incluído no tombamento as fachadas, com todos os elementos arquitetônicos, a cobertura e volumetria dos imóveis; [...]

[...] Art. 5º O licenciamento, a mudança de uso ou a mudança de perfil de atividade econômica, inclusive concessão de alvarás de qualquer natureza, para todas as atividades exercidas em unidades imobiliárias com testada para o logradouro no Sítio Cultural da Rua da Carioca, ficam condicionadas a análise prévia do órgão de tutela municipal de patrimônio cultural – IRPH.”

188

Em relação a sua abrangência, reconhecendo o valor histórico-cultural da região, o decreto de tombamento:

“Compreende o eixo integral da Rua da Carioca, importante logradouro do Corredor Cultural, com seus inúmeros imóveis ligados à história e memória cultural da cidade. Este local singular abriga atividades econômicas tradicionais, sítio notável, de rico significado com caráter central no Rio de

¹⁸⁷ Decreto nº 37273 de 12 de junho de 2013, **Prefeitura do Rio de Janeiro** Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122140/306DECRETO37273SítioCulturaldaRuadaCarioca.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

¹⁸⁸ Ibidem.

Janeiro, a partir do século XVIII. Hoje é um marco simbólico, que representa a síntese da identidade carioca e seu 'modus vivendi' " 189

Desse modo, dentre os demais imóveis que fazem parte do conjunto protegido, destacam-se estabelecimentos comerciais tradicionais centenários, como o Bar Luiz, a loja de instrumentos musicais A Guitarra de Prata e a loja de guarda-chuvas Vesúvio. Diferentemente do Rio Hotel, os edifícios integrantes do Sítio Cultural da Rua da Carioca apresentam altura mais modesta – com 2 ou 3 pavimentos de altura. As edificações, coladas nas divisas, se apresentam como sobrados – contam com térreo comercial, aberto para a rua, e, nos pavimentos superiores, janelas do piso ao teto, com sacadas voltada para a via pública. Nesse sentido, considerando o gabarito de seu entorno imediato, na preservada Rua da Carioca, é possível compreender o destaque conferido ao edifício do Rio Hotel no momento de sua inauguração.

Contudo, se no início do século XX o estabelecimento da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* se apresentava à cidade como um grande hotel, reconhecido como um arranha-céu inspirado nas construções norte-americanas, o mesmo não pode ser apreendido ao avistá-lo no Rio de Janeiro de hoje (fig. 80). Como mencionado anteriormente, o desmonte do morro de Santo Antônio, na década de 1950, fez com que um expressivo espaço na área central da cidade pudesse ser ocupado. No lugar do relevo, uma esplanada, onde foram construídos entre as décadas de 1960 e 70, na recém-inaugurada Avenida República do Chile, a Catedral Metropolitana da cidade e os edifícios-sede de três importantes estatais – Petrobras, BNH e BNDES, fazendo com que a região passasse a se configurar como um importante centro de decisões nacionais. Desse modo, a Esplanada de Santo Antônio e os edifícios em altura ali construídos são, ainda, compreendidos como um capítulo importante da história de verticalização da cidade. 190

¹⁸⁹ **Guia do Patrimônio Cultural Carioca: Bens Tombados 2014** / coordenação geral Washington Fajardo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, 2014, p.108.

¹⁹⁰ Atualmente, a Avenida República do Chile também abriga os edifícios Rio Metropolitan (década de 1990, projetado por Paulo Casé) e Ventura Towers (anos 2000, projetado por Aflalo & Gasperini).



Figura 80 – Vista atual do entorno do edifício do antigo Rio Hotel, que aparece, assim como a Praça Tiradentes, sinalizado em amarelo
Fonte: Google Earth, com inserção própria.

Na figura, além dos edifícios construídos na Esplanada de Santo Antônio, foram destacados:

- o edifício comercial Centro Paulista. Ocupado por pequenas e médias empresas, está situado à Praça Tiradentes, nº 10 e possui 31 pavimentos de altura, configurando-se como o edifício mais alto da praça;
- o Hotel Ibis. Situado à Rua Silva Jardim, nº32, o edifício está implantado no lado oposto do terreno do antigo Rio Hotel. Acredita-se que o estabelecimento deve atender a viajantes que passam pelo Rio de Janeiro a negócios e que optam por uma opção de estadia acessível e próxima a sede de grandes empresas e corporações;
- o edifício Avenida Central. Como já analisado anteriormente, está situado na Avenida Rio Branco e no Largo da Carioca e foi erguido onde antes estava a Galeria Cruzeiro e o Hotel Avenida.

Além disso, em relação à função do edifício como hotel, pode-se dizer que o Rio Hotel, assim como seus pares da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* foram perdendo, pouco a pouco, seu espaço para os edifícios que passaram a ser construídos no que hoje se entende como Zona Sul da cidade. Segundo Fratucci et al:

“A concentração do espaço do turismo na Zona Sul da cidade concretiza-se, principalmente, a partir da construção do Aterro do Flamengo, no início dos anos de 1950. Essa obra pode ser considerada fundamental para a reestruturação urbana da cidade e para a consolidação da orla litorânea da Zona Sul como área residencial preferida pelas classes mais privilegiadas e como área funcional turística, colaborando para a transferência definitiva do quantitativo de meios de hospedagem para a Zona Sul, em detrimento de sua área de concentração anterior, no centro da cidade.”^{191 192}

Assim, é possível traçar relação entre o que foi posto pelos autores e o momento de demolição dos grandes hotéis centrais analisados ao longo do trabalho – derrubados, em sua maioria, nas décadas de 1940 e 1950, no contexto de verticalização da área central da cidade, que passou a ser povoada por elevadas torres de escritórios e empresas. Nessa perspectiva, o Rio Hotel se apresenta como representante derradeiro da história dos hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* inaugurados entre os anos de 1908 e 1922, em uma paisagem profundamente alterada.

¹⁹¹ FRATUCCI, A. C.; SPOLON, A. P. G.; TOMÉ MACHADO, M. DE B. O turismo no Rio de Janeiro: da tríade praia-futebol-carnaval à complexidade da experiência turística contemporânea. In: PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. (Eds.). . **Turismo na América Latina: casos de sucesso**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. p. 81–112, p.87.

¹⁹² Fratucci et al (*apud* Trigo e Spolon) destacam alguns estabelecimentos que foram inaugurados na Zona Sul da cidade entre os anos de 1945 e 1990 – os hotéis Castro Alves (1948), Hotel Novo Mundo (1950), Leme Palace (1964), Hotel Nacional (1971), Hotel Intercontinental Rio (1974), Hotel Sheraton Rio (1974), Le Meridien (1975), Rio Othon Palace (1979), Caesar Park (1979), Rio Antlântica (1989), dentre outros.

CONCLUSÃO

“Nada é natural nas cidades. Desde que apropriadas pelo homem até seus parques nativos, se tornam elementos de uma paisagem cultural, moldada pelos desejos, pelos sonhos e pela ação antrópica. Assim, e muito mais, são suas ruas, suas praças, seus espaços de diversão e lazer, e seus prédios, desde o mais modesto sobrado preservado até o mais alto arranha-céu. Tudo faz parte de um ambiente construído segundo o seu tempo, suas forças sociais, suas culturas.”¹⁹³

A investigação dos processos de construção e arrasamento dos grandes hotéis centrais do Rio de Janeiro, inaugurados entre 1908 e 1922, elucida as constantes transformações de uma cidade em busca da modernidade. Nesse contexto, partindo do propósito de analisar momentos negligenciados pela historiografia moderna da arquitetura ou mesmo dos estudos da história dos hotéis e das origens do turismo, o presente trabalho retoma a inquietação: como ocorreram a construção e o desenvolvimento da cidade fora das condições excepcionais dos grandes eventos?

Com base nessa questão, registra-se a relevância do programa grande hotel e de seus significados sociais, configurando-se como um dispositivo expressivo da modernidade, e como parte integrante de um projeto de atração de visitantes e de capital estrangeiro para o então Distrito Federal. Assim, se por um lado, não é possível atestar que o Brasil conhecesse o turismo como atividade organizada nas primeiras duas décadas do século XX, deve-se apontar as grandes exposições de 1908 e 1922; as reformas urbanas; e os grandes hotéis estudados como elementos essenciais para a compreensão do processo de consolidação do turismo na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda nesse sentido, a presente pesquisa levanta a existência de uma companhia de hotéis anterior a reconhecida *Companhia Hotéis Palace*, do Hotel Copacabana Palace, frequentemente vinculado às origens do turismo organizado no Brasil. No momento de inauguração dos estabelecimentos estudados, no período compreendido entre as duas grandes exposições, o poder público não tinha atuação expressiva no

¹⁹³ PINHEIRO, A. I. F. Introdução. In: CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019, p. 17..

setor hoteleiro. Assim, as iniciativas se apresentavam, muitas vezes, como ações isoladas, que surgiam como propulsoras do desenvolvimento turístico no país. Nesse sentido, a *Companhia dos Grandes Hotéis Centrais* deve ser reconhecida e incluída como uma iniciativa precursora na história dos hotéis do Rio de Janeiro. Seus membros foram responsáveis pela criação de uma rede hoteleira que abrangia sobretudo o então Distrito Federal, mas que incluía também outras cidades do sudeste do país.

Além disso, comprova-se que a história dos grandes hotéis centrais se mistura com o próprio processo de verticalização da então capital do país, partindo do entendimento de que os arrasamentos, tanto do espaço natural como do espaço construído, estão vinculados a incessante busca pela modernização da cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX. Desse modo, os edifícios estudados se apresentam como testemunhas das sucessivas sobreposições urbanas e arquitetônicas no Centro da cidade, a partir de dois momentos distintos de verticalização e remodelação urbanas, ambos associados a diferentes noções de modernidade.

Nesse âmbito, no momento de abertura da Avenida Central, o Centro da cidade do Rio de Janeiro configurava-se como principal núcleo urbano carioca, num contexto em que “as cidades modernas passaram a se constituir como atrativo turístico, não apenas pela sua beleza natural, mas principalmente pela sua forma artificial, patrimônio cultural e constituição como centros de negócios e de compras.”¹⁹⁴ Naquele momento, realizou-se o arrasamento do tecido urbano pré-existente a partir da construção de uma nova imagem de cidade que, contando com a recém-inaugurada avenida como seu principal retrato, estava vinculada ao que se entendia como modernidade à época – a cidade de Paris e edifícios associados ao sistema Beaux-Arts e à tradição da arquitetura eclética.

Contudo, no momento de demolição dos grandes hotéis, o Centro da cidade do Rio de Janeiro parecia não comportar os mesmos usos e símbolos de outrora. Os edifícios

¹⁹⁴ FRATUCCI, A. C.; SPOLON, A. P. G.; TOMÉ MACHADO, M. DE B. O turismo no Rio de Janeiro: da tríade praia-futebol-carnaval à complexidade da experiência turística contemporânea. In: PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. (Eds.). **Turismo na América Latina: casos de sucesso**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. p. 81–112, p.84.

do início do século XX foram demolidos para abrir espaço para uma outra, agora nova modernidade. Por mais que a análise do momento de arrasamento dos edifícios não tenha se configurado como foco do trabalho, foram levantados alguns fatores que, conjuntamente, poderiam estar relacionados ao processo de demolição dos hotéis, como: a valorização da orla como atrativo turístico e a consolidação do deslocamento da cena do turismo e dos hotéis para a Zona Sul; a intensificação da verticalização da cidade, aliada à especulação imobiliária e à valorização do uso do solo na área central; a alteração de usos no Centro do Rio de Janeiro e sua consolidação como núcleo comercial-empresarial da cidade; as alterações nos modelos de modernidade e a busca por uma arquitetura que estivesse condizente com as novas imagens de progresso.

Além disso, a pesquisa também constata a ampliação do repertório de referências da arquitetura de hotéis construídos na cidade no período estudado. Aponta-se a admiração e importação de modelos não mais associados somente ao que se entendia como modernidade no *velho continente*, mas uma procura por incorporar o que passava a ser idealizado e construído no *novo mundo*, do qual o Brasil e sua capital se empenhavam para fazer parte. As inovações técnicas norte-americanas e a ideia de verticalidade dos edifícios começavam a ser amplamente inseridas nos grandes hotéis centrais inaugurados no início do século XX que, abrigando um programa habitacional, eram considerados referência em relação aos novos modos de construir e morar na cidade.

Em relação à inserção urbana dos edifícios, evidencia-se a concentração de iniciativas, no início do recorte temporal estudado, de grandes hotéis na recém-inaugurada Avenida Central. Nos anos seguintes, o presente trabalho constata a profusão de edifícios administrados pela *Companhia dos Grandes Hotéis Centraes* inaugurados em praças e largos do Centro da cidade. Os espaços analisados, com particularidades e características próprias que se relacionavam com o público-alvo de cada estabelecimento, configuravam-se como importantes centralidades à época, de significativa vocação cultural, social e/ou comercial.

Ainda no período analisado, reafirma-se o direcionamento das hospedagens para o que se entende como Zona Sul carioca, na orla da cidade – processo que se

potencializa no fim do recorte temporal estudado, na ocasião da grande Exposição Internacional da década de 1920. Nesse sentido, os novos grandes hotéis reforçavam não apenas a expansão urbana do Rio de Janeiro, como apontavam também para uma nova orientação do que se consolidaria como o imaginário turístico da cidade do Rio de Janeiro – a cultura do balneário. Desse modo, constata-se ainda que tais estabelecimentos construídos à beira-mar foram, dentre o recorte estudado, os edifícios preservados e que ainda hoje existem na vida urbana do Rio de Janeiro, mesmo que a maior parte não abrigue mais o programa *grande hotel*.

Contudo, quanto aos grandes hotéis centrais que ocuparam a cidade na primeira metade do século XX, não se pode dizer o mesmo. Os edifícios foram derrubados pouco tempo depois de sua inauguração – alguns deles antes mesmo de completar 30 anos de existência. O turismo se voltou para a orla da cidade. O Centro do Rio de Janeiro foi intensamente transformado. Os grandes hotéis centrais perderam seu prestígio e seu espaço na cidade. Os edifícios foram apagados. A edificação do antigo Rio Hotel sobreviveu como representante derradeiro do conjunto de hotéis da *Companhia dos Grandes Hotéis Centrais* inaugurados entre as exposições de 1908 e 1922. Por mais que não tenha tido o mesmo destino que seus pares, a construção que em 1919 era reconhecida como um grande hotel em arranha-céu resiste no centro da cidade do Rio de Janeiro, cem anos mais tarde, como um edifício de presença silenciosa, em uma paisagem profundamente alterada. Assim, escrever a história não contada dos grandes hotéis apagados pelas transformações da cidade é como reconstruir um capítulo esquecido; é como redesenhar a compreensão de uma época – do processo de modernização e de remodelações urbana e arquitetônica à construção de um imaginário turístico do país vendido internacionalmente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. DE A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Pereira Passos, 1987.
- Album da Cidade do Rio de Janeiro - comemorativo do 1º Centenario da Independencia do Brasil 1822-1922**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Districto Federal, 1922.
- Album de Exposição - órgão de propaganda nacional**. v. 01, n. 01, 1908.
- Álbum Photographias D. Federal 1911-1920**. Rio de Janeiro: [s.n.]. v.1
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BELCHIOR, E. DE O.; POYARES, R. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.
- Boletim Commemorativo da Exposição Nacional de 1908 - Directoria Geral de Estatistica**. Rio de Janeiro: Typographia da Estatistica, 1908.
- BORGES, V. L. B. **Os grandes hotéis no dia a dia da imprensa carioca na década de 1920: notas de história e turismo**. XXVII Simpósio Nacional de História - conhecimento histórico e diálogo social. **Anais...Natal**, RN: ANPUH Brasil, 22 jul. 2013Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 3 dez. 2019
- CABRAL, M. C. N.; PARAIZO, R. C. **Presença estrangeira: arquitetura no Rio de Janeiro (1905-1942)**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2018.
- CABRAL, M. C. **Arquitetos franceses no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX**. (A. T. B. Alvim, W. R. D. S. Junior, Eds.) **Anais do III ENANPARQ: Arquitetura, Cidade e Projeto: uma construção coletiva.. Anais...São Paulo**, SP: UPM; Campinas: PUC Campinas, 2014.
- CADERMAN, D.; CADERMAN, R. G. **O Rio de Janeiro nas alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 2ª edição, 2019.
- CANDIDA, S.; FREITAS, F. **O bota-abaixo que deu origem à Avenida Presidente Vargas**. jornal online. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/o-bota-abaixo-que-deu-origem-avenida-presidente-vargas-13858155>>. Acesso em: 26 out. 2020.
- CARDOSO, E. D. et al. **História dos bairros: Copacabana**. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Editora Index, 1986.
- CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Ed.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 80–87.
- _____. A natureza turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCCI JR., Á.; BARRETTO, M. (Eds.). **Turismo e identidade local - uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 117–126.
- CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CATTAN, R. C. DE M. **A Família Guinle e a Arquitetura do Rio de Janeiro: Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do novecentos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
- CONTIER, A.D. (coord/org); OLIVEIRA, A.A.; NETO, D.G.; BUONANO, D.G. A Praça Tiradentes: o urbanismo como espetáculo (1889–1930). **Caderno de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura**, v.3, n.1, p.91-104. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

Copacabana Palace. jornal online. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/12173-copacabana-palace>>. Acesso em: 11 out. 2020.

CORTÉS, M.; GAMBARRA, T. **Paisagens Urbanas Modernas. Ideia e construção do patrimônio balneário.** (A. M. G. Souza, R. E. Baeta, N. V. de A. Junior, Eds.) V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANAIS. **Anais...** In: ENANPARQ. Salvador, BA: FAU UFBA, 13 a 19 out. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27744>>

COSTA, J. **Livro conta a história do magazine Parc Royal, que ditou moda no Rio – Campanhas do magazine mostravam a beleza e a elegância da mulher como uma força soberana diante do homem.** jornal online. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/livro-conta-historia-do-magazine-parc-royal-que-ditou-moda-no-rio-16951818>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

COUTO, A. L. F. **Exposições Gerais de Belas Artes.** Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/exposicoes_gerais_de_belas_artes.php>. Acesso em: 7 jun. 2020.

Da Avenida Central à Rio Branco. jornal online. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/da-avenida-central-rio-branco-19324943>>. Acesso em: 11 out. 2020.

DAIBERT, A. B. D. Origens do Turismo Organizado no Rio de Janeiro: A Revista Brasileira de Turismo na Década de 1920. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 6, n. 2, p. 152–163, jun. 2014.

Decreto nº 37273 de 12 de junho de 2013, **Prefeitura do Rio de Janeiro.** Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122140/306DECRETO37273SiteoCulturaldaRuadaCarioca.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FERREZ, M. Fachada do Hotel Avenida. **Exposição Marc Ferrez: Território e Imagem.** Rio de Janeiro: IMS, 7 dez. 2019 a 15 mar. 2020.

FERREZ, M.; FERREZ, G. **O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez.** 3ª ed. São Paulo: Ex Libris; João Fortes Engenharia, 1989

FRATUCCI, A. C.; SPOLON, A. P. G.; TOMÉ MACHADO, M. DE B. O turismo no Rio de Janeiro: da tríade praia-futebol-carnaval à complexidade da experiência turística contemporânea. In: PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. (Eds.). **Turismo na América Latina: casos de sucesso.** Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. p. 81–112.

FREIRE-MEDEIROS, B. **O Rio de Janeiro que Hollywood inventou.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

GONÇALVES, C.C.; BRAIDA, F.; FILHO, A.C. A Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro: projetos, formas e apropriações no século XX. **Estudo em Design revista online**, v. 26, n. 01, p. 96-112, 2018. Disponível em <<https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/96>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

GRAHAM, S. L.; METCALF, A. C. **O cotidiano de Henriqueta nas ruas do Rio de Janeiro e dos anos de 1850.** Disponível em: <<https://www.arcgis.com/apps/Cascade/index.html?appid=82468bd1e5024198b9119234ddb322bc>>. Acesso em: 25 jan. 2021

Guia do Patrimônio Cultural Carioca: Bens Tombados 2014 / coordenação geral Washington Fajardo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, 2014.

GUIMARÃES, I. V. **Campo de Santana: de charco a palco privilegiado de manifestações populares e oficiais.** Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 05, 2011, p. 243-254.

HERMES, M. H. F. **Reflexões sobre as origens da tipologia hoteleira balneária carioca na década de 1920.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética.** Fortaleza: ANPUH,

Hotéis do século XIX e do início do século XX no Brasil. portal digital de iconografia de acervo. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=2950>>. Acesso em: 24 out. 2020.

KOSSOY, Boris. Os mistérios da fotografia. **Revista Continuum – Itaú Cultural: o olhar em fragmentos**, n. 13, p.17-23, ago. 2008.

LEVY, R. N. V. F. A exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca do início dos anos 20. **Artes & Ensaio - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / EBA / UFRJ**, v. 11, p. 39–43, 2004.

LOBO, S. From paid holidays to mass tourism: a typological evolution. **docomomo Journal - Architectures of the Sun**, n. 60, p. 4–7, 2019.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MENEZES, A. T. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro. 1808 – 1920.** Escola de Belas Artes: UFRJ, 1998.

MESQUITTA, C. Verbetes **SAMPAIO, Carlos – pref. DF 1920-1922.** acervo online. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Carlos.pdf>> Acesso em: 06 fev. 2021.

NEVES, C. Q. **Panorama Balneário Hotel: reflexão crítica acerca do abandono arquitetônico na paisagem urbana.** Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU: UFRJ, 2018.

O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo: fotografias de Augusto Malta, textos de Marques Rebelo e Antonio Bulhões. 4ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

O Rio do morro ao mar. Disponível em: <exposicoesvirtuais.an.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2020.

O'DONNELL, J. **Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio atlântico.** Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. **Anais...São Paulo**, SP: ANPUH-SP, 17 jul. 2011Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/>>. Acesso em: 26 abr. 2020

PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N. **O “grande hotel” moderno no Brasil e em Portugal.** (J. C. HUAPAYA ESPINOZA, Ed.)Anais do 13º Seminário Docomomo_Brasil: Arquitetura Moderna Brasileira. 25 Anos do Docomomo_Brasil. Todos os mundos, um só mundo. **Anais...Salvador**, BA: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia., 7 out. 2019Disponível em: <<http://www.inscricoes13docomomobrasil.ufba.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2020

PEREIRA, M. S. A Exposição Nacional de 1908 ou O Brasil visto por dentro. In: PEREIRA, M. S. (org.). **1908, um Brasil em exposição.** Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010, p.11-49.

PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico.** CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil): FGV, mar. 2011.

Rio 1908: a cidade de portos abertos. Disponível em: <exposicoesvirtuais.an.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2020.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História - viagens e viajantes*, v. 22, n. 44, p. 289–310, 2002.

SANTUCCI, J. C. **Babélica Urbe: o Rio nas crônicas dos anos 20**. Rio de Janeiro: IPPUR UFRJ, 2012.

SEGAWA, H. **As praias desertas continuam esperando por nós dois: o Flamengo e o Hotel Central**. (H. C. Vargas, C. Maraschin, Eds.) Anais do VI Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem-CINCCI. **Anais...Porto Alegre**, RS: FAUUSP/LABCOM, São Paulo, 3 set. 2018 Disponível em: <<https://comercioecidade.com/anais/>>. Acesso em: 2 jan. 2020

SEGRE, R; VILAS-BOAS, N; KOATZ, G. D.; TILL, J. **O Largo da Carioca no Rio de Janeiro: complexidades de um espaço urbano**. XII SHCU Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. **Anais...Porto Alegre**, RS, 15 a 18 out. 2012.

SILVA, M. S. B; SPOLON, A. P. G. “**Alô, é do Copa**”? **O telefone e a história da hotelaria carioca**. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 14, n.02, p. 01-26, agosto de 2017.

SISSON, R. **Espaço e poder: os três centros do Rio de Janeiro e a chegada da Corte Portuguesa** = Space and power: the three centers of Rio de Janeiro and the arrival of the Portuguese Court [tradução de Marcia Barbosa Serra]. Rio de Janeiro: Arco, 2008.

SPOLON, A. P. G. Breve história dos meios de hospedagem no Brasil e no mundo. In: SILVA, W. C. D. et al. **Hotelaria**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014, p. 07-34.

Tabela 1.6. População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010. **IBGE**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

TOSTÕES, A. The right to holidays or the emergence of an era of optimism. **docomomo Journal - Architectures of the Sun**, n. 60, p. 3–3, 2019.

VELHO, G. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, G. (Ed.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 11–23.

- Acervos

Brasileira Fotográfica. portal digital de iconografia de acervo. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br>>

CPDOC FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. consulta ao acervo do CPDOC. Disponível em: < <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>

Hemeroteca Digital Brasileira. portal digital de periódicos nacionais. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>

imagineRio. atlas digital pesquisável. Disponível em: <<https://imagerio.org/#pr>>.

Inventário dos Monumentos RJ. Disponível em: <<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/>>

▪ Periódicos da época de inauguração dos hotéis (anos 1910 e 1920)

66.920 'touristes' transitaram, em 1916, pelos hotéis que se acham sob a direcção combinada com a Companhia dos Grandes Hoteis Centraes. **A Rua**, n. 80, p.08, 24 mar. 1917

A catastrophe da manhã de hontem. **Correio da Manhã**, v. 16, n. 6679, p.03, 08 jun. 1917.

A derrocada fatidica! - o edificio em construcção do 'York-Hotel' ruiu, sepultando mais de trinta operarios - Hontem, nos escombros foram encontrados trinta feridos e vinte e quatro cadaveres!. **Gazeta de Noticias**, v. 42, n. 158, p.01, 08 jun. 1917

Abre-se no Rio, amanhã, mais um hotel modelo – O Hotel Vera Cruz realiza a perfeição na moderna hospedagem. **Correio da Manhã**, v.22, n.8585, p. 03, 06 set. 1922.

Barbacena possui um hotel moderno: o maior e mais luxuoso hotel de Minas Geraes - a cidade de Barbacena e o seu clima - a Companhia dos Grandes Hoteis Centraes e o turismo no Brasil - Notas e impressões. **Jornal do Commercio - edição da tarde**, p. 03, 28 mar. 1918.

Cautela e caldo de gallinha. **O Malho**, v. 16, n. 771, p.40, 23 jun. 1917.

Chronica. **O Malho**, v. 16, n. 770, p.06, 16 jun. 1917.

Em torno ao problema das habitações – Será amanhã inaugurado o Hotel Vera Cruz – O que representa esse grande estabelecimento. **Gazeta de Noticias**, v.47, n.205, p. 03, 06 set. 1922.

Entre dois elegantes. **Para Todos**, n. 25, p. 07, 1919.

Fluminense Hotel. **A Lanterna – jornal da noite**, n. 13, p. 04, nov. 1916.

Fluminense Hotel. **Jornal do Commercio**, n. 113, p. 20, 23 abr. 1916.

Fluminense Hotel. **O Século**, n. 1293, p. 05, 25 ago. 1912.

Grandes Hoteis Centraes. **Almanach Eu Sei Tudo**, n. 02, p. 2-5, 1922.

Grandes Hoteis Centraes – Hotel Véra-Cruz. **Almanach Eu Sei Tudo**, n. 05, p. 4, 1925

Hoteis - art. 279. **Almanak Laemmert**, n. 78-79, p. 1788-1789, 1922.

Hoteis Centraes recomendáveis – Rio de Janeiro. **Archivos de Assistência à Infância**, n. 02, jul-dez, 1925.

Hotel Avenida. **Fon Fon**, n. 45, p. 55, 1915.

Hotel Vera Cruz. **O Jornal**, v.04, n.1113, p. 05, 01 set. 1922.

Hotel Vera Cruz. **O Paiz**, v.38, n.13831, p. 05, 02 set. 1922

Inaugurou-se o Rio-Hotel - mais um estabelecimento de luxo para o carioca. **A Noite**, n. 2534, p. 05, 2 jan. 1919.

O New York Hotel, do Rio, e os hoteis de New York. **Revista da Semana**, v. 17, n. 39, p. 29, 4 nov. 1916.

O Rio architectonico. **Revista da Semana**, v. 17, n. 37, p.30, 21 out. 1917.

O Rio de Janeiro e os seus Hoteis. **Vida Doméstica**, n. 27, p.17, 30 abr. 1922.

O Rio-Hotel - a sua inauguração amanhã. **Gazeta de Notícias**, n. 363, p. 04, 31 dez. 1918.

O telephone e a sua utilidade - Na America do Sul e na Europa Occidental - para que serve o telephone - como se serve o publico - para que se sigam os exemplo. **Correio da Manhã**, v.23, n.8968, p. 02, 28 set. 1923.

Onde nos devemos hospedar no Rio? **Revista da Semana**, v. 19, n. 07, p. 51, 23 mar. 1918.

Os grandes hoteis - Rio-Hotel. **Fon Fon**, v. 13, n. 2, p. 32, 11 jan. 1919.

Os Grandes Hoteis Centraes. **Fon Fon**, v. 11, n. 14, p. 30–34, 7 abr. 1917.

Progrès et Lacune. **L'Étoile du Sud - journal politique, litteraire et financier**, p. 01, 26 nov. 1911.

Quais os hoteis que devemos preferir no Rio de Janeiro? **Jornal das Moças**, n. 47, 1916.

Rio-Hotel. **Fon Fon**, v.15, n. 31, p. 40, 30 jul. 1921.

Rio Palace Hotel. **Jornal das Moças**, v. 02, n. 36, 1 nov. 1915.

Rio-Palace-Hotel - Uma bella vivenda em pleno coração da cidade - o novo edificio do largo de S. Francisco satisfaz as exigencias para que foi construido. **Jornal do Brasil**, n. 290, p. 07, 17 out, 1915

Rio-Palace Hotel - um estabelecimento modelar. **Revista da Semana**, n. 37, p. 40–41, 1915.

Um estabelecimento modelar – Hotel Vera Cruz. **Correio da Manhã**, v.22, n.8695, p. 05, 26 dez. 1922.

Um estabelecimento modelo – Os Armazens Grandella. **Dom Quixote**, v.03, n. 88, p. 07, 15 jan. 1919.

Um grande estabelecimento modelar. **Para Todos**, n. 05, p. 02, 1919.

Um novo plano de não pagar aos hoteleiros. **A Rua**, n. 338, p. 04, 07 dez. 1915

Victimas do trabalho - A derrocada de um grande predio em construcção - Como um castelo de cartas... - Sobe a dezenas o numero dos mortos e feridos - Na rua da Carioca, esquina da rua Silva Jardim - O Sr. Presidente da Republica visita o local do sinistro, os mortos e feridos -- Movimenta-se a generosidade da população carioca em favor das familias ao desamparo. **Jornal do Brasil**, v. 27, n. 159, p. 07-08, 08 jun. 1917.

- Periódicos da época de demolição dos hotéis (anos 1940 e 1950)

A Galeria Cruzeiro voltará a existir. **O Mundo Ilustrado**, v.5, n. 47, p.16 e 46, 20 nov. 1957.

A rebelião lírica do Hotel Avenida. **Manchete**. n.274, p.66-69, 20 jul. 1957.

Cidade vertical nasce da tradição da galeria. **O Mundo Ilustrado**, n. 180, p. 25-27, 03 jun. 1961.

Devemos Estimular a Construção de Hotéis. **O Observador Econômico e Financeiro**, n. 101, p.78-85, 1944

Edifício Patriarca. **Correio da Manhã**, v. 50, n. 17733, p.01, 07 jan, 1951.

Era uma vez um hotel...**A Noite**, n. 15659, p.09, 02 jul. 1957.

Galeria Cruzeiro – outra tradição que desaparece. **Revista da Semana**, n. 44, p. 44-46, 03 nov. 1956

Interditado o hotel pela prefeitura – o prédio estaria ameaçado de desabamento – vários hóspedes desalojados, inclusive vinte e cinco famílias. **A Noite**, v. 45, n. 15389, p.08, 1956.

Na nova construção não haverá galeria. **Tribuna da Imprensa**, n.2214, p.02, 13-14 abr. 1957.

Não há hotéis para os turistas - O problema da hospedagem no Rio de Janeiro – O mau hábito do quarto sem banheiro – Quarenta e um estabelecimentos com três mil quartos – O cambio negro da locação – Hotéis para as classes medias. **Diário Carioca**, v. 18, n. 5281, p. 03 e 08, 02 set. 1945.

Restam oito prédios apenas! **A Noite**, v.31, n. 10659, p. 21 e 23, 13 out. 1941

Sólida estrutura e o sêlo das obras realizadas dentro dos mais modernos requisitos da técnica, eis o “Avenida Central”. **O Cruzeiro**, n. 45, p.69-72, 22 ago. 1959

Vão ruindo os ultimos baluartes do quarteirão – O Parque Hotel e o Fluminense Hotel começaram a ser demolidos. **Diário da Noite**, n. 3390, p. 03, 16 out. 1941